BIBLIOTHECA MORÉ

RICARDO GUIMARÃES

IMPRESSÕES DE VIAGEM

CADIZ, GIBRALTAR, PARI
E LONDRES

PORTO
Viuva Moré — Editora
PRAÇA DE D. PEDRO
1869

IMPRESSÕES DE VIAGEM

RICARDO GUIMARÃES

IMPRESSÕES DE VIAGEM

CADIZ, GIBRALTAR, PARIZ E LONDRES

PORTO
Viuva Moré — Editora
PRAÇA DE D. PEDRO
1869

AO MEU PRESADO AMIGO

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

CONSELHEIRO D'ESTADO EFFECTIVO,
MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO

EM TESTEMUNHO

de muita consideração e reconhecido affecto

O. D. C.

O auctor.

AO LEITOR

Um dos nossos mais primorosos engenhos, e uma das glorias mais brilhantes da tribuna portugueza, o snr. Rebello da Silva, traçou, ha 5 annos, a nosso respeito algumas linhas publicadas então no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, em que, á parte a apreciação injustamente benevola das nossas pobres faculdades, o leitor ha de achar com prazer aquelle estylo a um tempo casto, imaginoso, limpido, e scintillante, que é um dos distinctivos mais caracteristicos e attrahentes da individualidade litteraria, tão vigorosamente accentuada, do eminente romancista e historiador.

«O Opusculo (1) do snr. Ricardo Guimarães, escrevia elle, não só se deixa lêr, como dizia madame

(1) Episodios e Narrativas da Vida Politica e Parlamentar. 1 Vol. de 284 paginas. Lisboa, Typographia Universal. Edição de mil exemplares, esgotada.

de Sévigné, mas tem o raro merecimento de *se fazer lêr* todo, sem cançasso e com prazer.

«As paginas dedicadas a commemorar a memoria de Passos Manoel honram a saudade d'aquelle nobre vulto, e commovem em mais de um lance pela nodoa amoravel de um affecto sincero. A descripção heroe-comica dos bastidores da camara durante as alternativas da formação dos ministerios está traçada com viveza e similhança taes, e um sal tão fino e picante, que nada deixam a desejar. A pintura da bella e inspirada figura de José Estevão no ultimo discurso, que encerrou, com vida tão curta nos annos e tão rica ainda nas promessas, a sua explendida carreira na hora de fructificação, é uma pintura digna do orador e dos seus triumphos, e sem inveja poderia comparar-se a algumas de Cormenin no livro consagrado á eloquencia moderna da França. Finalmente, o esboço, tão variado e malicioso dos ultimos momentos da sessão legislativa nas vesperas do encerramento, faz lembrar involuntariamente o riso meio reprimido de Boileau e abona a capacidade do escriptor para desenhar naturalmente e com relevo scenas de costumes e episodios de viagem.»

Depois de escripto o presente volume, affigura-se ao auctor, que a obra concluida está bem longe

de corresponder ao horoscopo, mais animador do que seguro, do generoso escriptor. Convencido profundamente d'esta verdade, e sem falsa modestia, o auctor desde já invoca a benevolencia do leitor, como o porto hospitaleiro aonde possa abrigar-se das tempestades da critica desabrida.

O auctor não acredita, como tantos homens illustres do seu tempo, que só se passa á posteridade, legando á geração contemporanea o testamento litterario das nossas viagens por este mundo sublunar. Pelo contrario, crê que a moda d'escrever livros de viagens é inspirada pela consciencia intima da nossa propria obscuridade.

Nós, os homens de hoje, se não podemos aspirar a ver insculpidos no bronze da columna Vendôme os nossos feitos e gentilezas de Napoleões ineditos, porque o seculo não se presta aos heroes, consignamos ao menos em folhas volantes de papel os kilometros percorridos, descrevemos as romagens á Meca das exposições, avivamos pela escripta a memoria de episodios vulgares de estalagem, e agigantamos pela optica do estylo as sensações, que se nos apoderaram do espirito, e que nos inflammaram a imaginação, diante das maravilhas de Londres, de Pariz ou de Constantinopla.

Viajar hoje equivale, com pouca differença de

dinheiro e de cançasso, ao classico fóra da terra, que povôa de colonias elegantes no verão as encostas verdejantes de Cintra e do Bussaco, e no outono as margens do Tejo, ou as costas do Oceano.

Até se acabou para o escriptor a mina fertil das aventuras, outr'ora tão explorada.

Quem improvisaria hoje surpresas, assassinios, por essas estradas aonde reina uma dictadura de virtude universal, que chega a enfastiar o proprio Satanaz?

Graças á monotonia da locomotiva, ficou muito reduzido o *menu* dos terrores de estrada real. Fugiram das encruzilhadas os salteadores, e vieram sentar-se commodamente ao nosso lado em wagões de primeira classe, entre pessoas de bem, d'onde resulta serem ás vezes roubados... os ladrões.

Fallece o animo, não ha desplante possivel de escriptor que affronte a sangue frio o ridiculo de inventar uma tempestade nas solidões do mar debaixo de um céo sinistro de melodrama, e cambaleando o vapor como um Cyclope embriagado, na crista das vagas empoladas.

Chegamos a um tempo, oh desespero! em que se viaja invariavelmente em mar de rosas, na estação mais aprazivel do anno, quando os Genios da procella desampararam os abysmos profundos das on-

das para fazerem *villegiatura* nas regiões amenas da terra, ao calor do sol que lhes enxuga as melênas humidas.

As grandes aventuras são quasi tão *rococós* como os suspensorios de missanga e os jogos de prendas, e tão anachronicas como as modinhas garganteadas pelas elegantes patriotas de 1820, vestidas d'azul e branco ao lado de um piano perennemente constipado, que, pela sua magreza, precisava de respirar as brisas temperadas da ilha da Madeira.

Que resta pois? Contar singelamente o escriptor o que viu, esboçar as scenas e descripções do itenerario com o lapis ligeiro do observador, e avivar pelos toques do estylo as impressões recebidas, para que não se apaguem de todo. Se por acaso o auctor arrancar da palheta côres mais opulentas, n'um ou n'outro lance, não o fará senão quando extasiado no culto da natureza ou da arte sentir necessidade de communicar ao leitor a febre que o escaldou diante de uma perspectiva grandiosa, de uma paisagem risonha, de um quadro de Rubens ou de Veroneso, de um grupo de Canova, ou de uma estatua de David.

Fóra das commoções do bello, que elevam a alma do artista, alteando-lhe o estylo, a penna hade voar sobre as paginas com a rapidez vertiginosa com que

os viajantes de hoje transpõem os mares e as montanhas nas azas do vapor.

Em quanto tantas vozes engrossam n'um côro tumultuoso para salvar ou perder a patria, seja licito ao auctor apartar-se por instantes do meio da celeuma, e escrever um livro essencialmente modesto nos seus intuitos, cuja unica ambição é a de furtar algumas horas ao tedio devorador da vida quotidiana, aonde por entre as raras flôres da imaginação brotam, suffocando-as, as urzes bravas da realidade.

Ricardo Guimarães.

CADIZ

I

No vapor Tagus

Não póde imaginar-se vapor mais saltitante, nem de mais communicativa coreographia, do que o *Tagus* em que embarquei para Cadix.

Nós os passageiros, que ficamos na tolda ao ar livre, dançamos um bailado forçado de quatorze horas na cadencia violenta do balanço. Em volta de nós grasna um bando d'officiaes inglezes. A outro lado discutem a politica europea tres caixeiros-viajantes francezes, carregados d'amostras e de pretenção. Acocoradas a curtir os tormentos do enjôo, jazem duas inglezas velhas, em cujos rostos não se decifram indicios alguns do sexo feminino, a que haviam pertencido. Advinhei o enigma por uns indiscretos canudos de cabello côr de canella a penderem-lhes em compasso binario, de um lado e outro da cara. Fital-as durante alguns minutos não foi curiosidade frivola, mas amor da sciencia. Equivaleu a um curso pratico d'archeologia comparada.

Terminara havia um anno a guerra da Crimea. A cara dos subditos fieis da muito graciosa rainha Victoria passara por uma crise profunda. Bigodes

de aspecto feroz invadiram as phisionomias inglezas até então implacavelmente barbeadas.

Quanto padeceriam as celebres cutillerias de Sheffield com a inacção temporaria da navalha de barba, fiel companheira de toda a cara britannica!

Impressionou-me estranhamente a apparição inesperada das florestas nos beiços e faces rubicundas dos filhos de Albion. Por mim, fiquei surprehendido deveras, vendo-me cercado de trinta inglezes, litteralmente affogados em barbas ruivas, com os largos paletots a cheirar a Balaklava e Inkermann, com as cabeças enterradas em casquetes de lontra, e os pés escondidos em botas parecidas na fôrma a ferros americanos d'engommar.

Reverso poetico d'aquelle quadro de grogs humanos vulgarmente chamados inglezes, appareceu a meus olhos deslumbrados a mais suave e meiga phisionomia de mulher. Branca d'alabastro, pallida como Desdemona na canção do salgueiro, realçavam-lhe o encanto indizivel bastos e dourados cabellos levemente agitados pelo vento. A branda chamma dos olhos aveludados escondia-se-lhe, por instantes, sob a rama densa das pestanas. Ao lado, um elegante tenente das Indias, typo de distincção aristocratica, rendia a formosura tão peregrina as homenagens do amor duplamente sanctificado pelos reciprocos affectos e pelas bençãos da Igreja. Eram esposos; e, segundo ouvi, no ceu azul de seus amores fulgia, apenas em meio de seu curso, a doce lua de

mel. Como se fitavam alheios a tudo que os rodeava! Que deliciosos effluvios bebiam nos olhos um do outro! O luar de Verona não cercava de aureola mais poetica os vultos de Romeo e Julieta na scena do Shakspeare, do que o astro das noites ardentes da Hespanha os rostos apaixonados dos meus gentis companheiros de viagem, banhando-os de suave melancolia, ao bater nas ondas mosqueadas de palhetas prateadas.

Na solfa cullinaria dos inglezes a bordo não se conhecem syncopes, nem compassos de espera. Do almoço vai-se para o *lunch*, do *lunch* para o jantar. Acabado este, levanta-se a toalha, e começam as viagens incessantes do Porto e Xerez á roda da meza. É a aurora do bom humor britannico. O inglez até então pezado como um *plum pudding* torna-se communicativo. O calor das libações derrete os gelos do *improper*. Vê-se claridade nas frontes britannicas, nevoentas como o ceu de Londres. Serve-se depois o chá, em seguida circulam os *punchs*, epilogo alcoolico das beberagens do dia.

Do meio d'estas effusões de calix, surdiu-me um inglez affavel, insinuante, de bigodes grisalhos, olhar vivo, maneiras distinctas, um *gentleman* na verdadeira accepção da palavra.

Fallámos de Lisboa, da amenidade do nosso ceu, dos encantos naturaes de Cintra, recordamo-nos de pessoas da sociedade, muitas das quaes o capitão

Stuart, amigo do ministro inglez, conhecera durante uma estação naval no Tejo.

Attingiram porém aos arrebatamentos do lyrismo as expansões do meu interlocutor ao pronunciar o nome de M.elle Cecile do theatro francez, da qual fôra ardente adorador.

— Apreciou muito o talento de M.elle Cecile, e rasgou de certo mais de um par de luvas a applaudil-a. Que gentil creatura! oh! adoravel! adoravel! exclamava o capitão com os olhos em extase.

— Não a applaudi só no theatro, respondi-lhe eu, fiz a apologia do seu merecimento artistico em jornaes, em folhetins.

— Em jornaes? em folhetins? exclamou, interrogando-me a phisionomia, o enthusiasta Stuart.— Bravo, *gentleman*, continuou o capitão, estendendo-me a mão e apertando a minha em tres *shak-hands* sacudidos, permitta que eu o associe a recordações tão agradaveis, concedendo-me a honra de bebermos um copo de Xerez, á saude de M.elle Cecile e dos sinceros admiradores de seus encantos.

Apoz um brinde, vinham outros, a que subscrevi resignado, para não perder a *côr local*, e não commetter n'uma meza d'officiaes inglezes a indelicadeza da sobriedade.

Afinal, pude subtrahir-me aos recrescentes rebates d'amor retrospectivo do capitão, graças ás melodias entoadas na tolda por cantores italianos, á claridade de um luar, em que se sentiam os fremitos

voluptuosos da briza da Hespanha, cujas costas estavam perto de nós.

Acalmara a viração; o vapor navegava sereno, traçando nas ondas um rasto phosphorecente; a lua prateava de escamas brilhantes a ondulação do mar.

Como se casava em deliciosa harmonia o rhythmo da vaga sonora com a cadencia melodica das vozes a soltarem uma *preghiera* rescendente de perfume religioso!

Como a ideia de Deus, simples, severa, pelo só poder do silencio profundo, das emanações melancolicas da lua, e pelo prestigio das vozes accordes n'uma prece sentida, enchia as solidões do oceano, e inundava de fé o coração do homem, aonde tumultua outro mar tão cheio de tormentas e abysmos como aquelle sobre que vogávamos!

Digam o que disserem philosophos, o mar não é só a estrada immensa aberta á actividade das ideias, ao trafico das riquezas, á circulação da humanidade.

Na sua grandeza imponente, o mar é a revelação permanente de Deus, o espelho agitado em que se miram os astros, o chrystal enorme que reflecte os céus constellados de milhões de fogos palpitantes, o vestibulo da immensidade, atravez do qual os olhos do homem entreveem cercadas de resplendores as regiões da Omnipotencia.

Falta-nos, porém, tempo para nos engolpharmos em cogitações graves. O *Tagus* não caminha,

voa. No horisonte ennevoado avivam-se lentamente as tintas indecisas do crepusculo matutino. Expiram as luzes dos pharoes. Avultam mais firmes as ondulações das montanhas. Ás pallidas nevoas da ante-manhã succedem as barras de purpura, percursoras do sol. Aclaram-se as perspectivas do littoral. O astro do dia rompe e sobe na amplidão azul empoando de ouro os pincaros escalvados.

Em volta do vapor cruzam numerosos barcos de pesca roçando a crista das vagas com as vélas enfunadas. Finalmente avistamos Cadiz a surgir, alvejante, da superficie verde das ondas, como uma ilha de alabastro, presa á terra por um fio de prata quasi invisivel no meio de um mar de esmeraldas.

II

Em Cadix

Quem não tem experimentado a tyrannia exercida pelos catraeiros sobre os viajantes?

Mal fundeara o *Tagus*, apertava-o um circulo de botes, d'onde se levantava um côro infernal de pragas e de vozes a pedir frete e passageiros. Em Cadix observa-se o mesmo, que eu presenciara, havia dez annos, em Gibraltar: os homens do mar possuem

uma linguagem cosmopolita. Atropellavam-se os tratamentos de *señorito*, *caballero*, *monsieur* na bocca dos innumeraveis Carontes, cujas barcas, nada mythologicas, são espaçosas e aceadas.

Á prôa veem-se pintados os invariaveis olhos grandes de peixe; muitos d'estes botes são tapetados em toda a extensão da ré, recordação de certo dos cahiques luxuosos dos Kalifas.

Á tyrannia dos catraeiros, bellos typos de homem, alegres e falladores como seus visinhos algarvios, accresceu, ao desembarcarmos, a algazarra dos donos de hoteis, *fondas*, e casas de *pupilo* a disputarem á porfia a posse de nossas pessoas e bagagens. Pareciamos cautelleiros nós os recem-chegados com as mãos cheias de prospectos e annuncios de hospedarias fornecidos até á prodigalidade pela turba multa dos *posaderos*.

Mas a alfandega (aduana) é ciosa de suas regalias vexatorias, e julgar-se-hia deshonrada, se não incommodasse em primeira mão os viajantes. Vamos á alfandega, que assim o exigem os esquadrões cerrados de malsins; mas com a solemne e previa declaração, de que, se algum dia a infelicidade do meu destino me forçar a escolher necessariamente entre dois flagellos: o dos estalajadeiros e o dos guarda-barreiras e *tutti quanti*, não hesitarei como o burro de Buridan entre as duas medidas de cevada; heide optar resolutamente pelo primeiro.

Ao contemplar tão formidavel exercito de fisca-

lisação, convenci-me logo de que pisava a terra classica do contrabando.

Uma cousa esqueceu até hoje aos Hespanhoes, e é, que o mais activo foco de contrabando reside nas suas pautas, que mereciam ser apprehendidas e queimadas pelos carabineiros.

Foi pena, que as alfandegas hespanholas se inventassem tantos seculos depois da peregrinação dos hebreus pelo deserto; porque seriam de certo a decima terceira praga.

A inquisição moía os ossos; a alfandega hespanhola móe a paciencia das victimas; a inquisição desconjuntava os membros, a alfandega revolve os bahus; a inquisição espionava pelos seus familiares; a alfandega espreita pelos seus malsins; na inquisição a fogueira; na alfandega a balança. Qual d'estes formidaveis engenhos será mais sinistro no seu labutar de todas as horas?

Apezar de prevenidos contra os titulos ambiciosos, não sei que seducção exercem sobre a nossa phantasia inflammavel.

Aos vinte e seis annos, quando o sangue nos ferve impetuoso nas veias, e a febre da imaginação nos devora, não se procuram os hoteis silenciosos dos bairros affastados.

Installamo-nos pois na *fonda de las quatro naciones*, titulo promettedor d'um diluvio de hospedes. Momentos depois, percorriamos as ruas da cidade, entregues á inspiração do acaso.

Cadix é uma cidade *coquette* entre as mais gentis e risonhas da Andaluzia. Assemelham-se a labyrinthos de jardim as suas ruas estreitas e orladas de casas reluzentes d'alvura.

Durante a estação calmosa, em algumas ruas correm-se toldos nos andares mais elevados de umas casas para as que lhe ficam fronteiras, o que lhes dá um tom pittorescamente oriental.

As ruas extremamente planas offerecem a mais illimitada perspectiva: o horisonte e os plainos azues do mar. Dir-se-hiam canaes, por onde a torrente buliçosa se escôa para o oceano.

Do enxamear activo dos *gaditanos*, das replicas vivas e espirituosas, do lidar alegre, repassado de seductora vivacidade, exala-se um zumbido peculiar e caracteristico, em que o observador surprehende a respiração da cidade. Os homens passeiam, juntam-se, separam-se, altercam; e as bellas filhas de Cadix, no seu andar a um tempo morbido e provocante, parecem tentar com os pés pequenissimos um passo de *bolero*.

A *calle ancha*, que parte da praça da Constituição e conduz ao *theatro principal*, prima entre todas pelas habitações elegantes e pelo desaffogo. É uma excepção feliz a quasi todas as *ruas largas* de Hespanha, em que a gente corre o perigo de ficar entallada como em gargallos de garrafa.

A *calle ancha* occupa entre as ruas de Cadix a posição *fashionable*, de que gosam em Paris a rua

da Paz, em Lisboa o Chiado e no Porto a rua de Santo Antonio.

Nas casas e palacios de Cadix, como nas de Sevilha e da Andaluzia, preponderam duas feições locaes e typicas: os balcões (cierros) e os pateos.

Os balcões são como que uns gabinetes ou *boudoirs* perfumados d'elegancia feminina, resguardados por vidraças e sumptuosas cortinas de seda em toda a sua extensão do lado exterior da frontaria, d'onde se debruçam sobre a rua em saliencia apparatosa.

Respira-se um ambiente de doce languidez n'aquelle recinto todo luxo e conforto, onde se concentram em deliciosa harmonia quadros moldurados d'oiro, contadores d'ébano marchetados, poltronas de setim, vasos de Sêvres, estatuetas d'alabastro, espelhos de Veneza a reflectir na lamina brilhante os lumes dos candelabros de chrystal.

Mas como tantos fulgores empallidecem, se a par d'elles scintillam os olhos ardentes das bellas habitadoras!

Os pateos são uma especie de claustros interiores, ao rez do chão, guarnecidos de quatro frentes de columnas elegantes primorosamente cinzeladas no gosto arabe, com uma fonte de marmore no centro, e esmaltados de flores mimosas. Separa-os do vestibulo reluzente de marmore do portico principal uma graciosa grade de ferro.

É a dynastia do pateo dos Leões da Alhambra

a perpetuar-se, em miniatura, nos arabescos floridos das columnatas e nos repuchos murmurantes que se precipitam em borbotões nas conchas de marmore das fontes.

Desertos durante o inverno, os pateos tornam-se a residencia habitual das familias na estação ardente, em que o sol da Andaluzia, imitando o de Tanger, seu visinho na Africa fronteira, devora com ardor tropical o chão que pizamos.

Em Lisboa, mesmo nas habitações confortaveis recentemente construidas, exceptuando o palacio dos marquezes de Penafiel, ainda se não conhece o primor dos vestibulos dos sumptuosos palacetes da Praça de Mina e da *Calle Ancha*. Lageados de marmore transparente como agatha, ornamentadas as cornijas graciosas das portas, que reluzem, com soberbos vasos de porcelana, ou de alabastro, aos cantos flores fragrantes e raras, os perystillos dos palacios e casas elegantes ostentam verdadeira opulencia temperada de bom gosto.

Nos tempos dourados da prosperidade commercial de Cadix, quando os mais endinheirados negociantes armavam verdadeiras esquadras de navios mercantes, que lhes voltavam frequentemente carregados das riquezas do Novo Mundo, era do alto dos terraços, (*azoteas*) que os poderosos argentarios esperavam, anciosos, o regresso de seus navios.

D'aquelles eirados, expostos ao sol e ao vento, e ladrilhados de tijolo no gosto mourisco descobrem-

se sem obstaculo o céo e o mar confundidos na linha extrema do horisonte.

Colori de um azul luminoso a perspectiva que se desdobra sem limites diante dos mirantes dos Rotschilds gaditanos; semeae de navios rapidos como gaivotas e alvejantes como cysnes o vasto oceano; e tendes assistido á scena habitualmente contemplada do cimo dos mirantes, onde, se não se escuta como no tempo dos Kalifas a voz do *muezzim* convidando os fieis á oração, pelo menos tremula triumphante ás brisas de Mercurio o estandarte das partidas dobradas.

III

Cadix á noite. Theatros

Quando a lua borda de tremulos arabescos de prata as aguas limpidas da bahia, e aviva, em relevo enorme, a alvura da casaria semilhante caiada com uniformidade assimilhando-a a moles phantasticas de gelo engastadas n'uma saphira colossal, apparece-nos Cadix—cercado do prestigio das suas seducções —inoculando-nos na alma e nos sentidos a magia de mil philtros invisiveis.

A briza tepida das noutes andaluzas disperta melodias desconhecidas no coração, como se roçasse pelas cordas de harpa eolia.

Um raio de luar, dois olhos negros rasgados n'um rosto pallido, o fremito inebriante da saia de seda e do leque scintillante de lentejoulas, o murmurio da vaga preguiçosa a beijar a encantadora bahia penetram de tanta sciencia amorosa a mais boçal creatura, que desde logo fica em estado de praticar a arte de amar muito melhor, do que Ovidio soube escrevel-a.

Se o luar ama a Hespanha, a hespanhola ama a noite, preferindo confiar-lhe o mysterio dos seus vivos galanteios, de que o leque, felizmente, é um cumplice indiscreto, e pregoeiro.

As andaluzas giram á noite com tanta gentileza pelas lojas elegantes, pelas ruas e alamedas; esmaltam com tanta graça a torrente buliçosa da população, e susurram em tantos enxames, qual mais saturado d'essencias, que a noite em Cadix é um tecido subtil de aromas, um perfume inebriante exhalado de cassoletas, que não se vêem, o halito embalsamado de mil boccas femininas, frescas como rosas de Abril.

É impossivel que o limpido luar da Andaluzia não fosse muito deliberadamente escolhido por Deus para allumiar aquellas phisionomias, que na doçura do aspecto e na suavidade do olhar parecem a reproducção viva das virgens mais ideaes de Murillo.

A galanteria sorri ás andaluzas, como estas sorriem aos homens.

— *Qué mona!* eis o grito involuntario, a fineza irresistivel dos estrangeiros enthusiastas, ao perpassarem diante d'elles as fascinadoras bellezas de Cadix.

A andaluza legitima, *pur sang*, é a somma total de seis addicções:

1.ª Olhos rasgados em corte de amendoa.

2.ª Dentes magnificos.

3.ª Braços graciosos.

4.ª Mantilha fluctuante.

5.ª Leque vertiginoso.

6.ª Pé imperceptivel.

Totalidade: mulher adoravel.

Imagine o leitor estas qualidades physicas a palpitarem de graça petulante e de *salero*, — que nem é a *morbidezza* italiana, nem a *coquetterie* franceza, nem o *chiste* portuguez, — e terá adivinhado pela imaginação as gentís *gaditanas*, seducção e enlevo das noites de Cadix.

Quando nos aventuramos no dedalo de ruas e encruzilhadas interiores, em cujos letreiros de porcelana se lêem piedosas e beatas designações, taes como a «rua da benção de Deos, dos Martyrios, do Calvario», escutamos — sem o menor veu de mysterio — doces arrulhos d'amor trinados da rua para o balcão nos mais primorosos duettos de Rosina e Almaviva.

Com os doces effluvios do luar, — cheio d'esperanças e de promessas — casam-se em consonancia

amorosa as melodias vibradas na guitarra, ou suspiradas na voz dos namorados debaixo das gelosias, d'onde se debruçam arquejantes as Julietas dos Romeos philarmonicos.

Percorrer ao acaso, á beira-mar, as alamedas das «Delicias» orladas d'arvores; aspirar a fragrancia dos jasmineiros, sentir-se viver no ambiente perfumado das senhoras, que alli passeam, é um dos mais innocentes e agradaveis passatempos d'aquellas noites incomparaveis, em que, despidos os veus de casta Diana, a lua presta o seu facho a ardentes hymeneus.

Mas Cadix não se alimenta unicamente de distracções ao ar livre: frequenta o *Casino* e os theatros.

Nem a architectura, nem a arte adejaram nunca sobre os theatros de Cadix. Thalia esconde o rosto d'envergonhada; apenas a Therpsichore doidejante das danças hespanholas triumpha nos *jaleos* e *boleros* de rigor.

No *theatro principal*, cuja preeminencia foi prudente escoltar d'este adjectivo nos cartazes, aliás corria o perigo de passar pelo infimo de Cadix aos olhos do estrangeiro desprevenido, funcciona muitas vezes durante o inverno uma companhia italiana de canto.

Se quizermos acreditar os elegantes do *Casino*, ao clarão da rampa do *theatro principal* tem brilha-

do reputações universalmente sagradas pelos applausos da Europa inteira.

Desconfio, porém, que nas companhias lyricas de Cadix abundam mais cochichos que rouxinoes; e em assumptos de *dilettantismo* não posso affirmar, que o verdadeiro andaluz prefira as suaves melodias de Bellini, ou o estylo brilhantemente florido de Rossini aos arpejos da guitarra e ás canções da *malagueña* e do *torero*.

O theatro principal é frequentado pela boa sociedade.

A trivialidade — mais que modesta da sala — dispensa-me de a descrever, brilhando ella pela ausencia completa de ornamentações e douraduras.

Nos camarotes dos capitalistas—socios fundadores e assignantes do theatro,—por entre graciosos typos femeninos avultam rostos d'homens, vigorosamente accentuados com o cunho positivo da lettra de cambio. São relampagos commerciaes no ceu risonho da aventurosa Andaluzia.

Nas zarzuelas — *El dominó negro*, *El valle de Andorra*, *Jugar com fuego* — a distincta Hernandez, actriz cheia de gentileza e dotada de voz insinuante, e Campoamor, que ouvimos ha annos em Lisboa no theatro de D. Fernando, obtinham applausos calorosos.

Os restantes actores ficaram para mim anonymos, apesar de lhes lêr os nomes nos cartazes, todas as vezes que ia ao theatro.

Contribuiu um pouco para este resultado a excessiva insufficiencia que os distinguia.

Mas deixemos os elegantes e os felizes do theatro principal e penetremos no recinto do *Balon*, theatro mais modesto ao alcance das classes populares, se queremos assistir a espectaculos disparatados até ao absurdo.

Os olhos sentem como que uma vertigem ao fixarem o oceano colorido de chailes e lenços que se agitam em todos os sentidos. Está alli a população andaluza, em toda a sinceridade dos seus costumes joviaes e dos seus trajes garridos e vistosos.

Se ha povo energico nas côres do vestuario, é o andaluz. Quando se reune um grupo consideravel de populares, apresenta na vivacidade gritadora das côres o aspecto pittoresco do publico dos logares do sol nas corridas de touros. A gente pergunta a si propria, se todas aquellas faxas e lenços vermelhos, amarellos, e de todos os cambiantes imaginaveis vão servir de *capas* a algum touro imminente.

A platéa estremece de ruidoso jubilo e contorce-se de dor sincera, conforme são comicos ou patheticos os lances dos sainetes e melodramas. É sensivel como uma *manola* apaixonada, jovial como um arrieiro, e impetuosamente fogosa como um cavallo andaluz.

Nos logares entre nós destinados ás torrinhas e varandas, corre em redor da sala uma especie de galeria singelamente gradeada. É a região predilecta

dos amadores sinceros do theatro *Balon*, onde se rende igual culto á arte e ao estomago. A cada instante interjeições, gritos e remoques, escoltados de gargalhadas, partem — rapidos como relampagos — do Olympo avinhado.

Ao passo que os incriveis *imbroglios* da scena se aproximam do desenlace, os deuses de *sombrero* rapado e capote furta-côres amiudam as libações. O campo da representação dramatica, apparece, afinal, juncado de applausos e de garrafas vasias.

Ás vezes preenchem os intervallos prestidigitações vagamente similhantes a sombras chinezas e mannequins do Japão.

Para excitar o appettite gastronomico do publico, recorre-se, nas festas do anno, ao expediente de com o bilhete de entrada conferir direito a uma rifa de peruas, a qual se faz com o apparato solemne da extracção da loteria de Hespanha, em pleno tablado.

Estava-me reservado um dos mil incriveis caprichos dramaticos em voga n'aquelle recinto: a representação, exclusivamente, por actrizes, do drama em cinco jornadas, em prosa e verso, o *Trovador*, de D. Antonio Garcia Gutierrez.

Como a Hespanha é infinitamente mais seductora, quando as suas mulheres não se revestem do sobrecenho feroz das barbas postiças, para rugirem em voz de soprano os ciumes hydrophobos do con-

de de Luna e declamarem n'um falsete anti-masculino os loucos transportes de Manrique!

A penna recusa-se a avivar a memoria de tão monstruosa representação, orgia da arte, carnaval do gosto, tortura da paciencia do espectador.

Comparados com taes horrores, Torquemada parece-nos um pastor d'ecloga e o santo officio um idylio innocente.

IV

A proposito da litteratura dramatica

Se ha paiz justamente orgulhoso dos brilhantes clarões espargidos sobre a Europa inteira pela sua litteratura dramatica é inquestionavelmente a Hespanha; e, todavia, postos de parte os nomes modernos de Martinez de la Rosa, de Garcia Gutierrez, de Breton de los Herreros, e poucos mais, o theatro alimenta-se das pallidas imitações da scena franceza contemporanea.

Desconsola contemplar a decadencia dos altos destinos, que attingiu o theatro hespanhol, outr'ora engrandecido pela assombrosa fecundidade de Lope de Vega e Calderon de la Barca, pelas creações de Alarcon, de Tirso de Molina, de Moreto e de Guil-

len de Castro, cujos explendores illuminaram a musa altiva de Corneille.

Repassado, a um tempo, de lyrismo profundo e d'espirito aventuroso, o theatro dos tempos dourados da litteratura hespanhola inspira-se do proverbial orgulho castelhano e do culto ardente da religião e da patria.

Poetas e homens de lettras precipitam-se na corrente ensanguentada das batalhas. Garcilasso, Ercila, e Cervantes afivelam a couraça e brandem a espada, continuadores heroicos da longa serie de prodigios e de aventuras, de que são entretecidos os sete seculos de lucta travada com os mussulmanos.

A Hespanha remonta-se apaixonada ás regiões lyricas nos vôos poeticos de Herrera e de Gongora, e quando desfranze a bocca no sorriso malicioso da satyra e da comedia, é profundamente analysta, subtil e philosophica em Moreto, Quevedo e Cervantes.

O que são suas comedias engenhosas de capa e espada se não o scintillante reflexo d'esta vida tão profundamente dramatica e aventureira? Como poderia a musa da poesia produzir tantos primores na simplicidade austera da tragedia, nos lances sentimentaes do drama, na epopêa, e nos romanceiros, se a não abrazasse o callido ambiente de paixões profundas, de grandes amores, de vinganças rugidoras, de peripecias interessantes, de crenças religiosas, e de batalhas heroicas, ambiente que é a historia, o destino, a vida inteira da Hespanha, no lumi-

noso periodo litterario decorrido desde a tomada de Granada até o reinado de Filippe IV?

E que seiva creadora não circula pela brilhante pleiada dos genios da scena! A fecundidade de Dumas empallidece perante as duas mil e quinhentas composições de Lope de Vega e as seis centas peças de Calderon!

Audacioso sem hesitação, crente sem desfallecimento, aspirando a um ideal de grandeza cavalheirosa, a um tempo nobre e poetico, o genio hespanhol palpita energico nas multiplices creações da sua litteratura, principalmente da dramatica.

Não supponhamos, porém, que sob a influencia deleteria do aniquilamento das liberdades nacionaes alliado com a tyrannia religiosa podessem fructificar os pomos d'ouro das bellas lettras.

Veiu o definhamento inevitavel, corollario fatal das violencias exercidas nas espheras do livre pensamento, da liberdade politica e da consciencia religiosa, parodia da oppressão inflexivel de Filippe II.

Herdeira de tantos explendores dramaticos o que resta á Hespanha contemporanea alem de vulgares melodramas e *zarzuelas* raras vezes originaes, entremeadas de *fandangos* e *cachuchas*?

A litteratura é a expressão da sociedade. Á Hespanha actual não quadra, bem o sabemos, o theatro de Filippe IV, nem mesmo o de Carlos III.

Devorada d'aspirações e necessidades novas, a Hespanha de hoje não póde immobilisar-se na ado-

ração rotineira de suas velhas obras dramaticas despidas do cunho palpitante da sociedade contemporanea.

Nunca se exhaurem para um povo imaginoso os caudaes da inspiração, e em todo o caso, a Hespanha, para affirmar a posse de um theatro nacional condigno, ha de retemperar-se nas fecundas nascentes da arte, alliando a dignidade, e o culto dos pensamentos viris á liberdade das ideias, e á elevação audaz, tão differente das facecias licenciosas e dos equivocos deshonestos hoje tanto em moda.

Coberta d'espessas nevoas até aos fins do seculo passado, não vimos resurgir brilhante essa litteratura nas obras de Moratin, de Melendez Valdez, de Jovellanos? Perto de meio seculo depois, não aviva o theatro seus fulgores nas composições de Martinez de la Rosa, de Breton de los Herreros, de Hartzenbusch, de Garcia Gutierrez e outros poetas, orgulho e gloria da musa hespanhola?

Não será, pois, para admirar em paiz tão opulento de vocações soberanas, que a aurora do rejuvenescimento da scena, resurja entre rubores vividos, das sombras pallidas do crepusculo.

V

As danças nacionaes

Onde a Hespanha mais brilha em toda a magia do seu caracter é nos bailados, na *jota aragoneza*, no *fandango*, e no *bolero*.

Exalta-se a imaginação com aquellas danças, em que transparece a morbida voluptuosidade do Oriente.

No gesto digno do *bolero*, quando cumprimenta o seu par antes de arriscar os primeiros passos, não se adivinha o orgulho hespanhol?

Momentos depois, as taboas do palco parecem inflammar-se debaixo das vivas attitudes, e dos requebros languidos das bailarinas, já a aproximarem-se como uma promessa reciproca, já a affastarem-se dos boleros com o *coquettismo* do amuo, já a medirem-se com a provocação do olhar.

Sentem-se vertigens de deslumbramento ante o turbilhão de palhetas de prata e de bordaduras, de sedas e velludos, de corpetes e sapatos de setim, de *moñas* e *monteras*, de castanholas e pandeiros a revolutear em delirio, aos lumes do proscenio.

Nos giros, ora rapidos, ora indolentes da ex-

pressiva pantomima, brilham os cabellos d'ebano, aonde se reflectem todos os cambiantes de luz, e chammejam os olhos negros das dançarinas, despedindo fogos penetrantes.

Como deslumbram pela alvura as perolas dos dentes esmaltando-se nos labios humidos e vermelhos, que teem a frescura da rosa!

Os arabescos de prata e ouro a recamarem os jalecos e monteras, e o scintilar das lentejoulas nas saias curtas de setim amarello, ou côr de rosa guarnecidas de largas rendas reverberam torrentes de luz constelladas dos explendores enganosos da miragem.

As plateias andaluzas estremecem de impaciencia e de ardor na presença de suas danças predilectas, e applaudem um bailado com o mesmo enthusiasmo com que saudariam o hymno de *Riego.*

No dia em que ha toiros e bailados, o andaluz, depois de haver coroado a posse de tão suprema ventura com uma libação de *manzanilla*, adormece, e vê-se transportado em imaginação ás vagas transparencias do paraizo.

Quanto aos bailarinos, a minha pobre palheta não tem côres para os desenhar.

Irritam-me o systema nervoso os giros em sacca-rolhas e as piruetas horisontaes de quaesquer bailarinos, e chego a detestal-os, creio eu, na razão directa do seu merecimento. Por mais que se desengoncem como bonifrates, ou tenham a expressão

pantomimica d'um *fantoccio* de theatro d'authomatos e a ligeireza de um cavallo premiado nas corridas, não posso extasiar-me perante os *ronds de jambe* masculinos.

O bailarino italiano é incomparavelmente mais afeminado nas fórmas do que o hespanhol.

Se um me parece a deserção viva do sexo, o outro affigura-se-me uma grosseira caricatura. Na Galliza empregam-se mais utilmente as poderosas musculaturas, que adornam os Apollos dos bailados andaluzes.

Quando os vejo nedios, athleticos, de formas sculpturaes, lamento, que pernas tão correctas e robustas tenham por unico destino dar pontapés no ar; e tenho pena de vêr entretidas com castanholas de marfim, mãos de Hercules, para as quaes seria leve como uma penna a enxada do cavador.

Quando comparamos a riqueza prodigiosa de pintores celebres com a completa indigencia de sculptores em Hespanha, accommette-nos a ideia, de que toda a sculptura se refugiou alli nas formas opulentas dos boleros.

Animada e palpitante sculptura, que faz a admiração dos olhos e o enlevo dos sentidos, sem precisar desentranhal-a dos marmores de Carrara, nem aviventa l-a pelo cinzel magico dos grandes artistas!

Mas a paixão da dança nacional não se contém nos estreitos limites do palco, expande-se ao ar li-

vre nas feiras, nas romarias, e invade os arredores e o campo, onde reina com indisputada popularidade.

A cada instante, nos arredores de Cadix, Xerez, Porto Real, e Santa Maria se ouvem os *trilos* festivos de castanholas e pandeiros dos bailados campestres. Começam estes ordinariamente pelo *bolero* a dois, o *alza pilili* a tres, a *cachucha* depois, pairando sobre a dança uma liberdade decente, que, sem excluir a vivacidade dos movimentos e a malicia dos gestos, nunca offende o pudor.

No *candil*, ou taberna impera o *zapateado*, a que serve de palco uma mesa estreita, em cima da qual bailarinas de virtude equivoca, com a bocca entreaberta e os olhos em extasi, se abandonam a toda a especie de convulsões freneticas, sujeitando-se apenas ao jugo do rhythmo indicado na guitarra, e ao compasso que os assistentes marcam, batendo nas palmas das mãos.

Reluz-lhes nos olhos a embriaguez da allucinação, um sorriso indizivel illumina-lhes a phisionomia de sombrios ardores. Ora interrogam febris as taboas da mesa com os pés de fada, em sacudimentos nervosos, ora ondulam como serpentes, ora pulam como pantheras.

Parecem agitar-se n'um fundo diabolico e phantastico, impellidas de frenesis epilepticos, aquellas mulheres de phisionomia imperiosa e contornos opu-

lentos, aonde circulam a energia e a força, e que dobram como vimes ao bafo mysterioso do *zapateado*, similhante ao *solano*, vento terrivel da Andaluzia, que assopra a loucura.

VI

Os serenos. Aventuras d'um inglez

Depois da sahida do Casino e dos theatros, quando o movimento da população vae affrouxando até expirar de todo nas ruas, começa Cadix a revestir-se do aspecto de cidade nocturna de opera comica.

Os funccionarios, os banqueiros, a gente séria vão pedir a um somno reparador forças para as fadigas do dia seguinte.

Debaixo das janellas, porém, velam embuçados em capas escuras os namorados, e ás esquinas, ou percorrendo as ruas, espetam-se os *serenos* envoltos no amplo gabão, com a cabeça enterrada n'um capuz que só lhes deixa vêr os olhos, reminiscencia dos familiares do santo officio, trazendo n'uma mão a lança, e na outra a lanterna de furta-fogo.

Segundo a gravidade das circumstancias, o *sereno* não hesita em levar a lanterna ao rosto do caminhante suspeito, ou dos *manolos* embriagados.

Os *serenos* fazem a policia urbana, acodem ás desordens, prendem os criminosos, acompanham aos hoteis os estrangeiros perdidos — alta noite — nas ruas; relogios humanos, annunciam as horas e transmittem com a exactidão de observatorios meteorologicos a noticia do bom, ou do mau tempo aos pacificos habitantes da cidade, acalentando-lhes o somno com o pregão nocturno, como as amas adormecem as creanças ao som de monotona cantilena.

E de que exemplar paciencia não são dotadas aquellas boas almas de *serenos* para supportar as impertinencias do vinho turbulento dos passeantes?

Estava hospedado no meu hotel um inglez de vinte e quatro annos, engenheiro no caminho de ferro de Cadix a Xerez. Era um inglez enorme, um monumento ambulante, um meio kilometro vertical de carne, firmado sobre outro meio kilometro horisontal de pés.

Se o heroe da força, o Hercules biblico, Sansão emfim, adormeceu descuidoso no regaço de Dalila para acordar amollecido, que admira que o robusto inglez dormisse voluptuosamente sobre os seios embriagantes d'um tonel de xerez, e despertasse com a mente povoada de visões, de sonhos, de phantasias?

Sentindo-se na terra andaluza, cercado das maravilhas do Generalife, vendo ao longe fenderem o azul do ceu as grimpas rendilhadas e os cinzelados caprichosos da Giralda de Sevilha, o inglez, quando se contemplou de chapeu redondo, *mackintosh* e so-

bre tudo *waterproof*, achou-se desgraciosamente prosaico, um flagrante anachronismo em meio de tantas reminiscencias poeticas.

Phenomeno inacreditavel! bebêra brutalmente como um Sileno, e só trasbordava poesia, amores, aventuras, como o heroe de um romance de cavallaria.

Ao atravessar a *calle Catalina*, apparece na varanda de um segundo andar uma phisionomia de anjo, banhada na suave pallidez das Gaditanas. Sentiu-se trespassado de uma espada glacial, o sangue todo refluiu-lhe ao coração ao fitar as duas estrellas d'azeviche, que sorriam no meio do branco dos olhos, innundando-os de fogo apaixonado.

Mas não era o vulto colossal do inglez que elles procuravam, scintillando a espaços atravez da rama das pestanas, como pyrilampos escondidos na folhagem.

Á esquina da travessa, que em angulo recto corta a *calle Catalina*, projecta clarões vacillantes uma lampada accesa em homenagem devota á imagem de Nossa Senhora do Pilar, encerrada n'um nicho envidraçado. O inglez parece chumbado á rua diante da seductora visão, não articula uma palavra, não murmura uma phrase sequer. É Romeo enleiado de felicidade pela apparição de Julieta ao balcão.

Da porta fronteira áquella d'onde a lampada despede incerta claridade, adianta-se um guapo moço

de estatura elevada, tez morena, olhos grandes, cabellos negros, bigodes gentilmente arqueados sobre a bocca graciosa e pequena, bello typo d'homem, vestido no mais esmerado traje andaluz.

Por baixo da capa traçada sobre o hombro direito reluzem as bordaduras de uma vistosa jaleca de *majo* e no alto da cabeça pousa-lhe uma pequena montera coberta litteralmente de requifes e torçaes de seda preta.

O recemchegado não caminha, corre ameaçador, e de um pulo estaca perfilado com o inglez, surprehendido da subita investida.

John Bull prescinde de previas declarações de guerra, e recorre inutilmente ao *ultimatum* d'um *box* descarregado de chofre no peito do moço andaluz.

Mas as libações de xerez haviam-lhe esterelisado os murros infinitos, de que abundam os pulsos britannicos.

A occasião era decisiva. O inglez agitava-se como um temporal desfeito, o gaditano crescia para elle decedido, intimando-lhe a retirada com a eloquencia cortante de uma *cochila* catalã.

A trinta passos do theatro do conflicto, bruxeleava o furtivo clarão da lanterna d'um *sereno*, que se approximava, por ter ouvido os frequentes rugidos, com que o inglez pretendia supprir a esterilidade absoluta de murros, recusados pelo torpôr do vinho á sua musculatura de athleta. A *Great Britain*

não se achava dignamente representada n'aquelles pulsos inertes, ella, que cinje a sua fronte ennevoada do fumo das fabricas, com o diadema soberano de rainha do *box*.

Prevendo, n'um relancear d'olhos, o perigo de permanecer no campo da luta, expondo-se a ser preso e a atraiçoar o suave mysterio da janella fronteira, o andaluz coze-se com as portas das casas, aonde não alcança a luz convulsa da lampada, e somese na escura penumbra da travessa.

O inglez, esse, entontecido com as vertigens recrescentes do xerez, e vendo-se só em presença do *sereno*, cujo aspecto o espanta, porque havia desembarcado em Cadix n'aquella manhã, similhante ao toiro embravecido quando levanta nas armas o farrapo da capa, com que os *chulos* lhe excitam a colera, e passeia triumphante pela praça, investe com o *sereno*, tira-lhe a lanterna e a lança, e sem lhe dar tempo de apitar, despe-lhe o gabão em que se entrouxa, deixando a victima a tiritar com o frio de uma noite de dezembro.

Mal saboreara as premicias do triumpho, e andados poucos passos, agita-se em redor d'elle um cardume de *serenos* que o desarmaram e prenderam, restituindo ao camarada o guarda-roupa e arsenal roubados.

O inglez marchou acompanhado da numerosa escolta ao hotel, d'onde, ouvidas as explicações do *posadero* ácerca do hospede recem-chegado, sua na-

turalidade, e a somma dos litros bebidos, cortado o interrogatorio pelos grunhidos saxonios do preso, foi transportado á cama, *al letto a riposar*, como se diz na burleta do immortal Rossini, sem uma unica grosseria, da parte dos *serenos!*

Apenas os primeiros arreboes da manhã avermelham o horisonte, o *sereno* vae dar parte dos acontecimentos da noite á estação central, para em seguida dormir um somno prolongado, preparando-se para as vigilias da noite seguinte.

E que memoria discreta a do *sereno!* Sabe de cor as janellas e balcões das namoradas; conhece os melhores tocadores de guitarra, as mais desenvoltas *manolas*. Levanta, se lh'a pedirem, a planta topographica das portas habituadas a girar surdamante nos gonzos e a proporcionar entradas clandestinas dispensando escadas de seda, boas só para romances e optimas para se quebrarem as costellas.

O *sereno* é, pois, a Providencia do estrangeiro desnorteado, o almanak das aventuras locaes, o fio d'Ariadne, mediante uma *peceta*, atravez do dedalo de galanteios e amores em que se enredam as ruas da grande *coquette*, — labyrintho perfumado, que presta a Cadix, apezar da sua antiguidade phenicia, o prestigio encantador de uma mocidade constante.

VII

O catholicismo hespanhol. A gastronomia e a religião. Noite de Natal.

O catholicismo hespanhol perdeu, pelo menos na Andaluzia, o caracter sombrio, que anima as pinturas de Zurbaran.

Distingue-o principalmente a mistura do sagrado com o profano. As lampadas dos nichos das casas particulares allumiam ao mesmo tempo as santas e as namoradas das janellas. O assassino, antes de esfaquear o proximo, reza um Padre Nosso para que o Senhor o favoreça na empreza. Ao lado da praça de touros ergue-se o oratorio destinado a prestar os confortos supremos da religião ao toureiro moribundo. O padre acaba de o applaudir frenetico e unge-o momentos depois com os santos oleos.

Outra feição predominante do genio religioso da Hespanha é a exuberancia de milagres attribuidos prodigamente a todos os santos e santas da côrte celestial. Que *imbroglios* melodramaticos desabrocham ao sôpro fecundo da musa popular!

A poesia e a fé, estreitando-se n'um amplexo ardente, desentranham-se em ficções imaginosas.

Sobre a santa, authora do milagre, paira frequentemente um ar de malicia innocente, que a confunde com uma heroina de *zarzuela.*

Conta-se, por exemplo, n'uma das povoações assentadas á beira da bahia de Cadix, que uma Senhora, alli devotamente festejada, castigara, como vamos narrar, o feio peccado praticado por uns embarcadiços de Sevilha.

Tinham estes feito certo voto solemne á Senhora, vendo-se em perigo imminente de naufragarem na foz de Guadalquivir. Mas, perigo fugido voto esquecido!

— D'outra vez se cumprirá o voto, — disseram ao distancearem-se dos cachopos.

Ladeam os recifes, vogam serenos sobre as ondas, entram o rio sãos e salvos: mas da promessa feita com solemnidade, no meio do perigo, e dos trabalhos do mar, nem lembrança sequer.

Toda a noite navegou a embarcação e ninguem de bordo deu vista das immediações de Sevilha.

É quasi manhã, o sol ainda não rompeu das sombras crepusculares, de bordo descobrem-se apenas as vagas planicies do oceano, sem que os mais tenues contornos de terra as limitem de lado algum. Pragueja o piloto, desespera-se o mestre, o homem do leme desanima como cão d'agua que não vê o perdido. Cravam-se os olhos da tripulação inteira na direcção da cidade a procurar a torre elevada da Giralda, quando apoz largas horas de anciedade, cor-

tada de vago terror, se acham fóra da barra que haviam entrado na vespera, e pela prôa, a crescer, a adiantar-se para o navio, o promontorio, aonde tem a sua ermida a Senhora, á qual os ingratos haviam recusado a promessa feita nas amarguras de naufragio imminente.

D'outra vez larga do ancoradouro de Cadix uma nau ingleza; bordeja em frente da ermida da Virgem; e, como protestantes que eram, os herejes dos inglezes atiram á Santa Capellinha uma banda d'artilheria! Que desforra havia de tirar a Virgem do desacato? Apara nas mãosinhas uma das balas, e reenvia-a impregnada de materias incendiarias á nau maldita, reduzindo-a a chammas.

Não se sente n'estas fabulas piedosas a inspiração dramatica, o sopro das comedias de capa e espada, em que tanto abunda a scena hespanhola?

Outras vezes o milagre tinge-se das côres da lenda, scintillando poeticos fulgores.

Orvalha o coração de lagrimas e inspira fundas melancolias a poesia das ruinas entrevistas á claridade baça da lua do Norte toldada de nevoas humidas. É a poesia da desesperança, sem conforto, das interrogações tremendas da duvida.

A poesia da crença, do ardor religioso, — que fende com as azas brancas o azul dos céos, e mergulha com deleite na immensidade limpida e innundada dos explendores deslumbrantes da apotheose,— essa enflora de ridentes grinaldas os altares, quei-

ma incensos, entôa canticos, tumultua e sorri d'alegria sincera.

Só o descrer é arido e triste; a Hespanha crê, por isso folga nos arraiaes, vozêa nas romarias, doudeja nas procissões, e delira de contente nas noites de Natal.

Em Cadix tudo respira festa. A população serpêa pelas ruas. Com a luz profana das lojas e cafés alliam-se os lumes devotos das lampadas, dos nichos, e dos oratorios.

A religião abre um parenthesis ao jejum, e dando as mãos á gastronomia celebra com os mais acirrantes acipipes o nascimento do Salvador.

O perfume do incenso mistura-se com as acres emanações do azeite das frituras. O arraial tornase o vestibulo cullinario da Igreja.

D. Bazilio formiga na onda popular, estremecendo seraphicamente debaixo da escura sotaina ao doce contacto da *manola*, que o roçou com as rendas da mantilha. Debalde finge o maganão rebater em duas pitadas de tabaco amarello de Sevilha os effluvios exalados do frasco gentil, na rapida passagem.

A conhecida gravura do *bal masqué* na sahida da *Courtille* póde dar uma ideia remota do aspecto variegado da multidão.

As valencianas de cabellos louros e olhos de azeviche, tentadora alliança da suavidade do Norte e dos ardores meridionaes; os *manchegos* de saiote romano, typo em que transluz o orgulho da raça caste-

lhana; os *gitanos* de tez acobreada, olhar penetrante e sinistro, feiticeiros populares, que exploram a credulidade com as superstições da magia; os Vasconços amestrados no contrabando das lãs do Aragão e das Castellas; os arrieiros de Chiclana com os cabellos atados por um lenço de côres vivas e o *sombrero* sobreposto de abas largas; as *malagueñas* esbeltas e arrogantes que bebem *manzanilla*, fumam *papelitos* como um *manolo*, praguejam como um *calecero* e esfaqueam como um catalão; os *mayoraes* dos carros de Chiclana, envoltos em cobrejões listrados e guarnecidos de franjas e borlas similhantes ás dos apparelhos multicôres de suas mulas; as *gaditanas* com aquelles grandes olhos negros, dentes admiraveis, cabellos d'ébano, pés adoraveis, moldados sapatinhos que desesperariam Cendrillon pela miniatura, cintura delgada e quebradiça como a hastea do lirio; os *majos* de Triana e do Puerto de Santa Maria com o chapelinho andaluz levemente pouzado na cabeça, e um lenço pendente de cada uma das algibeiras da jaleca recamada de lavores e passemanes, confundem-se e atropellam-se. Toda esta inquieta e buliçosa torrente de alamares, de fachas de seda, de franjas, e de bordados, de filigranas e arrebiques, de leques de seda, de mantilhas fluctuantes, de mantas e cobrejões, ondea, e precipita-se pelas ruas, n'um carnaval endiabrado.

Perto da Igreja de Nossa Senhora do Rosario estende-se o arraial, para onde de toda a parte convergem as alas do exercito festivo.

Em redor e pelo meio do terrado da Igreja, prolongam-se, allumiadas por candeias e luzes encerradas em toscos balões de papel, as barracas, em que se accummulam n'uma orgia enorme de pastilhas e confeitos innumeras variantes d'especiones, bolos e rebuçados.

Só eu poderei dizer como se apoderou de mim a nostalgia das rebanadas portuenses, que saboreara na minha terra com a superstição de um fervoroso adepto de tão mimosa gulodice. Oh! que doces rebanadas as do Porto, e que saudades amargas de as não encontrar em Cadix, n'aquella noite de festa e delirio.

Mais ao longe crepitam os fogos das cosinhas portateis, onde se improvisam guizados de desesperadora monotonia.

Reduzem-se todas a fragmentos de carne, ou de peixe, boiando n'um oceano d'azeite semeado de ilhas vermelhas de pimentão e colorão, parecidas no affogueado á crusta requeimada dos terrenos vulcanicos da Sicilia.

O colorão é a alavanca com que o cosinheiro hespanhol, Archimedes d'avental, levanta um mundo desconhecido de iguarias.

A malagueta é o *Deus ex-machina* dos sainetes de refogado. Todas as difficuldades se resolvem em Hespanha com a intervenção de malagueta nas peripecias culinarias.

Os guizados andaluzes pertencem á familia das

lamparinas, nadam constantemente em azeite, e teem á força de acirrantes, o condão de nos roubar a um tempo o apetite e o paladar. A meza andaluza deve agradar muito aos morcegos; podem embriagar-se de azeite á vontade.

O pimentão, — outro ingrediente suave, — é proporcionado largamente a ponto da lingua, depois d'algum tempo, adquirir a insensibilidade d'um tijollo refractario.

Exceptuados o Xerez, Valle de Peñas, e *Manzanilla*, pareceram-me os vinhos tão encorpados, que tive vontade de os trinchar.

Por detraz das barracas, na penumbra, aos clarões phantasticos das lanternas de papel e das faiscas dos fogareiros, resôa fanhosamente a gaita de folles, estallam as castanholas, agitam-se as *panderetas*, arpejam as guitarras em acompanhamento das *seguidillas* e descantes entoados por muitas vozes.

As lojas abertas até alta noite despedem golfadas de luz, illuminando as ruas e os passeiantes.

A cidade apresenta-se deslumbrante com as scintillações reverberadas por mil focos luminosos. Os vendilhões ambulantes de bolos e broas flanqueam de velas abrigadas por grosseiras tulipas de papel as mezas portateis, aonde reluzem com relevo tentador as mercadorias assucaradas.

A Providencia põe ao pé dos venenos a triaga: Ao lado do colorão universal, o *azucarillo* branco ou côr de roza, o nosso caramello classico, socio fiel da

agua fresca. O *azucarillo* é o tempero favorito da agua na Andaluzia.

A cada momento, uma orchestra de pandeiros invade a casa dos amigos, e acommette depois outras habitações com uma tenacidade philarmonica digna de mais suaves instrumentos.

Tocam os sinos nos campanarios; as ondas inquietas da multidão engolpham-se pelas arcarias e pelos porticos dos templos. Os sons do orgão, preludiam á poetica commemoração do Natal do Redemptor.

Concluida a ceremonia religiosa, infiltra-se pelas ruas estreitas, e derrama-se em meandros, o rio buliçoso da população.

Começam então as *ceias* em intimidade, em expansão sincera, verdadeiros banquetes, em que se regalam o estomago e o coração.

Afinal, extinguem-se as fachas multicôres, que pouco antes alagavam de claridade o dedalo animado das travessas e encruzilhadas. Affrouxam as convulsões estridulas das castanholas e pandeiros; emmudecem as *seguidillas* e guitarras; os fogos do arraial apagam-se nos limbos escuros da noite, e Cadix dorme o somno da felicidade satisfeita.

Uma só respiração, mas poderosa, immensa, se ouve então áquella hora: é a do mar a estremecer de amor sob os beijos languidos da lua que lhe encrespam de escamas de prata o azul sereno.

VIII

Os cafés

Só quem nunca se viu insulado no meio de uma cidade desconhecida, insensivel ás mil vozes do bulicio, como o rochedo solitario ás vagas que o açoutam, póde encarar com o desdem da indifferença a risonha perspectiva d'um café a sorrir-nos, a convidar-nos ao descanço, como o *oasis* ao viandante crestado pelo vento de fogo do deserto.

Em viagem, podem crêr-me, ha horas indisiveis de tedio, que o calido recinto d'um café tem o segredo de encurtar, entre um *bock* e um charuto.

Ainda que o viajante transporte montanhas de cartas de recommendação para todos os banqueiros possiveis, não póde emancipar-se da dependencia, mais ou menos assidua, do café. Em casa d'um banqueiro cada palavra ociosa tem um desconto elevado. O banqueiro não falla, sacca. Não ri, protesta. Não conta anedoctas, faz cambios. N'uma palavra, o banqueiro não é um homem, é um pagamento.

Depois os cafés elegantes são as salas francas e accessiveis, onde os estrangeiros, mediante um consummo qualquer, conquistam o direito d'entrada, sem as exigencias inflexiveis da apresentação.

Por mais animada que seja a vida de uma cidade qualquer, ha durante o dia certas horas de silencio, de marasmo, de syncope na actividade habitual da população. O café serve então de commoda *causeuse* onde se espera que o movimento recommece; é o entre-acto, que antecede a continuação do drama, representado no palco movediço das ruas e passeios.

Em Hespanha vive-se immenso nos cafés. Poucos paizes os possuem tão luxuosos, principalmente os de Madrid e Barcelona. O conforto dos assentos, a illuminação deslumbrante dos candelabros, a concorrencia incessante, a opulencia do serviço, contribuem para a gente se sentir á vontade n'aquellas salas faustuosas, reluzentes d'espelhos e douraduras.

Duas cousas principalmente se fazem com excesso nos cafés hespanhoes: conversar e fumar. Ora a Andaluzia é a patria da conversação viva, da replica scintillante, a terra predilecta dos *trabucos* e *Havanos* de exhalação perfumada, cinza branca e fumo azulado. É um estanco enorme, onde se exhibem todas as variedades de tabaco. Um café apinhado de andaluzes semelha um volcão, de cuja cratera apenas se vêem irromper ondulações espessas de fumo, como nas cervejarias allemãs.

Os cafés da *calle ancha*, da *Plaza de Mina*, e da Constituição são os mais frequentados. O piano conquistou o seu logar ao lado da *copa de fuego*. Em todos os cafés Thalbergs de contrabando dedilham as faceis harmonias do *Hernani* e da *Traviata*, em

quanto nas mesas de marmore telintam as chavenas de chocolate e os copos de *punch* de leite, o qual, no inverno substitue o chá nas casas da melhor sociedade.

Como é sabido, o caracter hespanhol é essencialmente franco. Os cafés participam d'esta qualidade. Quando se pede café com leite, deve contar-se com um diluvio. O liquido transborda das chavenas innundando o pires. É prudente prevenir-se a gente com um cinto de salvação.

Debalde quereriamos atalhar a catadupa que se precipita da cafeteira; o criado julgaria faltar ás tradicções da franqueza hespanhola, graduando a dose pela dimensão das chavenas.

Em França observa-se exactamente o contrario. Os cafés francezes são de uma prodigalidade em vidro verdadeiramente assombrosa; os copos de uma grossura colossal; mas o contheudo não passa de umas gottas opulentamente comprimidas na transparencia ambiciosa do chrystal. Dentro em pouco os cafés do *boulevard* hão de servir aos freguezes copos vasios; será a perfeição ideal do genero.

A população fluctuante é consideravel em Cadix. Numerosos vapores e embarcações desembarcam quotidianamente caravanas de viajantes, os quaes, antes e depois dos theatros, povoam litteralmente todos os cafés, pequenos para os conterem.

Nas mesas a que se abancam os hespanhoes, occupa a politica o logar de honra. Os andaluzes, ca-

beças ardentes e revolucionarias, entregam-se sem reserva ao fogo das declamações apaixonadas.

Um banqueiro ao qual fui apresentado e que me convidou para jantar, tinha dois retratos pendentes do seu gabinete de trabalho; o de S. Francisco de Salles e o do Espartero, espantados de tão intima convivencia.

Se ha democratas hespanhoes, o que para mim não é ponto averiguado, os habitantes de Cadix pareceram-me merecedores do epitheto, pelo arrojo vehemente e radical das opiniões.

Quando me vi convidado pelo banqueiro a fazer uma saude a Espartero, ácerca do qual o meu amphytrião discutia com um calor desconhecido na temperatura da *bolsa*, convenci-me, de que os Andaluzes são sinceramente enthusiastas, e pareceu-me natural a coragem heroica com que acclamaram e defenderam a liberdade nas suas muralhas.

Fallou-se da união iberica. Apezar de detestar a politica á meza percebi, que os mais poderosos argumentos em favor da união não foram tanto os adduzidos pelo banqueiro, como os que apontavam os olhos insinuantes de uma sobrinha, cheios de eloquencia.

Insensivelmente, olhava-se mais para ella, do que para o retrato d'Espartero.

A união iberica pelo olhar de fogo das Andaluzas é a mais perigosa de todas as combinações.

Perante aquelles olhos grandes, assombrados de

longas e finas pestanas, sinto que é possivel perigar a autonomia dos *corações*.

Se lá voltar, prometto fechar os olhos, por simples prevenção patriotica.

Com a vida hespanhola, muito menos agitada e incomparavelmente mais pobre de distracções, do que a franceza, a frequencia dos cafés é uma necessidade impreterivel.

D'aqui provém acharem-se reunidos habitualmente com os moços estroinas e *calaveras* os funccionarios graves, e os homens distanciados pelos annos do limiar encantado da mocidade.

Comprehende-se facilmente a estranheza que nos causam taes habitos diametralmente oppostos aos nossos.

Entre nós, os cafés enchem-se de gente uma ou duas horas. Á meia noite são tristes como uma charneca.

Quantos não vêem na frequencia do café um escandalo contra o qual protestam vindo ressonar para casa no conchego da familia, á luz do candeeiro de corda, ao calor benefico do fogão, de proposito para affirmarem as delicias da vida intima?

Se é immensa a vida nos cafés, se elles são o *forum*, o parlamento nocturno da população de Cadix e dos innumeros estrangeiros que a visitam, é completamente exemplar a decencia alli observada.

É que a Andaluzia é risonha como o céo que a cobre; bella como as suas mulheres; poetica como as

recordações dos Kalifas; perfumada como um bosque de jasmineiros; deliciosa de *salero* como uma *bolera* de vinte annos, de mão no quadril, a adiantar para o espectador a perna provocante; mas é tambem a patria da dignidade e do orgulho.

IX

As cigarreras

Na crassa atmosphera de fumo de charutos e cigarros, que involve a Andaluzia, sem lhe offuscar os explendores do céo, volteam visões radiantes de frescura e mocidade. São as operarias das fabricas de tabaco, as manufactoras dos suaves *papelitos* que as ardentes *malagueñas* e aventurosas *manolas* rolam nos dedos e fumam com desplante digno dos Toireiros de Triana.

Estes graciosos enxames de raparigas singellamente penteadas, de rosa nos cabellos, mantilha fluctuante, vestido curto a moldurar-lhes os contornos gentis, e a descobrir-lhes a elegancia dos pés ligeiros e pequenos, distinguem-se completamente, nos habitos e no aspecto, da *grisette* franceza e da costureira portugueza.

A *grisette* de colleirinhos e touca nitidamente engommados, transportando as compras do seu humilde *menage* no cabazinho de palha entrançada, ou a *dame de comptoir*, a caixeira de botequim, de bandós artisticamente levantados, vestida de seda e esmaltada de broches e *chatellaines*, alimentam sentimentos sinceros, desinteressados talvez, porém muito mais ambiciosos, do que a *cigarrera*, artista das fabricas de tabaco, ou caixeira de estanco.

A *cigarrera* não suspira sobre uma pagina de Lamartine, nem se asphixia romanticamente de fogareiro ao lado. A *cigarrera* não lê Werther, nem Antony, é verdade, mas em compensação é seductora de viveza faiscante, de graça natural.

Fresca como uma rosa d'abril, e suavemente languida como a sésta d'um dia de Julho, exala sem vaidade o amor, perfume do coração, como a violeta innunda de aromas a folhagem onde se occulta na sombra.

Aos domingos embarcam nos vapores, que largam a cada momento para o Porto de Santa Maria, e vão abancar-se em ranchos alegres ás mezas dos *retiros*, onde campêa a alegria, e espuma o *manzanilla* na estreita *cañita* transparente.

A *cigarrera* é activa, laboriosa, sobria e desinteressada nas suas singellas affeições. Simples nos habitos e nos trajos, nem sequer antevê as perspectivas luxuosas de uma casa apparatosamente mo-

bilada de moveis e criados, preço dos amores comprados e vendidos no mercado.

Os perfumes mais vivos não são de certo os menos duradouros, e a inconstancia do amor não é a *coquetterie* do coração exactamente como a inconstancia do olhar é a *coquetterie* da phisionomia?

Seja o que fôr, as *cigarreras* andaluzas formam a grinalda ridente do estanco, a poesia viva do fumo, as muzas fascinadoras do tabaco.

Para concluirmos estes fugitivos traços sobre os diversos aspectos, de que se illumina, a nossos olhos, a presença das andaluzas, sempre seductoras qualquer que seja a sua classe social, devemos formular uma these, em que se encerra a philosophia profundissima das nossas apreciações.

Essa these resume-se no seguinte enunciado: a fealdade nas andaluzas é apenas um accidente raro, como os terramotos. Dotadas de maneiras attrahentes, e de uma vivacidade incomparavel, alliando á expressão poderosa do olhar a eloquencia irresistivel do sorriso, as andaluzas apparecem-nos revestidas d'um ar imperioso de fumos mythologicos, que denuncia a consciencia intima de seu poder.

Á magia dos encantos reunem o prestigio que lhes prestam o jogo da mantilha e do leque, a graça dos movimentos delicadamente femininos, a espontaneidade do espirito, as seducções do idioma meridional, coadas n'uma harmonia suave por beiços vermelhos e humidos.

Tanto fogo, tanto ardor, careciam de ser temperados, creio eu, com mais agua, do que gastam as andaluzas nos seus banhos.

A extrema parcimonia d'ella no emprego hygienico das abluções, parece-me o unico traço, que separa profundamente das mulheres arabes as andaluzas.

Seria este o resultado da reacção profundamente religiosa das christãs da Hespanha contra as filhas do Propheta?

Se é, lamentemos as victimas infelizes de tão acerbos odios, — as pobres tinas de banho —, que nas casas abastadas morrem á sêde, sem uma gota d'agua sequer, verdadeiro supplicio de Tantalo.

Profundamente apaixonadas debaixo da ardente mobilidade da expressão e do olhar, as andaluzas, quando amam devéras, prendem-se ao amor pela dedicação e pelos sacrificios.

E se acaso sentem esfriar no homem o ardor da paixão, como procuram avidamente reaccender o fogo amortecido!

Quando as assaltam os furores do ciume, rugem de colera como as hyenas d'Africa e aventuram-se aos delirios tragicos e ensanguentados da vingança, como as sombrias Italianas.

Não o sabem todos? não o attestam os annaes intimos da Andaluzia?

X

Zelos andaluzes

Da bocca d'um frequentador assiduo do Casino, iniciado nos mysterios e *cancans* de Cadix e Sevilha, ouvimos a seguinte narrativa: ella confirmará á leitora amavel, que os zelos devastam, ás vezes, o coração de uma andaluza, como as lavas dos vulcões lambem os terrenos por onde passam.

I

Havia quatro annos estabelecera sua residencia em Cadix D. Lope de Blasco, antigo lente de direito na Universidade de Salamanca. Viuvo inconsolavel pela perda da mulher adorada, rico, e ligado em parentesco com antigas familias de Cadix, deixára a Universidade, vindo fixar-se n'esta cidade em companhia da sua filha unica, D. Inez de Blasco e de uma veneravel *dueña*, D. Rafaela.

D. Inez era uma adoravel menina de vinte annos. Hespanhola na alma, ardente como as organisações meridionaes, cheia de distincção, e respirando suprema elegancia, o seu typo alliava aos ardores

de Hespanha a suavidade ideal das mulheres do norte. A tez branca da morbida brancura das italianas, a bocca vermelha e humida, esmaltando-se em dentes magnificos; os cabellos louros cendrados como os de muitas Biscaínhas; e os olhos rasgadamente fendidos e de um azul transparente, aonde se reflectem ao sopro interior das paixões o brilho e as chammas do sol peninsular.

Dotada de imaginação viva e d'uma poderosa sensibilidade, trahida a espaços pelo assomo das lagrimas quasi a deslisarem em perolas transparentes, lagrimas que o exforço da vontade enxuga, mal despontam nos olhos; a um tempo enthusiasta e compassiva, apaixonada e heroica nas crises decisivas, D. Inez realisava o typo ardente da hespanhola com seus orgulhos e arrebatamentos temperados pelo sentimento profundo e pelas poeticas melancolias das filhas do norte.

Constancia na luta; firmeza no soffrimento; dignidade na paixão; toda a energia de uma alma de rija tempera, abrandada apenas de suaves effluvios e de doces extases a que é propensa aquella organisação angelica, heroica até o sacrificio, reconhecida até á gratidão, quando se inflamma nas chammas devoradoras de um amor profundo e lealmente correspondido, eis os traços predominantes do caracter de Inez de Blasco.

Ha dias em que a exuberancia da melancolia nos incita a deixar a prisão quotidiana da casa, em que vi-

vemos e a irmos aspirar o perfume das flores que desabrocham aos raios vividos do sol.

Como faz bem aos pulmões e á alma sorver o ambiente balsamico das plantas! Como os lilazes em flor, as accacias, as baunilhas e as roseiras, esmalte dos canteiros tapetados de verdura aveludada — nos penetram de emanações embriagantes! Como se bebe a vida a longos tragos! Sentimo-nos então renascer para as illusões e as esperanças. Na alma crestada do fogo das decepções sopra uma aragem consoladora. Ouvimos vibrar dentro de nós a harpa d'oiro invisivel a murmurar hymnos e canticos de crença e amor!

No seio das flores, ou debaixo dos laranjaes carregados de pomos dourados; ao murmurio da fonte a precipitar-se iriada pelo sol, em borbotões espumantes, ou á beira dos lagos dos jardins, cujos contornos bordados de violetas esmaltam o verde-esmeralda da relva humida do orvalho matutino, desopprime-se o coração do pezo que o suffoca, e rasgam-se as sombras melancolicas que o enlutam. N'uma palavra, sob a copa florida dos arbustos, a alma abre-se ao amor, como uma rosa opulenta ás brisas da manhã de primavera.

II

D. Inez de Blasco, forcejando subtrahir-se por momentos ao pungir acerbo das magoas intimas,

aggravadas pela memoria inconsolavel da mãe querida, sahiu da sua casa de campo, n'uma tarde calmosa de junho, e embrenhou-se, acompanhada de Rafaela, a inseparavel *dueña*, por um dos jardins de Chiclana, aonde D. Lope, seu pai, a trouxera por alguns dias, para lhe distrahir o espirito fatigado da agitação ruidosa de Cadix.

O magnifico panorama, que se desfructa das alturas de Chiclana não tem rival. Em baixo, o braço de mar, estreito mas profundo de Santi Petri, que se estende do fundo da bahia, e a ponte de Suazo, cuja construcção remonta aos tempos dos romanos.

Á direita desdobram-se as costas da Andaluzia cobertas de vegetação. Á esquerda erguem-se os estabelecimentos navaes de Carraca, arsenal consideravel. Defronte alonga-se o comprido cabedello, chamado ilha de Leon. Mais ao longe a cidade *coquette* reflecte a brancura de alabastro no azul-chrystalino da bahia, cujas margens de contornos irregulares se avivam, aqui e alli, de povoações alvejantes e de cidades risonhas como Porto Real e Santa Maria.

O jardim, em que passeam D. Inez de Blasco e a *dueña*, é um bosque fechado de murtas, jasmineiros, e aloendros, no centro de um laranjal, orlado nos quatro lados do vasto parallelogrammo de largas alamedas de loureiros terminadas em caramanchões floridos, cercados de bancos semi-circulares de cortiça, em estylo rustico. Estes singellos assen-

tos convidam agradavelmente á *réverie*, ao doce scismar debaixo da copa sombria dos caramanchões revestidos de trepadeiras fragrantes a enlaçarem-se por mil braços em amplexos perfumados.

Se o leitor me permitte uma recordação mythologica, sem exemplo, direi que os bosques de Amathunta não podiam segredar mais pensamentos de amor ao filho de Cyniras quando vagára abrazado por entre elles á procura de Venus, do que estes esconderijos, bafejados do halito ardente da Andaluzia.

Nenhum rumor perturba a doce languidez, em que as plantas, fatigadas dos ardores do dia, parecem comprazer-se, banhando-se nas sombras refrigerantes do fim da tarde.

Ouve-se apenas o murmurio timido da agua a serpear em meandros prateados pelos regueiros cavados nos laranjaes, e o som chrystallino dos repuxos a precipitarem-se ás golphadas nas conchas de marmore das fontes.

Interrompe este poetico extase da alma e da natureza vegetal um ruido de passos solitarios sobre as folhas cahidas dos arbustos, que alcatifam a espaços o chão liso da alameda, onde passeam solitarias Inez e a *dueña*. Sente-se o bulir dos ramos que se encurvam em abobada de folhagem, d'um e outro lado da estreita vereda, que desemboca na alameda, e apparece o vulto d'um mancebo esbelto, pallido, com a bocca expressivamente accentuada por um

bigode fino e arqueado, os olhos pretos e rasgados, a physionomia intelligente e viva.

Passando diante das duas senhoras e contemplando Inez, o recem-chegado demorou n'ellas, os olhos, não com a impertinencia insolente dos conquistadores de passeio publico, mas com o deslumbramento invencivel de quem se sente fascinado por uma formosura maravilhosa.

Effectivamente o desprevenido mancebo como que se viu trespassado de uma espada invisivel ante aquella imagem graciosa e rescendente de frescura virginal. Nunca a tinha visto, e apesar d'isso, fitando os olhos nos d'ella, amou-a desde logo perdidamente; o sangue refluiu-lhe todo ao coração em ondas apressadas; e a phisionomia varonil toldou-se-lhe de subita pallidez.

— Que olhar tão cheio d'expressão, que phisionomia insinuante e apaixonada a d'aquelle rapaz! Como elle ha-de saber amar, e com que profundo ardor! disse comsigo, córando e baixando os olhos, que se esconderam debaixo das pestanas assedadas, a scismadora e melancolica Inez. Em quanto dizia isto comsigo, continuava a percorrer a alameda ao lado da *dueña*, esfolhando umas pobres rozas que alli vecejavam, victimas innofensivas dos primeiros assomos da paixão nascente.

Ao mesmo tempo, D. Diogo de Mendoza, assim se chamava o sympathico mancebo, ao chegar ao fim da alameda encontrando de novo n'um

relance rapido e penetrante os seus olhos com os de D. Inez, fallava comsigo em monologo intimo:

— Como eu esqueceria os prazeres dos meus vinte e seis annos, as minhas herdades de Ultrera e de Andujar, os palacios e jardins de Sevilha, os meus brazões de nobre de Castella, se aquella mulher adoravel se detivesse um instante no meio do seu caminho a fitar-me e com a vista muda me dicesse: «hei de amal-o se fôr digno do meu amor, se comprehender de quanta abnegação elle é capaz para attingir na terra ao ideal da suprema felicidade, symbolisada na communhão reciproca de um affecto insaciavel.»

Veja o leitor prudente e amigo da paz domestica, que dramas intimos, que tempestades do coração rebentam, ás vezes, nas alamedas de um jardim, no regaço da natureza adormecida, ao som dos gorgeios amorosos dos rouxinoes e dos beijos da aragem a perfumar-se no calix entreaberto das flores!

Mas o sol desce no horisonte, purpureando-o uma côr de rosa suave, similhante ao pudor das virgens, e os clarões expirantes do occaso allumiam a doce agonia do ingenuo idyllio. Poem-lhe remate as sombras crescentes da noute, afugentando d'aquelle Eden os personagens.

III

Poucos dias depois voltavam a Cadix D. Inez e D. Diogo separados e livres, não já como quando se

conheceram, mas presos no enleio mutuo de uma paixão correspondida.

Sinceramente apaixonado, D. Diogo percorrera avidamente a escala do galanteio andaluz desde a serenata debaixo das janellas do palacete da praça de Mina habitado por D. Lope de Blasco, desde o encontro sem segredos na alameda das delicias, ás horas da *fashion* gaditana, até ás cartas longas e repassadas de lyrismo sentimental.

D. Inez vivia habitualmente na solidão da residencia da praça de Mina, com seu pai, estremoso, é verdade, mas tenazmente taciturno, e a boa *dueña*, cujo enlevo, além das intimas confidencias, era esbrugar as contas do rosario em coroas intermina-veis.

Não admira, pois, que exaltada pela febre do primeiro amor, embora correspondido, empallidecesse a donzella nas vigilias d'um poderoso e absorvente affecto.

Com as preoccupações e tormentos do ciume vago e indefinido, a que não podia subtrahir-se, a despeito de todos os esforços da rasão, haviam-lhe desmaiado as rosas, que timidamente lhe affrontavam o rosto.

Salteavam-lhe a mente escandecida estranhas visões. Nos delirios da paixão via sorrir a D. Diogo de Mendoza as mais graciosas formosuras. Acreditava-o fiel ás promessas juradas, suppunha-o incapaz de um perjurio aviltante, mas sentia no co-

ração uns rebates de susto vago, de terror incerto, quando fixava a phantasia ardente na viva mocidade de D. Diogo, nos seus olhos fascinadores, nos seus attractivos, na sua posição brilhante. Quando se concentrava n'estas reflexões, previa o perigo de elle lhe ser roubado pelas mais seductoras mulheres de Cadix e Sevilha. Acreditava que ainda as mais nobres e requestadas não hesitariam um instante em atrellar ao carro victorioso — como suspirado triumpho — o gentil mancebo.

A estas preoccupações accresciam outras. Mendoza, que vivia no seu palacio da *Calle de los Catalanes* em Sevilha com uma irmã de vinte annos, Luiza de Mendoza, joven de formosura ideal, de saude debil e credora dos mais assiduos cuidados, como poderia residir permanentemente em Cadix?

Á ideia de que haviam de passar dias, semanas — e quem sabe se mezes inteiros, sem que ella o podesse vêr, sobresaltava-se tristemente o coração de Inez. Quando communicava estes receios á boa *dueña*, inutilmente lhe respondia Rafaela, que em poucas horas os vapores do Guadalquivir transpunham a distancia entre Sevilha e Cadix. Inez desaffogava então em pranto as amarguras occultas, e arquejante de dôr, com os olhos humidos ajoelhava, no oratorio, diante da imagem da Senhora de Almudena, e dirigia-lhe ferventes preces, para que nenhum obstaculo viesse interpor-se entre ella e o seu

querido Diogo, e interromper a posse serena das felicidades innocentes do amor.

— Se o meu Diogo me esquece exclamava! Se a este affecto, cuja febre me devora, e que ha de levar-me talvez ao tumulo, elle prefere os sorrisos, as caricias d'alguma mulher leviana para quem o amor é uma palavra e a dedicação uma mentira!

N'este circulo de pensamentos se agitava a imaginação de Inez de Blasco, exaltada até ás allucinações do ciume.

— Apesar de eu crêr tanto em suas palavras, dizia ella á sua velha amiga n'uma noute d'outubro, apesar de dar inteira fé aos seus juramentos, aos protestos ardentes das suas cartas que parecem exhalar todo o ardor de uma alma apaixonada; quem me affiança, minha boa Rafaela, que Diogo nunca palpitará d'amor por outra mulher? Quem me diz, que, ao vêl-o pela primeira vez, não desappareceu a minha felicidade no mesmo horisonte, onde vimos mergulhar o sol, como um globo de fogo, atufando-se nas aguas da nossa bahia, no fim d'aquella tarde de Chiclana?

— Sabes tu, continuava, segurando nas mãos as da *dueña* e baixando mysteriosamente a voz, que me foge a razão só com a idea de que elle venha a deixar-me por outra mulher!

E ao accentuar lentamente estas palavras, brilhava-lhe uma claridade sombria no olhar, simi-

lhante ao sombrio clarão que reluz na vista das ciganas implacaveis na vingança e no crime.

Depois affastava com as mãos finas e transparentes as tranças abundantes, percorria n'uma inquietação febril, e com olhar expressivamente sinistro os recantos dos aposentos silenciosos, e ia aos corredores espreitar se o pai dormia.

Depois, como para affugentar a sombra importuna d'um mau pensamento, acolhia-se pallida e soluçando ao oratorio, acendia a lampada de prata, e orava até alta noite á devota imagem da Senhora, á qual promettia, se lhe protegesse os amores, um cirio bento com seu cabo de velludo carmesim, entrançado d'ouro, e um resplendor da melhor *plateria* da rua *Sierpe* de Sevilha.

IV

Dessipados porem os negrumes que a espaços lhe annuveavam o azul celeste, de que se coloria a sua alma, Inez sentia-se feliz com o amor de Diogo de Mendoza.

Este amor perfumava-lhe a existencia, abria á sua imaginação viva horisontes encantados, enflorava-lhe de rosas e de esperanças as perspectivas do futuro, inundava-a de alegria e felicidade.

Bastava-lhe a ella ver o gentil Mendoza, ouvirlhe a voz insinuante, ou lembrar-se d'elle na ausencia e da sua phisionomia, dos seus gestos cheios de

distincção, dos seus protestos affectuosos, para se julgar a mais feliz das mulheres.

Entregava-se então a doces extases, a deliciosos soliloquios, ou, trasbordando de sentimento, desaffogava no regaço da velha *dueña* o doce pezo das confissões reprimidas, dos jubilos interiores, dos segredos velados de castas reticencias.

Como desejava que o seu amante assistisse invisivel a estas expansões para ver quanto o amava, e de que esforços seria capaz para lhe entretecer a existencia das mais puras grinaldas!

Como lhe queria pertencer sem reserva e fazer da vida inteira um feudo de obediencia, um cantico d'adoração!

N'essas horas de felicidade indisivel, agradecia a Deus o haver conhecido Diogo de Mendoza e — penetrada de gratidão — erguia aos céos os olhos angelicos e deliciosamente supplicantes, onde se viam estremecer as perolas transparentes de duas lagrimas de ventura.

V

Mendoza não amava com menos ardor, e queimava os melhores incensos da sua alma á imagem querida de Inez. Vivia só para ella, e do seu amor se alimentava. Por ella deixara, havia cinco mezes, a companhia da irmã adorada, o seu palacio da *Calle de los Catalanes* e as distracções de Sevilha, joia da Andaluzia.

Diogo de Mendoza respeitava muito a Inez de Blasco para prolongar indefinidamente um galanteio sincero e apaixonado, mas a que as conveniencias impunham discretos limites. Decidiu-se a pedir a D. Lope de Blasco a mão de Inez, cujos destinos aspirava enlaçar com os seus. Rico, e representante de familia, herdeira de um nome brilhante da Hespanha, Mendoza não precisava de longas negociações para obter o consentimento de D. Lope. Que familia, por mais illustre, recusaria ligar-se a um mancebo, que á nobreza do sangue, aos attractivos pessoaes, juntava opulencia consideravel?

No meio das tristezas da recente viuvez, D. Lope experimentou viva alegria em sanctificar com os votos e bençãos de pai o enlaçe de duas almas tão espontaneamente attrahidas, que aspiravam a completar-se pelas felicidades supremas de uma união indissoluvel.

Começaram, pois, a noivar D. Diogo e D. Inez de Blasco, segundo os estylos observados invariavelmente na melhor sociedade, e que pouco mais ou menos são os nossos.

Diogo acompanhava D. Lope e sua filha ao passeio da Alameda, ou esperava-os no logar reservado ás carroagens, apressando-se a dar-lhe o braço, quando ella se apeava do elegante *calèche* balouçado em molas inglezas e tirado por duas egoas hanoverianuas.

Á noite, no *theatro principal*, via-se no camarote

de primeira ordem de D. Lope o elegante noivo sentado ao lado de Inez, n'aquelle incessante trocar d'olhos, de mudos extases e segredos, que são a vida dos noivos, o despontar da meiga lua de mel.

D. Inez redobrava de ardor e de carinhos, e o que não deve levar-se a mal, quando se trata de mulher moça e galante, redobrava tambem d'apuro e elegancia nas *toilettes* para parecer mais bella aos olhos do noivo.

Afim de lhe agradar, realisara todos os caprichos de vestuario.

Queria mostrar-se a Diogo sob differentes aspectos, para que sua belleza, por elle avidamente contemplada, não lhe apparecesse enquadrada em moldura monotona. Innocentes *galanteios* do amor!

— Como havemos de ser felizes, meu querido Diogo! disse-lhe ella um dia, sentados ambos n'um dos bancos da Alameda, d'onde se contempla a dupla immensidade azul do céo e do mar, em quanto o pai conversava a distancia com algumas pessoas.

— Espero-o tanto, como em Deus, oh! todas as sensitivas do meu coração desabrocham suavemente ao sopro da tua voz, meu anjo! — respondia Diogo, confundindo os seus olhos nos d'ella n'um olhar doce, longo, interminavel!

— Perto, ou longe de ti, continuou Inez, nos doces momentos de te possuir a meu lado, ou nas tristes vigilias da solidão, quando a sós com os vi-

sões do pensamento pronuncio o teu nome, crê Diogo, que só em ti penso e no nosso amor!

— Querida Inez, amo-te tanto! Presinto, diz-me o coração, que a nossa existencia ha-de deslisar-se, como um passeio encantado, sobre alamedas deliciosas, por entre rozaes eternamente floridos, debaixo d'abobadas impenetraveis de folhagem, á beira de lagos povoados de cysnes. Havemos de amar-nos fervidamente, no meio da solidão, longe do bulicio de Sevilha! Que Eden tranquillo ha-de ser a nossa casinha de campo, escondida nos lilazes em flor, e nas rozeiras de musgo!

Como havemos de respirar o ar embalsamado dos laranjaes pelas ruas silenciosas, bebendo a felicidade nos olhos um do outro, com as mãos entrelaçadas, sem nos separarmos um momento, que a vida é pouca para tanto amar!

N'estes sonhos se espraiava a imaginação de Diogo de Mendoza e da adoravel Inez. Contemplando aquellas gentís creaturas, em seus transportes e extases abrasados, dir-se-hiam duas perolas, que receiosas de se perderem aspiravam a conglobar-se n'uma só como duas gotas d'orvalho se transfundem n'uma, ao estremecerem sobre o calice opulento da rosa.

VI

Um dia entrou Diogo de Mendoza em casa de D. Lope. No rosto pallido imprimia-se-lhe uma tristeza profunda.

— Venho despedir-me de ti e de teu pai, por alguns dias, disse Diogo, com a voz tremula de commoção.

A estas palavras, a phisionomia de Inez assombra-se de pallidez mortal.

— Uma noticia tristissima, continuou Mendoza, obriga-me a partir no primeiro vapor para Sevilha.

— O que é? dize, que me matas d'anciedade, interrompeu Inez com uma expressão indisivel de curiosidade afflicta.

— Minha irmã, a minha boa Luiza está gravemente doente. Debil e melindrosa, o estado agudo e febril da doente, tudo emfim, inspira o maior receio. Tenho aqui a carta do doutor Perez, nosso medico, que me dá esta noticia fatal.

— Pobre Luiza, que dó me faz! Eu desejava tanto velar por ella no leito da doença! Não a vi nunca, mas quero-lhe já como a uma amiga antiga. Se é tua irmã!... meu Diogo, e minha... acrescentou Inez com um sorriso entre meigo e triste.

— Obrigado, meu anjo, disse Mendoza, pegando da mão de Inez, levando-a affectuosamente aos labios, e imprimindo-lhe um beijo. — E de ti, minha Inez, quanto me custa separar-me! Bem o aprecias, não é verdade?

Inez baixou os olhos, deixando fugir um suspiro que apenas se adivinhou pelo mecher dos labios, e depois de alguns instantes de silencio, ergueu os bellos olhos orvalhados de lagrimas para Diogo de

Mendoza, fitando-o com uma expressão de melancolia cheia de commoção.

— Olha, meu Diogo, queres ouvir? Presinto, que a ausencia, a que és arrastado, e te é imposta pelos santos deveres do sangue, será o despontar da nossa... da minha má estrella.

E ao pronunciar estas palavras, rompeu, por entre soluços, n'um grande choro.

— Pelo nosso amor te peço; desterra esses agouros, que me matam.

— Porque não hei de descobrir-te todos os pensamentos, que tumultuam no interior da minha alma?

Porque não hei de dizer-te e jurar-te pela Virgem Santissima, que n'esta separação vejo engrossar a nuvem negra dos receios, que nos meus sonhos de felicidade, sentindo-me estremecida por ti, nunca deixam de assustar este pobre coração!

E eu amo-te tanto, Diogo! continuava exaltando-se com a paixão, que sei não poder viver sem o teu amor. Vacilla-me a rasão, só imaginando que a fatalidade poderá conspirar contra elle, e erguer-se entre nós como um espectro. Esta idéa, confesso-t'o, chega a anniquillar-me por instantes, mas, felizmente, a senhora d'Almudena dá-me alentos, enche-me d'animo. A Santa Virgem da minha devoção, nas rezas que lhe dirijo, murmuradas na solidão do meu oratorio, segreda-me, que não me ha de faltar com o valor para debellar quaesquer obstaculos, a fim de possuir-te todo, meu Diogo, meu amor e minha vi-

da! Oh! se te quizerem roubar á minha ternura hei de disputar a tua posse como a leoa d'Africa defende os filhos no seu antro.

Estas palavras accentuou-as ella, n'uma voz a um tempo apaixonada e viril, em que transparecia a a serenidade das resoluções inabalaveis.

— Para que appellas para o heroismo do teu coração, meu anjo? interrompeu Mendoza. Quando o amor nos trasborda do peito, acaso não são intempestivos os lances supremos? Confiemos em Deus, e tenhamos fé no reciproco affecto. Despedaça-se-me a alma, com a idéa de me separar de ti. Mas tenho apenas meia hora, e o tempo urge. Vou receber ainda as ordens de teu pai. De Sevilha te escreverei apenas chegar.

Adeus, minha querida Inez.

Ella não poude responder; suffocou-se-lhe a voz. Concentrando todas as forças, mal pôde cingir os braços ao pescoço de Mendoza. Estreitaram-se n'um abraço cheio d'effusão, e os labios d'ambos encontraram-se n'um beijo demorado.

N'aquelle minuto supremo Inez sentiu, que nunca tinha amado tanto a Diogo de Mendoza.

Parecia que a vida se lhe evaporava no ardente beijo do primeiro amor.

Uma hora depois, o vapor *Flor de Sevilha*, largava da bahia na direcção do Guadalquivir, levando a seu bordo Diogo de Mendoza.

Este, sombrio e melancholico, não desfitara os

olhos do terraço, d'onde Inez, pallida, verdadeira estatua da dôr, seguia com os olhos embaciados de lagrimas o sulco traçado nas aguas pelo barco emplumado de fumo, até desapparecer no horisonte.

VII

O estado de Luiza de Mendoza era realmente grave. O doutor Perez, apezar de sua immensa experiencia, desesperava de poder salval-a.

Progredia rapidamente a tysica, que lhe invadira os pulmões. Diogo de Mendoza contorcia-se de dôr, ao contemplar a irmã cheia de mocidade e formosura, com as rosas da saude desbotadas no rosto gentil e vendo descahida sobre o peito arquejante a cabeça coroada de cabellos annellados, como um lirio quebrado na hastea delgada.

Passaram-se algumas semanas, sem que se percebessem os menores symptomas de melhora. Diogo de Mendoza separou-se completamente dos seus amigos de Sevilha, espreitando com dolorosa attenção os progressos da doença de Luiza.

Quando esta respirava mais desaffogadamente, Diogo aproveitava os breves intervallos em responder ás cartas apaixonadas, que Inez lhe escrevia de Cadix.

Passou o inverno e meia primavera conservando-se estacionaria a doença de Luiza.

N'uma das ultimas noites de maio exacerbou-se, porem, a ponto de ser sacramentada a pobre enferma.

N'essa mesma noite, Diogo de Mendoza, alquebrado de espirito, com as faces pallidas, e o olhar abatido pelas insomnias, recebeu duas cartas de Cadix. Eram de Inez e de D. Lope. Participava-lhe este sua immediata partida para Madrid em consequencia de haver sido eleito deputado por aquella provincia; dizia-lhe mais que Inez o acompanhava por causa da premanencia demorada em Madrid, aonde desejava saber noticias de D. Luiza, e matar as saudades de Diogo, vendo-o alli, na sua casa da rua de *Fuen Carral.*

A carta de Inez facil é de calcular quantas lagrimas a humedeceriam, ao dictal-a a magoa profunda da separação inevitavel para tão longe.

Diogo de Mendoza ficou como fulminado.

Poucos dias decorridos depois d'esta noite angustiosa, recebeu novas directas de Inez, mandadas de Madrid. Apoderara-se de Inez profunda tristeza. Quando o pai a convidava para um passeio de carruagem ao Prado, á hora escolhida pela elegancia madrilena, ella recusava-se obstinadamente. Nem sequer condescendia com D. Lope, acompanhando-o á noite a *flanar* diante das vidraças luxuosas das lojas da *Carrera San Geronimo*, o que profundamente o desconsolava. Emfim, a poucos passos da bella rua de Alcalá, que Paris e Londres não se envergo-

nhariam de possuir, aonde o ar e a luz circulam livremente, Inez persistia em não pisar aquelles passeios larguissimos orlados de arvores, em que se agita a *fashion* de Madrid.

Não a devoravam unicamente as saudades de Chiclana, dos encontros na alameda, dos passeios á beira mar, das longas noites d'inverno passadas junto de Mendoza, ao lume do *brasero* de metal lustrosamente brunido, no gabinete confortavel do palacete da Praça de Mina.

Atormentavam-lhe o coração os acerbos espinhos do ciume. O Prometheu da fabula não padecia mais atrozmente espicaçado do abutre.

Na sua imaginação ardente esboçavam-se, como n'uma téla horrivel, todas as scenas e episodios do amor voluvel.

Ella bem sabia, que Luiza de Mendoza gemia no leito da doença, que o irmão era o mais assiduo e dedicado enfermeiro, que a dôr de vêr penar a irmã adorada absorvia inteiramente a existencia e os pensamentos de D. Diogo.

Mas, ao mesmo tempo, lembrava-se das mil creaturas tentadoras, que assomam a cada passo ás adufas das ruas estreitas e tortuosas de Sevilha.

No silencio da solidão, de sua clausura voluntaria, a phantasia allucinada avivava-lhe as fórmas e o rosto seductor das filhas de Sevilha.

Ora as via envoltas na graciosa mantilha, — com a flôr nos cabellos, a chamma no olhar, a graça provocadora nos movimentos — a perpassarem pela *Cal-*

le de los Francos e de *las Sierpes* e pela ruidosa encruzilhada de *la Campana*, imitação da *Puerta del Sol* de Madrid. Ora as contemplava a agitarem os leques de seda, quando se debruçam nos balcões enramados de arbustos e flores a respirar o ar tepido da noite, ao luar.

Outras vezes, via D. Diogo concentrado na austeridade da fé, orando pela saude de Luiza junto ás capellas de Santa Justa e Santa Rufina, padroeiras de Sevilha, cercado das virgens de Murillo e das estatuas de Montanez a palpitarem de vida na penumbra da vasta cathedral.

Lembrava-lhe, então, quando seus olhos encontravam os de Diogo á missa de S. João de Deus, em Cadix, por cima do livro aberto das orações.

Ella bem sabe que as andaluzas, escravas da religião e de amor, alternam na igreja os sorrisos e os olhares com as resas devotas.

Pobre Inez! Arrancavam-lhe o coração a pedaços os zelos furiosos, como a tunica rasgava ao centauro as carnes palpitantes.

VIII

Com as primeiras bafagens do verão abrandaram os padecimentos de Luiza. A doença estacára no seu progresso devastador, deixando a enferma n'um estado de excessiva prostração. Luiza mal podia suster-se. A convalescença exigia cuidados pa-

cientes, e promettia ser longa na opinião do habil assistente.

O grande calor de Sevilha no verão, o pó insalubre das ruas a levantar-se em torbilhões suffocantes, infiltrando-se nos pulmões, eram nocivos a Luiza.

Ordenou o doutor, que fosse transportada a doente a um sitio de ares sadios, apropriado para retemperar as forças exhaustas nas immediações de Sevilha.

São bonitos os arredores da capital da Andaluzia. Das alturas de Alcalá, ao passo que o terreno se eleva em ondulações cobertas de searas, alonga-se o horisonte, e desdobram-se deante dos olhos encantados do caminhante campinas accidentadas de luz, pinhaes, olivedos, e laranjaes semeados pela vasta planicie, no fundo da qual se recortam no ceu azul as torres e cupulas de Sevilha.

Contempladas d'aquellas iminencias, a rainha do Guadalquivir e a varzea circumjacente apresentam a perspectiva harmoniosamente descripta por Zorrilla:

« Espesos muros la ciñem
y frondosisimas huertas
y apiñados olivares
y fertilisimas vegas.
Radiante sol lá elumina
y la bordan sus laderas
altos y copados arboles
y olorosas flores bellas.

Um mez depois de D. Diogo e sua irmã haverem fixado residencia perto de Mairena, as melhoras da doente continuavam, mas com extrema lentidão.

O doutor não hesitou comtudo em aconselhar que passassem o resto da estação calmosa nos umbrosos abrigos de verdura da serra de Cordova, aonde D. Diogo possuia uma *villa* deliciosamente situada.

Respira-se alli uma suave frescura, em quanto dardeja sobre as povoações da planicie um sol implacavel.

O marulhar das aguas e ribeiros, a fragrancia dos laranjaes tão viçosos como os de Granada, os matizes floridos das selvas e arbustos animam de viva poesia aquelles lugares.

A serra é povoada de casas a branquejarem, habitadas no verão por numerosas familias avidas da frescura de campos verdes, e de horisontes desaffogados. D. Diogo insulava-se habitualmente na sua *villa*. Entrando a irmã em convalescença, começou a sahir mais frequentemente a passeio pela serra, buscando sitios pittorescos e solitarios.

N'um d'estes passeios, ao entrar n'uma azinhaga, encontrou uma creatura feminina, cuja phisionomia se recordou conhecer de Sevilha. Acompanhava-a uma mulher de meia idade com todas as apparencias de creada.

O typo d'aquella mulher era o da verdadeira an-

daluza em todo o explendor da formosura petulante. Olhos negros e grandes, dentes magnificos, cabellos d'ébano finos e abundantes, o rosto oval e pallido; a bocca pequena, e os beiços de uma frescura voluptuosa. Vinte mulheres d'aquellas em Inglaterra acabavam com o spleen britannico.

Ao passar por D. Diogo de Mendoza a elegante desconhecida antecipou-se a abaixar-lhe a cabeça com uma amabilidade cheia de desembaraço, propria dos frequentadores das *Delicias* de Sevilha e do *Prado* de Madrid.

Diogo de Mendoza retribuiu o cumprimento com a polidez glacial dos homens da boa sociedade, e seguiu pela azinhaga, absorto no excellente panorama que se desfructa do outeiro, aonde ella conduz.

N'aquelle sitio, ao fundo de um terreno cingido de uma balaustrada de marmore, ergue-se uma casa elegante. As duas passeantes entravam pelo portão aberto de ferro dourado. Deteve-se alguns segundos á entrada a bella desconhecida, voltando-se com disfarçada distração para o logar, em que se demorara Diogo de Mendoza a contemplar os vergeis e pomares e ao longe a fita prateada do Guadalquivir.

IX

No campo, apesar dos mais austeros projectos de solidão, é impossivel resistir aos impulsos da curiosidade. Diogo de Mendoza indagou dos creados,

quem era a habitadora da proxima casa de campo. Obteve em resposta ser a elegante da azinhaga, uma actriz da zarzuela do theatro de Sevilha, a qual havia quatro annos se ausentara para Madrid, protegida por um dos mais opulentos fidalgos d'Andaluzia, o duque d'Almodovar.

Era preciso emigrar da serra, para não encontrar a gentil solitaria. Esta sahia todas as tardes a gosar d'aquellas alturas encantadas as pompas do sol poente, e recolhia ao jardim do frondoso eremiterio a respirar o ar embalsamado da noite, encostada á balaustrada de marmore.

Quem ignora como se improvisam as mais intimas relações na vida livre do campo, na qual a ceremonia inflexivel afrouxa seus rigores? A proximidade das habitações, a pequenez do logar, e o estimulo da curiosidade quebraram os primeiros gelos.

Diogo não tardou em comprimentar a sua visinha e fallar-lhe. Recordou-se afinal de a ter visto uma só vez no theatro de Sevilha, antes da partida d'ella para Madrid e de lhe haver sido apresentado, do que ella nunca se tinha esquecido. Trocaram-se desculpas e explicações por parte de Mendoza que foram cordialmente acceitas.

Porque o não diremos? Mendoza experimentava certo allivio nas melancholias da solidão, ouvindo Catalina Carmona discorrer sobre a vida cheia de commoções das actrizes, e agradava-lhe a resolução, por

ella annunciada, de permanecer em Sevilha, em cujo theatro se escripturara para o proximo inverno.

Em Diogo de Mendoza produzia sensação perigosa a novidade do estylo alegre e facil da actriz.

Parecia-lhe esta uma creatura impetuosa pelos ardores do sangue; mas na renuncia voluntaria da actriz ás joias, carroagens e sommas avultadas, com que a brindava a opulencia generosa do duque de Almodovar vivamente apaixonado, o qual Catalina deixara repentinamente, via elle um nobre desinteresse.

O tom invariavelmente melancolico de Inez de Blasco coloriu-se a seus olhos, das côres desesperadoras da pieguice sentimental. A infeliz donzella, que a tantas leguas de distancia penava as torturas dilacerantes de um affecto inextinguivel, começava a tomar as proporções causticas de heroina de romance. Horrorisava-se Mendoza da tyrannia dos ciumes com que Inez nunca deixava de pesar sobre elle.

Chamava pesadêlo d'amor ao sentimento exaltado, que tanto atormentava as vigilias da noiva?

Com a frequencia dos encontros entre D. Diogo e Catalina coincidiu por outro lado, menor assiduidade na correspondencia de Ignez. Não sabemos se por justa susceptibilidade, se por vagas desconfianças. Inez escrevia menos frequentemente, mas amava com o antigo ardor.

Diogo, esse, achava um allivio nas férias callygraphicas d'Inez, e respirava, quando o correio lhe não trazia cartas de Madrid!

Acaso não é o tempo o melhor dos cimentos? A intimidade de Diogo de Mendoza com a bella actriz, explendida d'espirito e mocidade, estreitou-se por modo tal que desvaneceu as primeiras apparencias de idyllio innocente. Muitas vezes os familiares de Diogo de Mendoza o viram seguindo Catalina atravez da azinhaga, ou sentado, ao pôr do sol, ao lado d'ella no terraço da *villa* habitada pela *diva* da zarzuela.

Cresceu a publicidade local d'estas relações n'uma corrida de touros em Cordova.

Apinham-se na praça dez mil espectadores. Nos camarotes está reunida a flôr da sociedade. O ruido incessante, o vozear estridente dos *aficionados* do sol interrompe-se por instantes. Chegou o momento solemne em que o touro impetuoso, aberta a porta do curro, galopa até meia praça, estaca, e olha, despedindo chammas, para todos os lados do vasto amphitheatro. Por pouco hesita. Mugindo furioso, precipita-se de carreira sobre a nuvem de capinhas, ergue triumphante nas armas, esburacando-a, a capa vermelha que um lhe atira fugindo, e enraivece-se de não colher presa mais volumosa.

Rompem as palmas e os gritos de jubilo. Os capinhas ao salvarem d'um pulo a trincheira, são acolhidos com chufas e pragas.

Surge na arena o *picador*. Traz na cabeça, chapeu d'aba larga, veste jaqueta andaluza bordada de prata, e cinge-lhe a cintura ampla facha de seda

fluctuando por uma das pontas sobre o cavallo que se encabrita sob a mão do dextro cavalleiro.

O touro investe, cego de furia, com o picador. Este responde-lhe ferindo-o á vara larga. Laivos de sangue mancham o dorso do animal. O touro espumando e ensanguentado arremette contra os ilhaes do cavallo, montado pelo picador, e rasga-lh'os.

O cavallo, vacilla, estrebucha, e cáe, extravasadas as entranhas, e pisado aos pés pelo touro enfurecido.

Na queda violenta rola na areia da praça o *picador* que se levanta entre os silvos e clamores da multidão.

A este espectaculo assistem de um camarote Diogo de Mendoza, meio escondido, e Catilina Carmona á frente, palpitante de jubilo, com a rosa vermelha nos cabellos d'azeviche, no olhar o lume do enthusiasmo, agitando febril o lenço de rendas e o leque.

Nós os portuguezes conhecemos demasiadamente as peripecias de uma tourada, (afóra os cavallos estripados e os bois desembolados), para ao leitor merecer interesse a descripção municiosa dos episodios tauromachicos, que n'aquella tarde prenderam a attenção e excitaram os applausos dos dois espectadores.

Seja-nos apenas licito dizer, que, quando o matador, o celebre Cuchares appareceu, acolhido por vivas freneticos, sustendo na mão esquerda uma

capa encarnada debaixo da qual a direita esconde a espada, a alegria de Catalina tocou o delirio.

O dextro matador desdobra a capa ao rez do chão, diante dos olhos desvairados do touro. O animal abaixa contra ella a cabeça e as armas; e Cuchares, aproveitando o movimento, com serenidade imperturbavel, enterra-lhe a espada e prostra-o morto no meio da praça.

Abre-se a trincheira, toca a musica. Tres mulas guiadas por um Andaluz vistosamente trajado entram na praça, e levam o cadaver a todo o galope para fóra d'aquelle recinto.

Catalina não cabia em si de contente. A cada instante, interrompia os movimentos convulsivos do leque e as palmas; voltava-se para Diogo, e exaltavam ambos á porfia — com viveza de expressão e de gestos — a graça e firmeza do matador.

X

Defronte do camarote, nos degraus do amphitheatro apinhados de gente, estava sentada uma mulher de tez acobreada e ar selvagem, espreitando avidamente os movimentes de Catalina e de D. Diogo.

A rede de seda que lhe prendia os cabellos, a mantilha branca, a saia de baetilha listrada com largas pregas em redor da cintura, as fivellas de prata dos

sapatos, denunciavam n'ella uma cigana das montanhas da Andaluzia, ou do bairro *gitano* de Sevilha.

Brilhava-lhe nos olhos rasgados um fogo sinistro e animava-lhe o sorriso, ironia traiçoeira. Ao acabar-se a corrida, quando no meio das pragas dos *caleceros* e de nuvens de poeira, o vehiculo em que rodava Catalina, de quem D. Diogo se despedira com um olhar, quasi roçou pela saia sarapintada da cigana, reluziu nos olhos d'esta um clarão sombrio, ao fitar a actriz.

Que tempestade interior agitaria a alma d'aquella creatura, recrutada n'uma tribu endurecida no roubo e no crime?

Dil-o-hemos em poucas palavras.

A *gitana* odiava profundamente Catalina com o rancor entranhado d'uma raça vingativa.

Vivendo em Andujar, proximo de Cordova, onde se encontram muitas familias da tribu vagabunda, cuja procedencia primitiva a tradicção popular entronca no velho e mysterioso Egypto, a *gitana* estremecia apaixonadamente um joven gitano, cuja existencia aventurosa prendera a sua, lendo-lhe a *buena dicha* e praticando a feiticeria.

O duque d'Almodovar possue, nas cercanias de Andujar, herdades e tapadas de caça, Manuelito, o amante da *gitana* penetrou um dia nas terras do duque, armado d'espingarda, e precedido de quatro, ou cinco companheiros sem pedirem licença aos guardas da tapada, percorreram-na como donos, em-

brenharam-se nos seus recessos, atirando aos gamos, sem conta nem medida. Reuniram-se os couteiros, esperas e moços de trella do duque. Os ciganos, ebrios e turbulentos, responderam á intimação de retirada com tiros d'espingarda.

O feitor do duque, aragonez destemido, dá voz de fogo, e vara com duas ballas a Manuelito, matando-o instantaneamente.

O duque, informado do acontecimento a pedido de Catalina, recompensa com melhoria de soldadas o zelo homicida do feitor.

A *gitana* com a astucia da sua raça procurou todos os meios de fazer recahir a espada da justiça sobre o aragonez, indiciado como matador de Manuelito. Facil lhe foi obter numerosas testemunhas n'uma povoação, aonde a sua tribu conta tantos proselytos, animados de sentimentos e de odios communs. Ao cabo d'esforços desesperados, conseguiu enredar n'um labyrintho de provas accusadoras o assassino do seu amante.

Mas Catalina, a valida do duque, redobrou de deligencias, e empenhou a justiça da comarca com o prestigio dos seus encantos, obtendo a absolvição do cliente.

Desde então, a *gitana* jurou vingar-se da actriz. O duque levara, como dissemos, a Catalina para Madrid, e dispendia ahi com ella grossas quantias, realisando todos os caprichos da phantasia e do luxo.

Mas a ausencia demorada de Catalina não apagára no coração da cigana o incendio da vingança. Pelo contrario, este sentimento envenenado remordia-lhe o intimo peito como uma vibora inflammada.

Duas semanas antes da corrida, quando assumira largas proporções a publicidade dos amores de D. Diogo e de Catalina, a cigana inquirio minuciosamente tudo quanto respeitava ao elegante fidalgo, tão intimamente ligado com a mulher que detestava.

O que se ignora da vida de quem quer que seja no campo, onde, se o theatro da actividade commum é excessivamente pequeno, a curiosidade, em compensação, é sem limites?

A cigana soube até á saciedade, que o nobre conquistador era o noivo de uma virtuosa e apaixonada donzella, estranhamente trahida nos seus affectos por uns amorinhos d'azinhaga.

Um dos familiares de D. Diogo informou-a da religião austera da noiva, da sua vida entre quatro paredes, ralada de dôr e de zelos, que ás vezes attingiam ao delirio.

As ciganas são errantes como os Arabes. Possuida de odio implacavel contra Catalina, a cigana d'Andujar no dia seguinte ao da corrida a Madrid procurou a rua de Fuencarral, e annunciando-se ao guarda portão da casa de Inez de Blasco, disse ser d'Andaluzia, e sabedora de *buena dicha*, o que lhe alcançou vêr a noiva de Mendoza.

Depois de trocadas algumas phrases repassadas

de viva saudade pela formosa Andaluzia, Inez, inclinada á adivinhação, dirigiu-se á *gitana* sem rodeios:

— Sabes a fundo as artes de adivinhar, não é verdade? perguntou Inez.

No olhar da *gitana* transluziu ironica alegria.

— Sim, señorita! Possuo a sciencia dos numeros, leio na palma das mãos e decifro nos astros o destino das creaturas quer sejam princezas, ou fidalgas opulentas, como vós, affogadas na grandeza e no luxo, quer obscuras *mecanicas* rojem na mizeria, cobertas d'andrajos e de vermes, como nós, pobres ciganas.

— Dispenso os teus oraculos relativamente ao passado. Limita-os ao presente e ao futuro. Se m'os encobre algum véo, rasga-o com a tua sciencia de sybilla.

A pythonisa, depois de murmurar palavras inintelligiveis n'um dialecto desconhecido, respondeu:

— Sabei, señorita, porque o leio nos astros, e m'o dizem os numeros mysteriosos e as linhas da vossa mão, que não obstante amardes perdidamente, sois escarnecida por aquelle a quem tão lealmente confiastes o vosso amor.

Uma subita pallidez annuviou o rosto de Inez.

— Continua, disse-lhe tremula de curiosidade e terror.

— O homem a quem amais está longe de vós.

— Que exactidão de circumstancias, meu Deus! murmurou Inez comsigo mesma.

— Longe pela distancia e pela memoria, acrescentou a *gitana* com perfido sorriso.

— Não prosigas nas tuas predicções, sinto fallecer-me o animo para ouvir-te, disse Inez, cedendo ao peso crescente dos agoiros.

Mas logo em seguida, continuou como em monologo intimo :

— Pois não sei que Diogo a bem dizer já me não escreve? Não passam semanas inteiras sem eu receber uma só lettra do seu punho? Como explicarei sua ultima carta, tão fria e de um laconismo cruel, a não ser por me haver esquecido de todo, por lhe pesar e aborrecer o meu amor?

E quem me diz a mim se outra mulher...

E ao accentuar em voz baixa estas palavras, a phisionomia de Inez tornara-se livida, sepulchral da fria pallidez dos moribundos.

Pareceu exhalar-se-lhe a vida n'um suspiro arquejante a custo arrancado do peito.

— Emfim, continuou Inez aproximando-se da *gitana* e enchendo-se de resolução, continua os oraculos, segredados ao teu espirito talvez por artes diabolicas.

— Não julgue, señorita, que, apezar de cigana, eu não recebesse na minha infancia as aguas santas do baptismo, e tirando do seio um crucifixo, e beijando-o, a *cigana* exclamou :

— Juro-vos minha senhora, por S. Bartholomeu, meu advogado, que não vos engano. O homem a quem promettestes a mão d'esposa, atraiçôa a lealdade dos juramentos, e mancha a pureza do vosso amor. Sim, podeis crêl-o, uma mulher perdida, pertencente á tribu dos comicos, tribu muito mais damnada e despresivel que a nossa (accentuou com sincero odio a *gitana*,) tripudia sobre a vossa innocencia de donzella e sobre a vossa castidade de noiva.

Inez de Blasco ficára hirta como uma defuncta; os olhos giravam-lhe incertos nas orbitas. A infeliz, parecia ameaçada de demencia. Vacillava-lhe a razão, só ao entrever a possibilidade de ser trahida no seu amor por outra mulher.

Ao fim d'alguns minutos de desesperada afflicção, Inez de Blasco, com os cabellos desgrenhados e as faces assombradas de mortal pallidez, ergueu-se do sophá, em que se deixára cahir, quasi sem sentidos, e dirigindo-se á *gitana*, disse-lhe n'um tom imperioso:

— Se és uma aventureira miseravel, como creio, ahi tens estes quarenta escudos, toma-os; mata a fome que te devora, e retira-te.

— Guardai os vossos escudos, senhora, respondeu-lhe a *gitana*. Graças a Deus, ainda sinto tinir na minha sacóla alguns *quartos* de cobre, e na minha humilde lareira ainda arde fogo bastante para cosinhar uma magra *olla podrida*. O que vos disse

não m'o ensinaram os sortilegios e nigromancias da minha profissão, é a verdade pura que podeis averiguar n'um minuto. Sabe-o Cordova inteira, viram-n'o ha dias estes olhos que a terra ha de comer.

O rosto d'Inez alcançava a fria insensibilidade de uma mascara funebre.

A *gitana* continuou:

— Sabeis, minha senhora, porque vim tão cruelmente desvendar os olhos de noiva? Sabeis porque me atrevi a erguer-me diante de vós como um phantasma e pisar com meus pés vagabundos as vossas alcatifas? É porque preciso associar-me a vós, poderosa e rica, na vingança que jurei tomar da amante do vosso noivo, da mulher por causa da qual ainda tem vida o assassino do meu querido Manuelito!

A *gitana* ao pronunciar este nome adorado desatou n'um choro convulso e impetuoso.

Inez recobrada do atormentado deliquio, via nas lagrimas espontaneas da cigana uma dôr sincera. Com os olhos orvalhados de pranto a deslisar-lhe pelas faces pallidas de alabastro, tinha o aspecto triste da Magdalena. A final, fazendo um exforço, pediu á gitana, que lhe contasse, sem a menor hesitação, tudo quanto sabia das relações de D. Diogo com essa mulher odiada, cujo nome ainda não ouvira proferir.

A *gitana*, ressumbrando rancôr e vingança, narrou a vida passada de Catalina, os seus amores venaes com o duque d'Almodovar, o luxo com que insulta-

va a pobreza honesta das suas companheiras de bastidor.

Descreveu com astuciosas côres, mas energicas, a actriz a enroscar-se no coração de D. Diogo como uma vibora malefica. Soube insinuar no animo allucinado de Inez, que Catalina seguira, como uma sombra, os passos de Diogo, desde Sevilha onde o conhecera até a solidão da serra de Cordova onde triumphara das hesitações d'elle.

Convenceu a desvairada noiva, que se sentia enlouquecer, da pertinaz obstinação de D. Diogo em fugir ás caricias provocadoras da actriz, cedendo, a final, aos affagos estudados e aos cantos artificiosos da sereia.

Inez de Blasco, cravada dos espinhos do ciume, com o coração dilacerado, rugia como a leôa do Atlas, quando a ferem.

Entalhara-se-lhe fundo no peito o ardor da vingança. Agora, carecia de viver. Pedia a Deus que lhe prolongasse a vida quanto bastasse para desaffrontar o seu amor da rival odiada, que lhe roubara Diogo.

Pondo termo á lucta de encontrados pensamentos, que a agitavam em tropel, D. Inez levantou-se e abriu a gaveta de um contador marchetado, e contou um punhado de moedas d'ouro, enchendo com ellas as duas algibeiras do pequeno avental da cigana, que recusava acceitar o premio das revelações, beijando com effusão as mãos da opulenta senhora.

— Escuta, disse-lhe Inez. É breve a nossa demora em Madrid. O congresso está a fechar-se e eu e meu pai voltamos á Andaluzia.

Preciso de estar em correspondencia comtigo, para me informares dia por dia, do paradeiro d'essa mulher que odeio sem a conhecer. É de mais uma de nós. Nem as duas Castellas, nem o Aragão, nem a Andaluzia teem vastidão bastante para cabermos juntas. Mas não se tracta senão do que te recommendo; avisares-me a tempo, do lugar onde param D. Diogo e... a comediante de quem nem quero pronunciar o nome, disse ella com suprema expressão d'orgulho e odio.

— Dizei-me, minha senhora, no vosso regresso a Cadix contaes passar por Sevilha?

Por Sevilha! onde conforme os estylos a noiva de D. Diogo e seu pai haviam de hospedar-se em casa do noivo?

De certo não calculaste o alcance da tua pergunta. O amor póde abater-me, mas, por Nossa Senhora te juro, sei o que devo a mim mesma como senhora e como hespanhola. Felizmente o orgulho ha de salvar-me das humilhações do sentimento. Amo e aborreço com igual vehemencia; mas no meio d'estes affectos que me abrazam como uma tempestade de fogo, lembra-me que tenho o nobre appellido dos Blascos. Esse nome de familia não posso nem devo expôl-o aos apupos das mulheres de Triana e aos sarcasmos dos ociosos de Sevilha, na presença

hoje impossivel de D. Diogo, e a dois passos d'*ella*.

O orgulho castelhano animava o olhar e o gesto digno de D. Inez, ao proferir estas palavras.

— Perdão, minha senhora, se vos offendi. Bem sabeis, que, nós, pobres ciganos, não sabemos os costumes dos fidalgos da vossa gerarchia. Nós o que sabemos é lêr a *buéna dicha* e os numeros, e adivinhar nas estrellas e nas cartas de jogar o destino dos viventes.

E não é só isso. Nas horas vagas da nossa vida, que são quasi todas, dizia a *gitana* sorrindo com malicia, tambem sabemos dançar o *fandango* com os nossos namorados, querer-lhes todo o bem a elles, e todo o mal ás creaturas que os roubam ao nosso amor. É por isso que eu detesto essa Catalina, (perdoae-me, minha senhora, por lhe proferir o nome,) porque foi ella quem concedeu a vida — que mil vezes merecia arrancada — ao perro do feitor do duque de Almodovar, ao assassino do meu Manuelito.

— Que dó me fazes! Porém é tarde, disse Inez com expressão enternecida. Em pouco entrará meu pai. Segredo de sepulchro, disse ella baixando a voz, e... adeus. Dá-me novas tuas e de *quem sabes* para Cadix, onde contamos chegar em poucos dias.

XI

Inez, escusado é dizel-o, tractou d'encobrir ao pai os acontecimentos em que era actor D. Diogo.

A revelação das scenas de Cordova e das ligações escandalosas do seu noivo com uma actriz de vida irregular, além de causarem profundo desgosto a D. Lope, que estremecia a filha, eram um obstaculo grave ás pesquizas d'Inez, aos seus vagos projectos.

Parecia que o nome de D. Diogo devia ser execrado para sempre na sua bocca e não era assim!

Inconsequencias inexplicaveis da fragil organisação humana, que a leitora, a pedido do auctor, terá a condescendencia de relevar á desventurada donzella.

Quando D. Inez tirava a furto do cofre das joias o medalhão contendo o retrato moldurado em ouro liso, de Mendoza, chorava copiosamente, e não podia esquivar-se a cobril-o de beijos soffregos.

O auctor, repete, não explica, narra singelamente e deixa a explicação aos sabios phisiologistas, que nunca amaram, e julgam conhecer a fundo os abysmos do coração, definindo-o um musculo essencial á vida. Quanto a nós, o coração é um estudante que passa a mocidade eterna a conjugar o verbo amar em todos os tempos, grammatica incomprehensivel, desespero dos tolos e dos sabios!

O que é certo é que Inez, ferida no mais vivo de seus affectos, trahida, arrastada no lodo impuro d'uns amores de bastidor, vilipendiada no orgulho de senhora e de amante por uma artista cingida dos louros equivocos da zarzuela, amava a D. Diogo per-

didamente. Era a fatalidade da paixão a illuminar-lhe de sombrios relampagos os reconditos da alma.

Odiava Catalina com odio profundo, inextinguivel, mas não pela julgar explendida de formosura, porque nunca a vira!

Inez era magestosamente bella, e, sob este aspecto, encarava qualquer rival com o desdem soberano de rainha.

Aborrecia a actriz do theatro de Sevilha quanto se póde aborrecer, porque o seu amor por Diogo attingia as vertigens da loucura.

XII

Encerrada a sessão do congresso de deputados, D. Lope, apressou-se a deixar Madrid e voltou a Cadix, acompanhado de Inez e da boa dueña, que sabedora dos segredos d'ella, todos os dias accendia velas a Nossa Senhora para arredar de casa alguma grande desgraça, e restituir a paz do coração á menina a quem tanto queria.

Ainda na vespera de partirem de Madrid recebera Inez uma carta da *gitana* na qual lhe dizia estarem já de volta a Sevilha Diogo e sua irmã, havendo-se retirado Catalina dois dias antes. Inez apressou-se a avisar a *gitana* do dia exacto da sua partida para Cadix.

A D. Lope persuadiu a filha que não escrevia a Diogo, para o prevenir do dia da chegada a Cadix, não

só por saber que ainda não estava de todo restabelecida a irmã, mas para não parecer exigir d'elle indirectamente a sua presença immediata, abandonando a convalescente. Era uma prevenção cheia de delicadeza, que D. Lope não podia deixar de comprehender.

Ao mesmo tempo na ultima carta de Inez para D. Diogo, dizia-lhe ella, que nas suas devoções tinha promettido ir visitar a cathedral de Toledo, cujas maravilhas ambicionava contemplar, especialmente as duzentas e sessenta figuras do tabernaculo de ouro macisso, obra do celebre Arfé, que rivalisa com os prodigios de Benvenuto Cellini.

Acrescentava haver combinado com o pai realisar este projecto — a um tempo romagem piedosa e excursão artistica, logo depois de encerradas as côrtes.

Para confirmar ainda mais no espirito de Diogo a crença de que partira para Toledo, escreveu outra carta datando-a d'aquella cidade.

N'essa carta descrevia Inez phantasticamente os incommodos, que padecera nas doze leguas de Madrid a Toledo, atravez dos barrancos d'aquelle caminho quasi impraticavel, onde o *mayoral*, *o zagal* da diligencia e os cavallos estiveram em perigo de cahir.

Para furtar á analyse de D. Diogo as marcas da procedencia postal da carta, Inez enviou-a fechada d'entro d'outra para a *gitana*, a qual por interposta pessoa a deixou no palacio de Mendoza.

O noivo ignorava, pois, completamente que tivesse chegado a Cadix D. Inez, exactamente quatro dias depois d'ella velar as mais crueis insomnias nos aposentos da Praça de Mina, mudas testimunhas da antiga felicidade.

Catalina, caprichosa como uma artista, e *aficionada* de touros, como uma Andaluza, persuadiu Diogo de Mendoza que a seguisse no vapor immediato áquelle em que embarcou.

N'aquella noite ficava em Cadix. No dia immediato, ao anoitecer, chegaria Mendoza a bordo do vapor que diariamente navega entre Sevilha e Cadix e na tarde do dia seguinte deviam assistir separados, elle nos logares de sombra, ella n'um camarote, á ultima corrida do verão no Porto de Santa Maria.

A *gitana* que perseguia como um espectro os passos de D. Diogo e da sua amante, e velava vigilante em redor do palacio da rua dos Catalães, onde elle habitava e da casa da rua de Cervantes, onde vivia Catalina, viu uma ligeira bagagem a sahir de casa da actriz. Perguntou aos conductores, que a informaram da ida da actriz á tourada.

A cigana voltou ao seu casebre situado no bairro *gitano*, vestiu-se, e dirigiu-se ao caes, onde tomou logar á proa entre a gente immensa, que tres dias antes de uma tourada nas duas cidades da bahia de Cadix larga de Sevilha para aquelle porto.

Chegado o vapor a Cadix, depois de curtas horas

de viagem pelo Guadalquivir, a cigana viu encaminhar-se Catalina, e atraz d'ella a bagagem, para uma casa de *pupilo* junto ao convento dos Capuchinhos, situado á beira d'um pequeno bosque de palmeiras, o unico que se vê em Cadix.

Catalina escolhera de certo aquelle sitio retirado para poder receber na noite proxima a visita de D. Diogo, cuja posição em Cadix estava longe de ser livre, como em Cordova, onde não hesitava em sentar-se ao lado da *diva* no mesmo camarote. Mas D. Diogo tinha immensas relações em Cadix. A sociedade inteira conhecia-o como noivo de uma das mais formosas e opulentas herdeiras. O que não se murmuraria, se o vissem a deshoras, na casa de uma actriz do theatro de Sevilha, bella de mais para poder tomar-se na conta de platonica a menor intimidade por ella concedida?

A cigana, apenas a viu subir as escadas da casa de *pupilo*, correu á praça da Mina, e participou a Inez a chegada de Catalina, retirando-se.

Inez traduzia no aspecto as luctas acerbas de uma dôr indizivel. No primeiro impeto, parecia querer arrancar os cabellos, de ciume.

Como a devastavam os loucos delirios da paixão! Sulcára-se de rugas, que um olhar attento descobria, aquella fronte antes radiante d'alegria. Os olhos fascinadores, annuvearam-se-lhe de lagrimas.

Devorava-a apenas a saudade da ventura ephe-

mera e desvanecida como um sonho de verão, ou transia-a um remorso pungente?

Era quasi noite. Inez, vestiu-se apressadamente de preto, poz a mantilha de rendas da mesma côr, e pediu a Rafaela que a acompanhasse á igreja da Senhora do Rosario onde estava exposto o Santissimo Sacramento.

Emquanto a boa Rafaela, com os olhos em extase, procurava installar-se commodamente e sentar-se, como é uso em Hespanha, no pavimento da igreja, Inez sahiu sorrateira do sagrado recinto.

XIII

Pouco depois atravessava ella vestida de preto o labyrintho de ruas, que medeiam entre a igreja do Rosario e o convento dos Capuchinhos. O veu negro fazia-lhe sobresahir a pallidez ideal do rosto, cavado em contracções d'agonia. Em redor dos olhos franjados de longas pestanas, desenhavam-se circulos azulados, expressão dolorosa das tempestades violentas, que a roçavam com a aza sinistra.

Vista áquella hora, pensando apenas em embuçar-se no amplo veu, sem procurar suster as tranças caprichosas e opulentas, realisava na esbelta ondulação do corpo o typo d'uma italiana, explendida de belleza e de morbida voluptuosidade.

O largo das palmeiras d'onde Inez se aventurou, parte estava mergulhado na sombra, domina-

do pela massa negra e immovel do convento, parte aviva-se em palida claridade passando pelas diversas graduações do luar.

Inez vagueiando por entre as arvores com os olhos fitos na porta da casa, em que se hospedara Catalina, assimilhava-se no fogo ardente das pupillas e no exaspero da paixão á hyena farejando a presa nos palmares.

Atravez das nuvens que a espaços a toldavam, a lua resplandecia fusca, enorme, sanguinea.

O balouçar das palmeiras desenha no largo vultos phantasticos. Nenhum ruido se escuta n'aquelle logar affastado, senão o ciciar da aragem nos penachos das arvores.

Inez de Blasco aproxima-se gradualmente da muda habitação. Abre-se a porta e sáe um vulto de mulher.

Inez segue-o ao acaso, hesitando entre a impaciencia de encontrar a rival e o receio de um equivoco. A poucos passos andados atravez da orla de trevas projectadas das paredes do convento, presensentiu á porta do edificio um corpo a arrastar-se pelo chão como um reptil, e logo depois murmurar em voz sumida : «ali vae Catalina!!»

Inez reconheceu a voz de cigana, a qual, implacavel no odio, espreitára desde o anoitecer, envolta na escuridade, todos os passos de Catalina.

Ao ouvir pronunciar este nome execrado, Inez

estremeceu de colera, apressou o passo, e em breves instantes achava-se ao lado de Catalina.

N'este momento, soltava-se a lua de uma corôa de nuvens pardacentas, e a phisionomia de Inez, desaffrontada do amplo veu de rendas, resplandecia illuminada sinistramente pelo ciume.

Fitando a Catalina com altivez desdenhosa, Ignez travou do braço á actriz, que, surprehendida pelo inesperado movimento e transida de vago terror, baixou instinctivamente os olhos perante aquella vista dominadora.

— A final, encontrei a Catalina! disse-lhe Inez. Como ardia no desejo de vel-a! Bemdito Senhor de Misericordia, continuou erguendo aos céos as mãos supplicantes, que me concedeste a graça de nos avistarmos ambas pela primeira e ultima vez.

— Não sei, minha senhora, balbuciou Catalina, mais recobrada do sobresalto, sob que pretexto pode ser tão estranhamente interrogada a esta hora, n'este logar, uma pessoa, que não conhece, e que pela primeira vez pisa as ruas de Cadix.

— Não lhe responde a consciencia, disse Inez n'uma explosão crescente de furor, que ha só uma mulher que por ciumes póde aviltar-se por momentos a trocar duas palavras com a amante mercenaria do Duque de Almodovar e de D. Diogo de Mendoza?

— Que atroz calumnia! interrompeu Catalina, vivamente ferida na sua paixão desinteressada.

— Perguntae a D. Diogo de Mendoza se tenho sido interesseira; se não tenho recusado as menores demonstrações da sua generosidade; se o meu amor por elle não é um sentimento profundamente sincero e invencivel; porque é preciso que vol-o diga: eu amo-o loucamente, senhora.

— É muito! exclamou, fora de si e allucinada pelo ciume Inez de Blasco. A noiva de Diogo de Mendoza ouvir dizer no rosto a uma rival, que lhe ama o noivo!

E furiosa, com as tranças soltas, pallida, febril, tirou do seio um pequeno punhal de Toledo, com bainha de velludo, e embebeu-o profundamente no coração da actriz.

Esta recuou ferida e livida como uma defunta. Mas Inez, louca de furor, não tardou a precipitar-se sobre ella, e, tomando-lhe violentamente do braço, vibrou-lhe duas punhaladas no lugar da primeira.

Catalina cahiu instantaneamente morta. Inez trespassada de horror, ao contemplar o cadaver da victima radiante de formosura, atirou ao chão o punhal ensanguentado, e deitou a correr como doida pela praça silenciosa, até desapparecer.

Momentos depois, um unico vulto percorria surdamente como uma sombra o melancholico theatro da tragica aventura. Era a *gitana*, cosida com as trevas, que se achou junto do cadaver de Catalina, apalpando-o com alegria diabolica.

Depois vagueou em redor do cadaver, como á

procura de um objecto. O punhal de Inez de Blasco reluziu na escuridão; a *gitana*, levantando-o apressadamente, cobriu-o de beijos, murmurando em voz agradecida:

— Reliquia preciosa de vingança, nunca mais sahirás do cofre adorado aonde te vou encerrar ao lado da *sortija* d'ouro e da *cuchila* do meu Manuelito!

Ao ouvir na rua proxima a voz do *sereno* a annunciar lentamente as horas aos habitantes, a *gitana*, guardando no seio o punhal banhado no sangue da actriz odiada, fugiu rapida como uma côrça.

XI

Monumentos. Quadro de Murillo. Jerez de la Frontera. Decadencia da «manola». O barbeiro e o frade hespanhol

Lancemos os olhos ao acaso por Cadix, e conversemos, amigo leitor, sem plano, sem methodo, ao sabor da phantasia vagabunda, repimpados em nossas poltronas, e com um bom charuto acceso. Assim é que é conversar.

Em Cadix não abundam monumentos, nem se distinguem pela opulencia dos materiaes e pureza

do estylo. A Cathedral, ainda em construcção, promette ser imponente e magestosa.

A casa do *ayuntamiento*, ou municipalidade não tem cunho caracteristico. O quartel d'artilheria, junto á alameda, é um dos edificios mais vastos e elegantes da cidade, e attrahe a attenção dos visitantes.

Ás igrejas, em geral, fallece o caracter de grandeza, que cerca de prestigio o culto catholico e suas poeticas ceremonias.

Não importa. Cadix consola-se da sua modestia archictetural, lembrando-se das cathedraes magnificas de Burgos, Toledo e Sevilha, suas conterraneas.

A missa elegante é em S. João de Deus, espaçoso templo, recamado de talha dourada, e flanqueado de numerosas capellas. É uma exposição de formosuras e *toilettes*. Durante a missa toca uma das bandas militares á frente do respectivo corpo d'infanteria ou artilheria.

É facil avaliar a attenção de tantos olhos para o altar mór por entre os fogos cruzados dos gentis officiaes. Apezar da hostilidade apparente, a religião, o amor, e a guerra formam ás vezes tam intima alliança!

Á igreja de S. Filippe Nery, onde se reuniram as gloriosas côrtes de Cadix, prendem-se recordações de vivo patriotismo. N'aquellas abobadas ecoou a eloquencia do divino Arguelles, e de Martinez de la Rosa, o joven auctor da *Viuva de Padilla*,

tragedia, em que se inflammavam os mais viris sentimentos da Hespanha.

Aquellas paredes retumbaram com a voz inspirada de Calatrava, de Garcia, do Conde de Tureno, de Lugan, brilhante pleiade que engrandeceu com os explendores da palavra e do genio a nobre causa defendida nos heroicos rochedos gaditanos.

Ainda hoje se commemora com enthusiasmo aquella época excepcional, em que os habitantes de Cadix e os quarenta mil refugiados ao abrigo de suas fortes muralhas, cercados de um exercito poderoso, debaixo de uma chuva de metralha, se entregavam ás mais ruidosas festas.

Deixava-se o baile, e corria-se á trincheira. Ouvia-se uma peça de Martinez de la Rosa, ou dançava-se ao som das descargas francezas, sob o granizo das balas, aos bramidos roucos e medonhos do canhão.

Via-se alli um exercito portuguez e regimentos inglezes a augmentarem a animação da cidade, a que dava realce encantador uma população numerosa e brilhante das mais elegantes damas da monarchia hespanhola.

A historia affirma, que se obraram prodigios. Quanto não excitariam o brio dos combatentes os olhares imperiosos de tantas formosuras, abrazadas d'amor e patriotismo?

Uma das cousas que mais preoccupa o viajante, é a extrema raridade de *Murillos*, a poucas legoas

de Sevilha, aonde por tanto tempo pintou o immortal artista, creador de uma escóla, que enriqueceu com o seu poderoso genio os thesouros artisticos da Hespanha.

Não se explica facilmente esta impaciencia de vêr despontar por todos os recantos da Hespanha uma producção do celebre pintor, suppondo um quadro de Murillo tão trivial como uma garrafa de *Val de Peñas*, ou um prezunto de Malaga!

Effectivamente foi mui fecundo aquelle genio, cujas creações se banham da mais suave idealidade nas suas Virgens inimitaveis; mas a sua galeria disseminada pelos mais opulentos museus está bem longe de satisfazer as exigencias ambiciosas dos *toristas*, que, em vendo um quadro de sacristia, querem por força attribuil-o ao pincel do divino artista.

Cadix, por exemplo, apezar da sua opulencia, vangloria-se com o unico quadro, que possue do grande mestre, e mostra-o com ufania no interior da igreja do convento dos Capuchinhos.

O assumpto do quadro, a que se liga a melancholica recordação da morte de Murillo, é o *casamento de Santa Catharina.*

Affirmam os entendedores, que na distribuição das figuras e na pompa do colorido, Murillo se elevára n'esta obra, ás imminencias do seu raro talento.

O inevitavel *Cicerone* conta invariavelmente ao visitante a triste aventura de Murillo. O pintor ca-

hiu do andaime, em que estava pintando o quadro, que não poude concluir, e morreu da queda.

A historia limita-se a asseverar, — e isto basta para emoldurar em eterna melancolia aquella téla admiravel — que o casamento de Santa Catharina fôra a ultima producção do artista.

A morte não tardou a immobilisar-lhe nas mãos inertes o pincel palpitante de vida. Mas, raro dom do genio! o nome do pintor, radioso e cercado d'uma aureola perenne, revive nas télas prodigiosas, assombro das gerações.

Menezes Osorio, um dos discipulos mais carinhosamente iniciados pelo mestre nos mysterios da arte, recebeu de Murillo a incumbencia de pôr a ultima mão no quadro.

Á semelhança de Camões, teve Murillo tambem um escravo, fiel como o Jáo, ao qual ensinou a pintura. Porventura o verdadeiro talento não é prodigo das suas riquezas e não aspira a desentranhar-se em revelações e ensino?

Em frente do convento, outr'ora opulento, ondeia ao vento um pequeno bosque de palmeiras, dando ao sitio uma côr tristemente africana.

Ao passo que o viajante deplora a mais rigorosa esterilidade de *Murillos*, descobre uma defficiencia extrema de cavallos.

E que soberbo animal de irreprehensivel estampa não é o cavallo andaluz! Filho do arabe devora o espaço. Se corre de noite a toda a brida, allumia

as trevas com o fogo das pupilas. Socio fiel do cavalleiro entristece-se, ou exulta com elle.

As carroagens das pessoas abastadas são tiradas a cavallos inglezes, os andaluzes, provavelmente, espairecem, relinchando pelas campinas e pastagens.

Para serviço, emprega-se até á prodigalidade, o gado muar. O cavallo andaluz, na Andaluzia, deve enfastiar-se da ociosidade a que o condemnam. Bello e ardente, definha-se de tedio nas caudellarias, como as sultanas nos harens.

Apesar de vaguearam infinitas mulheres pelas ruas de Cadix e Sevilha, ha uma população mais numerosa do que ellas: é a das guitarras. Rara é a casa em que não haja jogos duplicados do popular instrumento. É uma Babel de guitarras de todos os estylos e epochas, legendarias, da idade media, e contemporaneas.

Não conheço exactamente a somma dos pandeiros recenseados, mas devem exceder muito em numero o dos cidadãos contribuintes. O pandeiro é essencialmente oriental no matrimonio. As suas esposas legitimas são as castanholas. Este casamento tem atravessado os seculos sem a menor sombra de divorcio.

Quem está alguns dias na Andaluzia tem obrigação de vêr mulheres bonitas, fumar excellentes *havanos*, e beber umas lagrimas de Xerez de la Frontera.

Mas o Xerez deve tomar-se na propria locali-

dade, e não hesitei em visitar as suas famosas *bodegas*, gravidas de vinte mil toneis, como os geographos sobem o curso do Nilo para lhe descobrirem as mysteriosas origens.

Entre o porto de Santa Maria e Xerez ha um troço de caminho de ferro, que se prolonga hoje até Sevilha. A primeira legoa de caminho é encantadora. Depois desatam-se á vista as immensas vinhas, que abrangem um territorio de cincoenta legoas quadradas.

A paisagem não pecca por excessivamente pittoresca, e o comboio não vôa como a aguia dos Pireneus. Um cavallo andaluz não desesperaria de o alcançar na carreira.

Xerez é uma cidade opulenta, tem um magnifico casino, excellentes habitações particulares, lojas aceiadas, bellas carruagens, ruas largas, e principalmente adegas incomparaveis.

Chega-se a ter dó dos nossos mais vastos armazens de vinho do Douro, quando se penetra n'aquelles palacios bacchicos, resplendentes de toneis vistosamente pintados a despenderem torrentes côr de topazios pelas brunidas torneiras de metal.

Convida á contemplação a grandeza silenciosa d'aquelles toneis, que esparzem pelo mundo inteiro tanta alegria tumultuosa. De vez em quando dirigem-se alli colonias de inglezes, e defronte dos colossos de madeira, demonstram mais since-

ra admiração que na presença das pyramides do Egypto.

Em Xerez, cujas vinhas abundantes e preciosas são uma fonte permanente de riqueza, bebe-se muita agua temperada *d'azucarillo*. N'uma *botilleria* em que entrei, só vi agua gelada e sorvetes. Salutar correctivo de sobriedade ao lado das adegas magnificas, aonde milhares de toneis dilatam o bojo enorme como outros tantos Silenos!

Um inglez, depois de percorrer em silencio as *cavas* de Xerez, só achou uma expressão condigna de seu extase: «Oh! exclamou, aqui é o paraizo terreal!»

Se os hespanhoes desejassem deveras Gibraltar, parece-me que bastaria offerecer á Inglaterra a soberania das vinhas de Xerez, para ella abandonar a famosa praça, e trocar os canhões d'aço por toneis de pau.

Baccho dá alli as mãos a Terpsichore. Por toda a parte a *cachucha*, o *fandango*, e o *bolero* se expandem em buliçosas attitudes ao som da orchestra simples e universal de pandeiros e castanholas.

Os apreciadores d'antiguidades, no centro da vida, e da animação commercial de Xerez, cidade que respira por todos os lados opulencia e prosperidade, podem notar-se na contemplação de edificios d'antiga archictetura, preciosa em algumas igrejas, e de monumentos cercados do prestigio dos seculos e da aureola da historia.

A todos suscita vivas recordações o Alcaçar, a antiga cidadella que, atravez dos lanços de muralhas meio derrocadas, deixa perceber a origem arabe. As torres de Menagem e do Ouro desenham no azul transparente os pezados vultos de granito a elevarem-se nas extremidades d'um muro em parte coroado d'ameias.

O theatro de Xerez não condiz com a elegancia das habitações, com o conforto das numerosas carroagens que atravessam as ruas espaçosas, com o movimento essencialmente moderno da cidade, cuja phisionomia destaca da apparencia da maior parte das grandes povoações de Hespanha.

Em compensação, a praça de touros muito bonita adverte-nos, que estamos na Andaluzia, aonde a tourada é religião professa dos andaluzes e o touro bravo mais adorado, do que o boi Apis no velho Egypto.

A meia legoa de Xerez estendem-se as margens do Guadalete, tumulo ensanguentado de Rodrigo e da monarchia goda. A imaginação desdobra sobre a paisagem um véo de melancolia, quando fitamos o theatro de uma das mais pungentes catastrophes da historia.

Perto do Guadalete esperguiçam-se as humildes aguas do Salado. Que recordações disperta este nome, que nobres feitos aviva na memoria! Ao contemplar aquelle rio, cuja lympha transparente deriva serena, insensivel ás emoções do viajante, pa-

recia-me que mão invisivel me abria o livro das nossas glorias, avivando aos olhos em caracteres agigantados os heroismos do passado.

N'aquelles logares que eu percorria haviam eccoado ha seculos harmonias guerreiras. Ao toque das trombetas, ao estrondo dos atabales e anafis, se precipitaram as hostes portuguezas commandadas por Affonso IV de Portugal sobre o exercito do rei mouro de Granada na batalha do Salado, anniquilando-o.

Nada mais desencatador do que uma decepção. Ao voltar de Xerez, perto da noite, quiz preparar convenientemente a minha *toilette* para uma *tertulia* no *casino*, e entrei n'uma das melhores *barberias* de Cadix.

Como se desvanece, ao devassarmos aquelle recinto, a imagem galhofeira e maliciosa do barbeiro de Sevilha! O barbeiro andaluz de hoje lê gravemente o artigo de fundo, e só discute a vida alheia por abstracção profunda. De resto, quem quizer entregar algum bilhetinho ás Rosinas, tem de procurar outro mensageiro. Já vae longe o tempo d'Almaviva. Todavia o barbeiro ainda não renunciou á cafeteira de folha, em que guarda a agua quente, nem ás bacias de latão amarello, pendentes da porta, taboleta expressiva do officio.

N'esta parte o barbeiro conserva as tradições do typo finamente retratado por Beaumarchais, perpetuando a memoria jovial de Figaro.

Outra classe, de que em pouco só restará a memoria, com grave detrimento dos homens de lettras e romancistas que recrutavam n'ella abundantes heroinas d'imaginação, é a das *manolas*. Em breve não passarão de recordação historica.

Assim desapparecem uns apoz outros, na região positiva e material das cousas humanas, typos e individualidades, que parecem elementos inseparaveis da sociedade, onde se somem como n'um abysmo.

Só D. Bazilio, com o chapeu enorme, a cumprida batina e o rosto seraphico, resiste impavido ás revoluções, que destroem typos, costumes, e crenças de seculos, como a onda apaga os traços gravados na areia.

Mas D. Bazilio é risonho, harpeja na guitarra, fuma desesperadamente, e sorri a furto com mais, ou menos innocencia.

Tractei com dois padres hespanhoes e achei-os furiosamente demagogos.

Queriam na sociedade, diziam elles, a igualdade e a fraternidade exaltadas por Christo no Evangelho. Suppor que o padre hespanhol é inimigo jurado da liberdade é ignorar a historia. Acaso não brilharam nas côrtes de Cadix, radiantes de explendida eloquencia, ao lado dos mais fogosos liberaes, grandes luminares da igreja, como Villa Nueva, Olivares, Torrero, e outros?

Não obstante, respira-se, por vezes, um ar sacerdotal no centro dos mais animados ajuntamentos.

Os padres, com o seu chapeu de dois palmos de aba adiante da cara, contrastam desagradavelmente com as mantilhas de renda e os olhares de fogo das Andaluzas. Mas estas são realmente tão bellas e o céu é tão azul, que offuscam quaesquer sombras clericaes.

O typo do fradalhão hespanhol tem a meus olhos o merito pittoresco de cortar com o soturno aspecto do trajo o colorido exuberante e impetuoso do vestuario nacional. É uma escuridão ambulante a negrejar timidamente por entre jorros de luz.

XII

Bahia de Cadix e arredores

Em um dos dias, que bordejei na bahia, fui visitar as cidades festivas de Porto Real e de Santa Maria, aonde ha passeios agradaveis, theatro, praça de touros, animação e vida jovial.

Poucos espectaculos se poderão contemplar, mais ricos de cambiantes e de gradações de luz, do que a da bahia allumiada pelo sol poente.

As povoações marginaes a branquejarem, debruçadas sobre o fundo verde das aguas, e recortando-se na purpura listrada de ouro do horisonte, aparecem cercadas de uma incomparavel moldura.

Ao longe, ergue-se a crista do monte de Medina Sidonia. Os fortes de Matagorda, de Pontales, de Trocadero, de Santa Catharina, velam como sentinellas de granito pela defeza das margens.

S. Lucar de Barrameda, Chipiana, a Torre de Brevas, o promontorio de Regla, entre a barra do Guadalquivir e a bahia de Santa Maria á entrada do Guadalete, accidentam o porto com resaltos e reconcavos pittorescos.

Em quanto me absorvia na contemplação d'este panorama explendido, das magnificencias do sol a atufar-se nas aguas, coroado de chammas douradas, e dos innumeros barcos que sulcam a bahia com a rapidez d'andorinhas, chegavam-me aos ouvidos os harpejos das guitarras.

Nem mesmo embarcado emmudece o alegre instrumento! Decididamente a alma do andaluz, reside nas cordas da guitarra! Por isso, ella vibra em toda a parte, a toda a hora, no campo e na cidade, no rio e no mar.

Os arredores das povoações á beira-mar tem muita analogia com o nosso littoral do Algarve na plantação, na feracidade do terreno, no aspecto das arvores, e diga-se tambem, no aspecto africano da paisagem.

Na zona arenosa, brota a figueira, e cresce o pinheiro como nas immediações de Chipuna distante duas leguas de S. Lucar.

Á proporção que nos affastamos do mar, deixam

de collear as vagas d'areia, o terreno esmalta-se de verdura, as pastagens crescem luxuriantes, as arvores annosas cobrem de sombra as flores silvestres, que pullulam, desenhando alcatifas variegadas em redor dos troncos enrugados.

Como no Alemtejo, os rebanhos d'ovelhas, e as manadas de bois e vaccas pastam á vontade nos montados, aonde o porco, com a gravidade de um philosopho, vasculha por entre as estevas a glande dos azinheiros e sobreiras.

O porco hespanhol, geralmente, é preto como um cabinda d'Africa; o do nosso Alemtejo, avermelhado e ruivo, ostenta as cores de um cervejeiro da *city* de Londres.

Nos logares, em que se condensa a vegetação, as aguas correm abundantes e vivas debaixo das silvas entrelaçadas.

Na área que percorri, prepondera a grande cultura. É ainda outra similhança com a phisionomia agricola do nosso Alemtejo.

Fóra dos oasis de verdura e sombra desatam-se vastos e ferteis terrenos na mais desconsoladora nudez de arvores. Apenas, de quando em quando, raras oliveiras campeam como vedetas isoladas no centro de pingues descampados.

Mas sob a apparencia esteril, como o torrão se desentranha em fructos, aquecido por um sol creador!

Junto ás povoações, a terra engrinalda-se de plantas odoriferas e embalsama-se do aroma de la-

ranjaes em flor, dourando-lhes os fructos o ceu callido da Andaluzia.

A espaços destacado solitariamente da vegetação europêa, um grupo de palmeiras a lembrar-nos a Africa fronteira e as suas solidões abrazadas.

E na verdade, apenas um fôsso de mar, d'algumas leguas, cavado entre dois continentes, o estreito de Gibraltar, se interpõe entre a risonha Andaluzia e a patria do deserto e dos leões, dos hieroglyphicos e das esphinges.

XIII

Adeus á Andaluzia e á Hespanha

É forçoso dizer adeus á Andaluzia, reservando para mais longas paginas a descripção de Sevilha, um pequeno mundo de maravilhas.

Mas com que sentimento me aparto da Hespanha! Atravez dos laranjaes do Guadalquivir, por entre as palmeiras bafejadas do sol da Betica, parecem-me vaguear ainda, dando-se as mãos, as virgens dos mosteiros e as sultanas dos harens, e misturarem-se no bulicio dos arraiaes os soldados da Cruz e os ultimos Abencerragens.

Em cada pedra revivem alli, ao redor do viajante, os seculos mortos. Os vestigios do dominio ro-

mano entrelaçam-se com os monumentos da civilisação dos godos. Apparecem á imaginação exaltada os phantasmas dos Cezares, dos emires serracenos, dos reis catholicos.

N'aquella terra de prodigios e de fé calorosa, nem mesmo o valor heroico do Cid se ostenta, solitario. Ao lado do heroe, personificação dos brios e do orgulho castelhano, pelejaram os monjes, milicia dos claustros, com ardor invencivel.

Povoam-nos a phantasia com o vulto de Pelagio e recordam-nos a lucta gigante dos *communeros* os picos montanhosos das Asturias. Nas margens do Guadalete vemos affundido n'um occaso de sangue o sol de uma gloriosa monarchia.

Mal acabamos de contemplar o caracter mystico da Hespanha nas penumbras austeras da cathedral de Toledo, a cidade dos reis e dos concilios, avistamos as florestas de columnas da mesquita de Cordova, a inconsolavel viuva dos Califas.

A uma simples evocação agitam-se todas as sombras poeticas e legendarias, a Dulcinea del Toboso, a Ximena, D. Juan Tenorio, a estatua do commendador, o Cid de Bivar, Bernardo del Carpio. Na região phantastica dos sonhos surge o vulto de D. Quichote, brilha o elmo de Mambrino, e movem-se aos ventos as vélas dos moinhos acommettidos pelo cavalleiro da Mancha.

Por entre a chamma vivida de Cervantes, Lope de Vega, e Calderon rompem os clarões funebres

da inquisição. Na corôa profana da comedia e do drama intercalam-se as locubrações theologicas de Luiz de Granada e os extases de Santa Thereza.

Nos marmores do palacio e na verdura dos jardins de Aranjuez resplandece a alegria hespanhola como n'um sorriso. No labyrintho melancolico do Escurial palpita o genio sombrio de Filippe II e fluctua o cortejo sombrio dos inquisidores.

Nas pinturas divinas de Murillo, céos transparentes, aureolas de santas, virgens de suavidade ideal; nas télas de Velasquez, as realidades mundanas, as sensualidades alegres da vida.

Que paiz magico, Santo Deus! Os contrastes surgem de toda a parte em relevo energico na historia e nos costumes, no caracter e nos monumentos, na vida pratica e nas espheras da imaginação. Quem não se ha de embriagar com os philtros de poesia contidos em amphora tão opulenta?

Oh! a Hespanha não é, como a suppõem levianos, a patria prosaica da *olla podrida*, e do *Val de Peñas*, o reino material do bom Sancho Pança, o tumulo do sentimento e da arte.

Pelo contrario, exaltam-se a imaginação e os sentidos, e o coração bate apressado ao fitarmos a encantadora arabe-christã, que vota igual culto a Deus e ao amor.

Alli a crença é ardente, a paixão louca, a vingança uma delicia, o ciume um demonio, o chocolate uma Providencia!

De vez em quando, fuzilla-se um ou muitos homens: é apenas um entre-acto! A verdadeira hespanhola arremessa-se dos braços do amante, para devorar com beijos a imagem querida do Senhor crucificado. O catholicismo hespanhol é eminentemente militar. Santa Thereza foi nomeada generalissima dos reaes exercitos por decreto!

Quem poderá vangloriar-se de alcançar nos seus aspectos multiformes aquella nação Protheu?

Sorriso a abrir-se cheio de meiguice para quem a contempla, e a inundar de aromas quantos a respiram, não é a Hespanha tambem esphinge impenetravel, quando pertendemos arrancar-lhe os arcanos e comprehender-lhe as antitheses infinitas?

Para nós, e basta-nos isso, a Hespanha, é a generosidade e a franqueza, o orgulho do Cid e o amor de Ximena, a corrida de touros e a zarzuela, o punhal e o *abanico*, a *manola* e o jesuita, o *Lausperenne* e a *jota aragoneza*, a mantilha e o chapeu de Bazilio, o *Salero* e a *pantorrilla!*

GIBRALTAR

GIBRALTAR

Passagem do estreito. Os leões do Atlas. Trafalgar. Lembranças do passado. Ceuta, Gibraltar, Algesiras. Desembarque. O policeman. Ruinas mouriscas. Os escocezes. Edificios, fortificações, e curiosidades naturaes. Noites de Gibraltar. Ronda. Prophecia triste ácerca dos macacos de Gibraltar. Invocação piedosa aos Genios do Estreito.

Devora-nos a anciedade de contemplar a Inglaterra intrincheirada n'um rochedo da Hespanha — crespo de canhões de Armstrong. Queremos ajuizar pelos nossos olhos se os inglezes cerram os ouvidos ás serenatas, fecham os olhos ás Andaluzas, e conservam o aspecto pesado de *plum-puddings* na patria do sol e da alegria.

O vapor sacode triumphante o penacho de fumo sobre as vagas oscillantes. A aragem é branda, mas de feição. Adelgaçam-se as nevoas do crepusculo, descobrindo as ondulações da terra de Hespanha atravez de uma claridade pallida.

Não tardam a arredondar-se á nossa esquerda os montes de Ronda e o littoral andaluz... Á direita recorta-se em cerros dentados a cordilheira das montanhas d'Africa.

Apodera-se de nós uma impressão poderosa de surpreza e de curiosidade ao avistarmos o continente, cujo interior mysterioso não foi até hoje completamente devassado pelos mais intrepidos viajantes.

Em homenagem á verdade declaramos não ter ouvido rugir do alto d'aquelles pincaros escarpados os terriveis leões do Atlas.

O governo de Marrocos devia escripturar alguns d'estes reis do deserto para bramirem medonhamente á entrada do estreito. Era um meio de conservar á Africa o imperio do terror associado pela imaginação ao paiz dos monstros.

Do lado da Africa projecta-se sobre o estreito o promontorio pardacento d'Espartel. Parece vigiar com a desconfiança do arabe diante de um *giaour* o cabo agudo de Trafalgar, que lhe está fronteiro.

Que nome heroico e tragico o de Trafalgar! Aquellas aguas cortadas pelas rodas do vapor foram o theatro ensanguentado de um grande combate.

Setenta náus de linha pelejaram no campo movediço das ondas. Trinta e tres colossos dos mares vomitando turbilhões de metralha pelas goelas de bronze dos canhões, desappareceram nos abysmos, sepultados nos proprios destroços.

Combate singular, em que os tres almirantes inglez, francez e hespanhol expiam com a morte, o primeiro — as glorias do triumpho, e os outros dous as agonias do revez!

Nelson, victorioso, não sobrevive aos seus louros. Villeneuve morre de desesperação. Gravina succumbe á dôr amarga do desastre.

Desmaiaram de todo as estrellas da ante-manhã. O sol descobre vivido, affogueando de purpura o horisonte.

Os alcantis de um e outro lado do estreito tingem-se dos rubores da alvorada, como frontes pallidas subitamente rosadas. Sobre as fragas africanas e as costas da Andaluzia precipitam-se torrentes de luz. Não ha que ver: é o sol d'Africa a fazer-nos as honras da casa em toda a pompa da magestade tropical.

Só não revivem de tão explendida scena as glorias de nossos avós, prodigamente semeadas pelo arido littoral, aonde nos ficavam os olhos rasos d'agua!

Rios de sangue portuguez ensoparam as serras e planicies, aonde se ouvem apenas o canto monotono do arabe e os uivos da hyena!

Nas muralhas, que vamos descobrindo com a vista melancolica, nos bastiões de Mogador, de Tanger, d'Alcacer Ceguer, de Tetuão e de Ceuta ondearam dominadoras as quinas, cravaram-se as nossas lanças, e firmou-se o nosso dominio á ponta da espada nas fortalezas, em que hoje tremula o estandarte barbaresco ou a bandeira hespanhola.

Quem hade atravessar aquelles mares e fitar aquellas praias, theatros de tão assombrosos feitos,

sem evocar, cheio de respeito e desconsolado do presente abatimento — as sombras epicas de D. João I, do condestavel, do conde D. Duarte, e de D. Pedro, da pleiade inteira dos heroes da epopêa africana?

Mas o vapor prosegue na sua marcha e não dá tempo a cogitações tristes.

Do lado da Hespanha succedem-se os montes aos valles, branquejando a espaços as povoações e o caiado dos logarejos solitarios.

Na margem opposta do estreito, que, onde se aperta mais, tem seis legoas de largura, nota-se completa nudez de logares e arvoredos.

Os montes estendem-se em ondulações aridas, destacando da cadea continuada de serras a montanha dos Macacos.

Somos chegados ao fim do estreito. Do lado da Africa, Ceuta coroa-se de ameias e bastiões nas alturas do monte Abyla.

Do lado da Europa, fronteiro áquelle monte, cresce sobre o mar como uma ameaça, e ergue ao céo o tope agudo como uma espada, o rochedo de Gibraltar, o Calpe dos antigos.

Do mesmo lado encurva-se no territorio hespanhol, preso a Gibraltar por um isthmo, a vasta bahia de Algesiras com a povoação d'este nome, branca de neve e sorrindo ao sol, reclinada no reconcavo da enseada azul, como uma sultana que vai banharse n'uma concha de marmore.

O céo tem a formosura e a inconstancia das mu-

lheres. Ao ancorarmos a pouca distancia do molhe entre uma espêssa floresta de mastros e canos de vapor, atravez de cardumes de botes á véla e a remos, o céo carregou-se de sombras e não tardaram em cahir grossas gotas de chuva.

Oh! Inglaterra, nem mesmo debaixo do firmamento risonho da Hespanha renuncias aos habituaes aguaceiros do teu céo de chumbo?

No molhe apinha-se uma população numerosa e activa, que vem assistir á chegada dos navios e dos passageiros que dão entrada a cada instante no porto.

Em poucos minutos o molhe estava coalhado de chapeus de chuva, de *water proofs* e de casacos de *gutta percha*.

A Inglaterra triumpha nos prodigios das suas industrias impermeaveis.

Onde ella porém se ostenta orgulhosa, digamol-o sem ironia, é nas casas confortaveis, nos *cottages* elegantes, que orlam e esmaltam o arido e selvagem rochedo, d'onde se penduram graciosas e *coquettes*.

Os inglezes possuem a arte de introduzir o confôrto nos logares mais inhospitos do globo. Se lhes pertencesse o Sahará, creiam que o tornariam ameno. Quem sabe mesmo se o povoariam de fogões apezar da sua temperatura elevada? O *confort* britannico é tam difficil e exigente!

Ao desembarcar, dei de chapa com um *policeman* no exercicio de suas funcções. Um *policeman* de

varinha branca, á vista dos piratas marroquinos, a dois passos dos camellos da Barbaria! Contraste pittoresco!

E como elle vagueava sereno e aprumado por entre o redemoinho ruidoso e variegado de inglezes, hespanhoes, marroquinos e judeus!

Quando entrei a porta da praça, que dá sobre o novo molhe ao longo do porto, percebi que pisava terra ingleza!

O correio acabava de chegar. Os filhos de Albion corriam a ler noticias da metropole, desdobrando *Times* maiores que os leitores.

A cidade, a despeito das construcções modernas, conserva na apparencia e na construcção das casas feição peninsular. A maior parte das habitações modernas são cobertas de telhas, algumas teem terraços, varandas e mirantes d'onde os moradores desfructam os encantos da bahia, a entrada do estreito, e a perspectiva deliciosa d'Algesiras.

Como em toda a parte, onde as tribus agarenas cravaram o estandarte victorioso do Propheta, despontam os resquicios dos monumentos mouriscos por entre a moderna povoação.

O viajante, transportado pela imaginação ás eras remotas do dominio mussulmano, espreita umas muralhas derrocadas, esperando vel-as coroadas pelos turbantes dos guerreiros do Islam.

O sonho desvanece-se ao contemplar em redor

de si um enxame d'inglezes de colleirinho ponteagudo e chapeu alto.

Na rua principal, onde ha lojas e armazens, a multidão composta dos representantes de todas as raças circula na mais pittoresca variedade.

As samarras dos judeus, as jaquetas de alamares, e chapeus ponteagudos do almocreve de Algesiras, e do feirante de Ronda, os bornous brancos de Tanger e Ceuta, os jalecos bordados e os turbantes dos mercadores turcos agitam-se diante da vista surprehendida n'um tumultuoso kaleidoscopo.

Aquella multidão incesssante, raiada de côres extravagantes, vestida de fatos europeus, africanos, e orientaes assemelha-se a um baile de mascaras em S. Carlos. Se não lhe faltassem as pastorinhas de rigor e os dominós, a similhança seria completa.

Dobrando uma esquina tive de desviar-me de um turco, que, reproduzindo na Europa os costumes do Oriente, estava sentado n'uma almofada sobre o passeio diante d'um café. Pelo que me pareceu, as posturas municipaes, em relação a estes pejamentos orientaes, são de uma illimitada tolerancia.

Ao dar meia duzia de passos esperava-me outra surpresa. Sahia formado dos quarteis para uma revista um regimento d'escocezes, de saia curta pelo joelho, pernas nuas, bolsa de pelles de cabrito ao meio da cintura, e bonnet de plumas na cabeça. Desfilavam diante de mim Edgardo, Asthon,

e os coristas da *Lucia de Lamermoor*, mas airosos, bellos, marciaes.

Contemplando os officiaes louros, de elevada estatura, de cabello annellado e bigode fino, no vistoso e desusado traje escocez, comprehende-se, como elles facilmente triumpham na ardente imaginação das hespanholas, de seus compatriotas de paletot mackintosh, collarinho de véla grande, e suissas circulares. Aquelles gentis militares são em Gibraltar o unico laço por onde a Hespanha se aproxima intimamente da Grã-Bretanha.

Entre a cidade e a ponta da Europa, que se debruça sobre o mar, olhando para o monte Abyla, está o passeio da Alameda.

Ha alameda em Sevilha, Cadix e Gibraltar, e não sei, se em Malaga, Alicante e Barcelona; é uma verdadeira epidemia.

O passeio é agradavel e bordado de flores. Em Gibraltar por extremo quente no verão e outomno, é um refrigerio embalsamado onde se aspira a viração fresca da tarde.

Praça de guerra, a que os inglezes ligam a maior importancia, por ser d'aquelle lado a chave do Mediterraneo, Gibraltar tem excellentes estabelecimentos militares.

Apontarei entre elles os quarteis do sol e o hospital da marinha que pode accomodar mil enfermos.

O almirantado, antigo convento de frades, o pa-

lacio do tenente governador, construcção moderna, são bons edificios.

Em Gibraltar as casas e edificios são exteriormente pintados de côres differentes. A pintura, como é sabido, quebra os raios solares.

As fortificações que não se podem ver sem licença do governador, formam a parte importante de Gibraltar.

O morro, de aspecto selvagem, é verdadeiramente inexpugnavel para o lado da Hespanha. Os fogos cruzados de innumeras baterias varrem o terreno hespanhol do *campo neutro*.

As grandes fortificações estendem-se principalmente do lado da cidade, dominando o porto.

Por este lado, o interior do rochedo, é uma serie de baterias sobrepostas, cavadas na rocha, que vão subindo de galeria em galeria, até ás alturas do morro.

A morte precipita-se por milhares de canhões, d'aquelles esconderijos homicidas em turbilhões de metralha, occultos nos flancos da montanha.

Na ponta da Europa encontram-se os restos de um monumento arabe, transformado pela piedade catholica dos hespanhoes em capella sob a invocação de Nossa Senhora da Europa e vêem-se os vestigios de um banho mourisco, cercado de columnas.

Mas a curiosidade natural, que mais attrahe o viajante, é a afamada caverna de S. Jorge, aberta no rochedo em uma altura immensa acima do nivel do mar.

A bocca da Caverna é estreita, mas descendo-se um pouco, a immensa cavidade alarga-se; ao clarão dos archotes dos guias illuminam-se as columnas caprichosas de stalactites, figurando vagamente o aspecto inteiro de uma cathedral gothica.

A animação de Gibraltar é exclusivamente mercantil; innumeros navios affluem de toda a parte ao ruidoso bazar, que é porto franco.

A unica restricção posta á livre entrada dos passageiros é a da saude publica.

Chegamos ali em occasião de epidemias longiquas.

A *saude* veio receber as noticias da nossa procedencia, que felizmente não era suspeita, nas pontas de uma thesoura. O empregado sanitario respirava o comico terror da febre escarlatina na scena do *Barbeiro de Sevilha.*

Apenas mostramos a nossa carta limpa (estylo de lazareto), desembarcamos no molhe, sem pesquizas de mallas, nem devassa de bagagens.

Assevera-se geralmente, que nos altos cumes do morro vagueiam bandos de macacos. Dispensei-me, porém, de verificar por meus olhos, se a gravidade britannica dos habitantes da cidade é amenisada pelos tregeitos dos monos, que habitam as eminencias.

Acho insipida a raça dos parodistas do homem, mesmo nos seus mais habilidosos representantes da America.

Ora os macacos de Gibraltar a arremedarem in-

glezes e a assobiarem o *God save the Queen*, hão de ser provavelmente uns sensaborões a par dos seus irmãos do Brazil. Quem sabe se terão já o fanatismo do *improper?*

Á noute, fecham-se as portas da cidade, e Gibraltar converte-se n'uma vasta prisão. As serenatas d'ali consistem em toques de recolher, tiros de peça, e rufos de tambor. Depois de todas estas diversões musicaes, dorme-se. Se as noites de Lamego convidam ao somno, as de Gibraltar inspiram o suicidio.

O governador convida alguns officiaes por turno para a sua partida de *boston*, ou de *whist*, recebe os estrangeiros de distincção, e dá jantares e bailes sumptuosos, condignos da sua elevada posição.

No territorio hespanhol, a dez leguas de distancia da praça, fica o logar eminentemente pittoresco de Ronda, cercado de ruinas, de lendas, e de recordações arabes.

Dirigem-se a Ronda caravanas de inglezes, montados em mulas. Estas, copiando as manhas das suas irmãs d'Ovar, saccodem a miudo do apparelho os cavalleiros, ou espojam-se na estrada.

Os inglezes n'estas excurções vestem-se á andaluza.

Ora John Bull disfarçado em *Figaro*, bifurcado no albardão de um burrico, e aos trambulhões por uma estrada é eminentemente jovial.

Ronda abunda em alturas inaccessiveis, em ro-

9

chedos aonde se quebram espumantes as aguas do Guadalevim, debaixo do vôo rapido das aguias e milhafres, aninhados nos alcantis, que entestam com as nuvens.

Uma ponte enorme corta em duas a cidade. D'um lado o ruido e a agitação, d'outro o silencio, e a mudez dos tumulos. Esta parte constitue a Ronda legendaria, a Ronda dos phenicios, dos romanos e dos arabes, theatro de aventuras dramaticas e de luctas ensanguentadas, reino bellicoso de que se vêem os vestigios no alcaçar do rei mouro.

Olhando pela ultima vez para o rochedo de Gibraltar, todo roto de boccas de fogo, afigurou-se-me vêr uma torta collossal descobrindo o recheio atravez da crusta esburacada.

Muitas peças nas galerias superiores, para não abalarem a montanha com a violencia da detonação, estão como que suspensas por fortes correntes de ferro chumbadas na rocha. Parecem molossos acorrentados, mas impacientes por quebrarem os grilhões.

No dia em que latirem unisonos os mil Cerberos de bronze, embora se reunam nos pincaros fronteiros de Ceuta todos os leões do Atlas a rugirem furiosos, seus bramidos hão de parecer apenas como que um chôro timido de crianças.

N'esse dia tremendo, prophetiso-o, emigrarão de Gibraltar os macacos, remate grutesco da mon-

tanha gravida de engenhos mortiferos, e irão vaguear errantes como os filhos de Israel.

Adeus Calpe, e Abyla!

Adeus columnas de Hercules, cercadas de poeticos terrores!

Vós, Genios do Estreito, concedei, que me sejam favoraveis os mares e os ventos.

Em vossa adoração, e ao passar de novo as aguas que senhoreaes, accendo piedosamente um charuto havano. É o mais puro dos meus incensos.

PARIZ

PARIZ

Embarque para o Havre. O capitão Grosós. Sahida do Tejo. O enjôo. Golpho de Biscaia. Cannal da Mancha. Passageiros. Aspecto da Normandia. Desembarque. Porto e cidade do Havre. Partida para Pariz. Rouen.

I

Vamos avivar as reminiscencias maritimas da mocidade, embarcando para o Havre no vapor *Ville de Brest.*

Subimos as escadas, entramos o portaló e apertamos cordialmente a mão ao capitão Grosós. É o mais delicado e activo commandante. Os passageiros podem abdicar n'elle a liberdade pessoal, durante os quatro, ou cinco dias de viagem. Companheiro jovial, conversador cheio de vida, fino gastronomo, o capitão Grosós é um homem do mar ás direitas, practico, corajoso, intelligente. Conhece o seu navio como Mazzoni todos os teclados d'Erard, e Coussoul o exercito de clarinetes e contra-bassos, sobre que florêa a batuta de marfim. Moço, elegante, condecorado, o commandante do *Ville de Brest* é o *lobo marinho* mais seductor que se póde imaginar. Quantas formosuras a bordo não terão feito vo-

tos, em segredo, para que se prolongue a viagem? E, depois, é tão attencioso e amavel com as senhoras! Fóra do tombadilho e da camara de ré, no asphalto dos *boulevards*, mr. Grosós mais parece um addido de embaixada, do que um official de marinha.

Dizemos o ultimo adeus aos nossos. O vapor move rapidamente as rodas. Em breve transpomos a torre de Belem. Colleam ao longe as ondulações dos outeiros de um e outro lado do Tejo.

Descobre-se Paço d'Arcos a branquejar na enseada. Passa-se defronte de S. Julião, saudando a torre, aonde aos dezesete annos de idade estive engaiolado como um canario na companhia de 2:500 passaros revolucionarios da junta do Porto.

No horisonte recortam-se os pincaros dentados da serra de Cintra; á direita encurva-se na terra a ampla bahia de Cascaes. Durante algum tempo avistam-se as costas avermelhadas, destacando-se a massa verde escura dos pinhaes, tristes oasis dos desertos arenosos do littoral. Apenas se desenham em traços indecisos as alturas e promontorios até desapparecer a terra, invisivel na immensidade confundida do céo e das aguas.

Toca a sineta do almoço; começa para uns o martyrio do enjôo, para outros uma fome devoradora. O mar é de rosas, mas que importa? Para quem enjôa, não ha mar possivel, nem mesmo o de S. Carlos, agitado por um comparsa em ondulações de lona.

O vapor *Ville de Brest*, graças ao balanço, tem a arte de ameaçar com uma aurora de nauseas as mais valentes organisações. Quanto aos passageiros, propensos a enjoar, esses, coitados, encerram-se nos beliches, interrompendo apenas o silencio de defuntos, para abrirem um olho e pedirem com voz desfallecida uma gota de caldo. Ao entrarem, os infelizes leram de certo o distico desesperador do Dante, n'aquellas prisões, donde só esperam levantar-se como Lazaro saccudindo os lençoes, ao desembarcarem na terra de França.

A bordo passo excellentemente, gozando poderosas faculdades digestivas, continuação feliz das que possuo em terra. É uma confissão prosaica, mas verdadeira. O conde do Prado, existencia juvenil ha pouco cortada em flor, esforça-se por luctar contra as ameaças do enjôo, lembrando-se de descender de uma familia, em que não faltam nomes illustres nos annaes da marinha. O sympathico moço reage, mas succumbe; á força, porem, de vontade, triumpha dos revezes momentaneos, comendo como um heroe.

No golpho de Biscaia, o mar empola-se, e o vento refresca, accommettendo o vapor com a dança de S. Victor. Os passageiros, que passeam no tombadilho, assemelham-se a patinhadores no gêlo. Sem querer, dão corridas de bombordo a estibordo, e para variar, de pôpa á prôa. O vapor ora se empina a prumo como um cavallo teimoso, ora aponta o gurupez ao

seio aberto das vagas, parecendo engolphar-se nos abysmos.

No meio do combate das ondas affigurou-se-me deliciosa de poesia a attitude serena de uma loura creança de doze annos, filha do piloto, a extrahir de um harmonium as melodias sentidas da *Casta Diva* de Bellini, á hora melancholica do pôr do sol, com uma commoção apaixonada, em que se trahiam a alma e a vocação de uma artista.

Innocente creança! Orphã da mãe roubada precocemente ás caricias infantis, teve por berço as ondas, por morada as cavernas de um navio, por affagos o vento e as tempestades.

Avistam-se as rochas asperas da Bretanha. Não tardamos a entrar o cannal da Mancha, bordando-se a costa, affogada em trevas, das scintillações despedidas dos pharoes postados nos promontorios como sentinellas perdidas.

Improvisa-se, como de costume, uma succursal do *gremio* na primeira camara. O *whist* e o voltarete alegram a melancholia sepulchral das victimas do enjôo. Lêem-se jornaes, contam-se anedoctas, toma-se chá, soltam-se as azas ao paradoxo e á conversação animada, em quanto o vapor devora o espaço, atroando-nos os ouvidos com a respiração poderosa dos pulmões d'aço da machina.

Um doutor brazileiro, amarello como uma chlorose, magro como um esqueleto, com a cabeça enterrada até ás orelhas n'uma campanula de sêda preta, an-

nuncia-nos com insistencia, que vae a Pariz experimentar n'uma operação delicada o bistouri do celebre Nelaton. O doutor não é um homem, é um hospital de doenças theoricas, expostas em estylo d'enfermaria. Quando olho para elle, tremo como d'um theatro anatomico.

Fujo d'aquella phisionomia de cholera morbus, mas ás horas da meza é impossivel escapar-lhe ás divagaçães therapeuticas, que teem a suavidade da amputação e a doçura do caustico.

A manhã do ultimo dia de viagem rompeu com uma alvorada luminosa. O nosso céo peninsular não ostenta purpura mais viva, nem se orla de franjas mais douradas.

O horisonte da proxima Inglaterra tinge-se do mais sereno azul. *All right!* Colhi o firmamento britannico em flagrante delicto de claridade! Será desforço desesperado do *plumbeo céo* contra nós os portuguezes, que alli íamos, tão justamente vaidosos das pompas brilhantes do nosso sol?

A curta distancia da costa da França brotam das ondas, como fragmentos desprendidos da Normandia, as ilhas da Mancha, Jersey, Guernesey, e o Alderney, a Orygny dos francezes, esmeraldas enormes reluzindo engastadas em rochedos caprichosos.

Desatam-se em cambiantes de verdura as campinas da Normandia, rompendo d'entre arvoredos fechados, as torres, e campanarios ponteagudos.

A vegetação é luxuriante, os bosques densos, a paizagem risonha. Que anthithese com a melancholica Bretanha, cujos logares e praias açoita a miudo um mar selvagem.

Acabamos de passar Harfleur e Trouville, sitio elegante de banhos, e sorri-nos o Havre como uma *coquette* atravez da espessa floresta de navios ancorados. Eis-nos finalmente em terra. Aproveitemos o pouco tempo que nos resta, e percorramos ao acaso a cidade.

A cal implacavelmente branca dos nossos edificios e dos da Hespanha esconde-se discreta, cedendo o logar a côres menos vivas, em que se quebram os raios solares. Telhados bastante inclinados e revestidos de zinco coroam os edificios publicos e as habitações particulares, dando-lhes a apparencia de pavilhões das Tulherias em miniatura.

Uma columna cerrada de hoteis ao longo do caes, cobertos de lettreiros enormes, torna impossivel a distracção dos viajantes.

Os frequentes comboyos entre o Havre, Rouen, e Pariz e as numerosas povoações intermedias; a posição eminentemente mercantil da cidade, devida ao porto artificial, aonde afflue uma quantidade fabulosa de navios, alimentam uma vasta população fluctuante, que, reunida aos 65:000 habitantes do Havre, se espraia ruidosamente pelos caes, ruas e boulevards, entre o rodar activo dos *omnibus*, carroagens, e vehiculos.

Sente-se o halito de Pariz no ar gracioso das mulheres, que sem terem a belleza fascinadora das hespanholas, o olhar profundo, e a expressão ardente das andaluzas, são suavemente louras, brancas, e esbeltas.

O andar da mulher franceza é tão gentil, imprime-lhe tão airosa distincção, que nos esquecemos de lhe contemplar a phisionomia, para nos extasiarmos perante a graça dos seus movimentos.

As senhoras vestem com elegancia. É difficil não as confundir com as parisienses da *Chaussée d'Antin* e da rua Vivienne.

E o que é o Havre, senão um bairro de Pariz, destacado á beira do oceano, esforçando-se por cumprir os deveres da urbanidade franceza, d'um modo irreprehensivel, não obstante as sessenta leguas que o separam de seus companheiros da capital?

Nas vidraças das lojas, agglomeram-se, dispostos com gosto, muitos objectos de phantasia e luxo. Os fructos da Normandia esmaltam-se de folhas lustrosas e verdes em vistas tentadoras.

Os titulos dos hoteis de todas as cidades, de Lyon, de Marselha, de Pariz, de Londres, de Amsterdam, de Dunkerque, formam um curso completo de geographia em taboletas. Disticos de toda a especie serapintam as habitações. O annuncio pompêa as côres garridas e estrepitosas de Arlequim.

Quem não adivinha estar no paiz da elegancia, vendo as *modes de Pariz* e as *bijouteries* ostentadas em

armazens explendidos desafiando a tentação e perturbando a paz das algibeiras?

Uma observação, que não póde escapar ao viajante curioso, desde que pisa o territorio francez, é vêr o homem completamente emancipado dos trabalhos braçaes. O carreto ás costas quasi que desapparece.

Quantas pessoas, familiarisadas com o espectaculo das nossas ruas, percorridas por creaturas investidas nas funcções de bestas de carga, não terão experimentado a nostalgia do gallego perante o seu eclipse permanente? O vehiculo universal é a carreta puchada a cavallos normandos, ou limosinos, de formas athleticas.

O boi é igualmente dispensado de empregar na tracção dos carros as forças musculares, discretamente poupadas para a alimentação e engorda.

Vamos de carroagem percorrer os boulevards e a elegante praça de Napoleão III. Em França grassa uma epidemia de praças com o nome do actual imperador.

Vendo uma praça orlada de arvores, nitidamente ensaibrada e de recente construcção, podemos rasoavelmente suppôr, que foi baptisada com o nome do Cesar contemporaneo. É uma explosão d'enthusiasmo patriotico traduzida em asphalto e em cubos de calçada.

A picareta do barão Haussmann faz escóla. As cidades, ciosas de bom nome, forcejam por moldar

as novas ruas e construcções nas formas grandiosas, que o Prefeito do Sena imprimiu na phisionomia de Pariz moderna. O Havre já se lançou resolutamente na corrente contagiosa da imitação parisiense, alargando as dimensões das ruas principaes, e bordando-as de arvores, cuja folhagem assombra agradavelmente os passeios marginaes. É uma amostra antecipada, e em miniatura, dos *boulevards* de Strasburgo, ou de Sebastopol.

Quando se medita na coragem perseverante, com que, a despeito das contrariedades e obstaculos, se abriu o vasto ancoradouro do Havre nas costas da Normandia, triumphando da natureza rebelde pelos exforços collossaes da sciencia, do trabalho, e do capital, reconhece-se, que a França une á mobilidade do espirito a constancia nas grandes resoluções.

Do lado do porto, o Havre cinge-se de dokas, e para o seu recinto entra-se por um corredor, cuja entrada depende da maré, conforme a tonelagem dos navios. Cresce tão rapidamente a animação commercial e maritima do porto, que as dokas actuaes não chegam para o movimento progressivo do mais importante emporio da França, no littoral d'oeste.

Centenares d'operarios, ajudados por machinas e engenhos poderosos, trabalham com ardor nos desatterros necessarios para a construcção de novos ancoradouros dentro dos molhes do porto artificial.

Os primeiros silvos da locomotiva advertem-nos

de que é chegado o momento de dizermos adeus ao Havre, que não se vangloria exclusivamente dos seus brazões mercantís porque se recorda de haver sido o berço de um grande poeta moderno, Casimiro Delavigne.

O comboyo fiel á sua missão vertiginosa, arrasta-nos nas azas de fogo do vapor.

Desdobram-se á nossa vista os contornos dos outeiros emplumados d'arvores frondosas. Destaca-se em matizes variegados a cultura das campinas. A charneca, com o seu aspecto assolado, não entristece os olhos extasiados. As agulhas dos campanarios reluzem illuminadas pelo sol no centro das povoações cingidas das faxas multicores das hortas e pomares.

Assistimos a um idyllio vivo, perante o labutar dos homens e das mulheres nas tarefas agricolas. Ranchos de cegadores cortam a herva ondeante de verdura. Charruas aperfeiçoadas revolvem a terra sulcada de rêgos.

As vaccas normandas, decoração animada dos campos, ruminam tranquillamente, como que affogadas até aos peitos n'um oceano de pastagem.

O reverso d'este quadro campestre é moldurado pelas collinas do valle do Sena, que ora volve as aguas transparentes sobre relvas aveludadas, ora se contráe no leito apertado das margens, ou se espraia debaixo das pontes tubulares bramindo quando as toca no rapido vôo o hyppogripho da locomotiva. Eis, Rouen, a fabricante!

Ao avistal-a á beira do Sena, eriçada de uma floresta impenetravel de chaminés, esquecemo-nos da sua opulencia e condoemo-nos de a vêr suffocada por nuvens espessas de fumo.

Pensando na vida de Cyclopes, que ao clarão das forjas, na athmosphera incandescente das fundições, passam as legiões do trabalho, condemnadas a ouvir o rugido incessante das machinas, como o Indio escuta o tigre nos palmares, esfria em nós o lyrismo da civilisação industrial.

Tantos milhares d'operarios a cavarem as entranhas humidas do solo, a respirarem o ambiente suffocante dos fornos, a beberem as emanações deleterias das tinturarias, para se vestirem d'estofos opulentos um certo numero de sofás e de mulheres!

A natureza, porém, abre, em redor do intrincado labyrintho das fabricas, a mais risonha perspectiva. A cidade espelha-se na corrente tranquilla do Sena, rodeada de collinas em doce declive esmaltadas d'arvores, de culturas e de casas elegantes.

Como um protesto levantado pelas crenças do passado contra a omnipotencia fabril, onde se absorvem as forças vivas do presente, campeia tostada pelo sol dos seculos a veneranda cathedral. É um templo de remota antiguidade, que denuncia primores d'architectura interior, nos rendilhados e columnelos neo-gothicos da frontaria.

Aquella igreja cingida do duplo diadema da cruz e dos annos, grave, austera, no meio das mil chami-

nés prosaicas das officinas, não incute na alma a fé e o confôrto, que ás vezes desmaiam com os desalentos do trabalho, na presença das machinas frias como o aço de que são feitas, e mudas como esphinges ás interrogações pungentes da fome e da miseria?

II

A corrente do Sena. Corredores e exhalações de Pariz. Perspectiva confusa da grande cidade. Arco da Estrella, cupula do Pantheon e torres de Notre-Dame. Differença do vivo ao pintado, quando se trata de Pariz. D. Quixote e Sancho Pança reinando a par. Brazões e nodoas de Pariz.

A corrente do Sena tem a malicia da *coquette*. Umas vezes esconde-se no reconcavo sombrio do valle, outras apparece-nos limpida, espelhando os choupos e salgueiros das margens. Ora solta da madeixa os fios de prata a serpearem em meandros reluzentes, ora os reune n'uma trança farta, arrastando-se por entre a verdura dos campos como cobra de chrystal.

Na crista dos outeiros alvejam as vélas dos moinhos, reduzindo-os a distancia ao tamanho de brin-

quedos de creança. Nas immediações de Pariz, os logares vestem-se de casas de campo, de quintas bonitas.

Os *rez de chaussée* no fundo de jardins bordados de flores cuidadosamente tratadas, os *chalets* a entremostrarem-se meio escondidos em ninhos de verdura exhalam, como n'um perfume afastado de violetas, as emanações da metropole da elegancia.

Começam a apparecer os predios urbanos dos arredores; desfilam diante de nós as *guinguettes* e restaurantes de Batignolles, enlevo das alegres *Ninettes* de Pariz aos domingos.

Ecco me al fine in Babylonia! exclamo como *Arsace* na *Semiramis*, ao contemplar o dedalo inextricavel da casaria, a floresta de zimborios, de agulhas douradas, de chaminés respirando fumo, que se estende n'uma vastidão immensa até os limites do horisonte.

No meio d'aqulla orgia colossal de ferro e de zinco, de tijolos e de granito, ergue-se na magestade classica dos monumentos da Roma imperial o arco da Estrella.

Parece-nos, fitando-o, ver com a imaginação as aguias do Cezar moderno prestes a desferirem o vôo do alto das cornijas, projectando sobre a cidade as azas da Victoria, e accodem-nos aos labios os versos admiraveis de Victor Hugo:

> Il ne restera plus dans l'immense campagne
> Pour toute pyramide et pour tout Panthéon,
> Que deux tours de granit, faites par Charlemagne,
> Et qu'un pilier d'airain fait por Napoléon.

Atravez d'aquella mole informe e confusa, de edificios, e separando-a por um sulco reluzente, corre a veia azulada do Sena.

Alem, a cupula do Pantheon, necropole dos grandes cidadãos, levanta-se arrojada ás nuvens como uma aspiração d'immortalidade, contemplando soberana a seus pés o oceano tumultuoso da cidade.

Alli, *Notre Dame* desenha n'um fundo pardacento o perfil austero das suas torres. É a severidade melancolica, ungida de fé profunda, dos antigos tempos a emergir da leviandade sceptica e alegria sensual da moderna Babylonia.

Pariz, na febre das orgias nocturnas, extremece ao fitar — erecto e sombrio — aquelle pharol da fé, d'onde se reflecte a luz timida das lampadas interiores filtrada pelos vidros das ogivas.

Entretanto, o comboyo chega á vasta estação de S. Lazaro, indicando aos numerosos Ulysses de primeira classe — pela voz dos guardas que abrem as carroagens — o termo da rapida Odyssea de sessenta leguas do Havre a Pariz.

Só quem não tem a inspiração aventurosa das viagens, deixa de experimentar uma sensação de cu-

riosidade e de sobresalto indisivel, ao vêr Pariz pela primeira vez.

Parece que nos vamos lançar nos braços de uma esposa desconhecida, mas que amamos de ha muito pelas declarações feitas, pelos protestos jurados, pelas caricias promettidas.

Homens d'imaginação ou epicuristas desenfreados, todos entrevêem Pariz, desde os verdes annos, nas nevoas de sonhos phantasticos.

A poesia e a proza, o ideal e a sensualidade dividem entre si a soberania de Pariz. D. Quixote e Sancho Pança reinam a par, um na esphera impalpavel do espirito, outro nos dominios positivos da materia.

As mais palpitantes creações da litteratura ácerca dos encantos de Pariz lidas na quadra juvenil, e engrandecidas pelo prestigio seductor da mocidade, empallidecem, quando sentimos nos ouvidos o zumbido da colmeia enorme, toda tecida de febre e de delirio.

Sente-se, advinha-se, que estamos na cidade onde a vida se resume n'uma convulsão permanente, onde o pensamento vôa rapido como a electricidade, onde a alegria espuma como o Champagne, e o prazer entontece como uma vertigem.

Olympo de divindades licenciosas, Athenas de vicios elegantes, Gomorrha de torpezas cynicas, Pariz não é tambem o cerebro da Europa, a academia por excellencia, o fóco dos pensamentos viris, a pa-

tria do enthusiasmo e da coragem? Não reune Pariz ás graças voluptuosas de Juno o garbo guerreiro de Marte? Não realisa a personificação da Minerva armada em pleno seculo dezenove?

III

Fome de Ugolino. O auctor atraz d'um «restaurant» como Telemaco atraz de seu pae. Defende-se a cosinha franceza de arguições exaggeradas. O auctor confessa o seu fraco pela cosinha portugueza. Toques fugitivos a respeito de cosinha franceza e ingleza. A cosinha portugueza é eminentemente ecletica. Saudades dos jantares vernaculos do sr. Alexandre Herculano. Primeiras digressões atravez de Pariz.

Apezar dos ardores da curiosidade, a minha primeira preoccupação, depois de vestir-me e banharme — com a voluptuosidade d'um arabe—n'uma casa de banhos da Chaussée d'Antin foi matar a fome de Ugolino que me devorava, procurando o clarão amigo d'um restaurante, como Telemaco o vulto d'Ulyses nas regiões do Averno.

Em Pariz acha-se mais depressa um restaurante que um alfinete.

Entremos ao acaso, empunhemos a carta do *me-*

nu com a avidez de Scylla ao lêr as listas de proscripção, e aventuremo-nos ao jantar francez, que pesa no estomago, como uma bola de sabão na athmosphera.

Não sei porque desconfiança patriotica proclamam alguns portuguezes o indigesto da cosinha franceza, confundindo-a com as iguarias coloridas, que por ahi vemos em alguns hoteis, similhantes a retalhos de mappas geographicos.

Apezar de não occultarmos as nossas predilecções nacionaes n'este assumpto, confessemos que a boa cosinha franceza é sadia e substancial. Gloria-se de traduzir as concepções dos Brillat-Savarin e dos Cussy, honra as nobres tradicções dos Vatel e dos Carême, encanta os olhos, lisongeia o olphato, e affaga o paladar. É imaginosa como uma estrophe de Victor Hugo, ecclectica como uma pagina de Cousin, sem deixar de ser solida como uma memoria do Instituto.

As cordilheiras de carne por onde os inglezes viajam á mesa, de trinchante em punho, e os archipelagos de *puddings* de corinthas, que elles percorrem armados d'uma faca de Sheffield, assustam-nos pela grandeza. É uma paisagem excessivamente montanhosa para os nossos olhos inclinados aos tons suaves e aós contornos amenos.

Um bom inglez, em devorando alguns kilogrammas de vacca d'Alderney e meio carneiro *South Down*, regados com dous litros de *pale-ale*, julga ter realisado

o ideal da alimentação humana. Que differença d'escólas!

A nossa cosinha, digamol-o, em que peze a estrangeirados, tem a philosophia profunda dos romanos, que abrigavam no capitolio os idolos de todos os povos. Da cosinha ingleza escolhe a solidez, da franceza a elegancia, da italiana (a mais completa de todas) a variedade, da russiana a apparencia brilhante.

Perante as maravilhas gastronomicas do *Café Foy* e do *Café Anglais*, lembrei-me com saudade, confesso, dos jantares portuguezes de lei, a que tantos homens de lettras assistiamos semanalmente na Ajuda, em casa do nosso primeiro escriptor o snr. Alexandre Herculano.

D'aquella mesa, onde as graças do talento se esmaltavam em alegria sincera, proscrevera o hospitaleiro amphytrião as iguarias furta-côres, os molhos de tinturaria, mais serapintados que taboletas de droguistas. Aquelles jantares saborosos e vernaculos, nunca os infamaram os gallicismos cosinhados do Matta e do Chapelier, e não é este um dos menores titulos para viverem na memoria de todos os que os gozaram, os sabbados da Ajuda.

Nada ha para mim mais delicioso que uma excursão ao acaso, providencia do viajante, atravez do labyrintho ruidoso d'uma grande cidade desconhecida.

Atravessemos a rua Vivienne, viveiro de livra-

rias e de modistas, passemos em frente da *Bolsa*, Parthenon do Cambio, tomemos á esquerda para a rua de Richelieu, onde estão o theatro francez e a Bibliotheca Imperial, e desemboquemos na corrente dos boulevards.

IV

Os boulevards á noute. Os cafés. Concorrencia habitual dos boulevards. Differentes classes de que se trata n'este capitulo. A nova opera. O grande Hotel. Aspecto do boulevard a alta noute. Ceas incriveis. As insomnias do vicio e as vigilias do estudo. As «dames de comptoir».

Ao penetrar á noite no terreno ardente dos boulevards Montmartre e dos Italianos, apodera-se de nós a vertigem do deslumbramento. Nos passeios largos d'asphalto, innundados de luz e de mezas redondas, onde abancam os consummidores, róla um turbilhão de mulheres elegantes, de ociosos, de sabios, de industriaes, de litteratos, de artistas e viajantes. Á roda das mezas dos cafés e defronte das vidraças das lojas borboletêa o enxame das abelhas impudicas do bairro Breda.

Sente-se na face a calida bafagem do povo mais brilhante e leviano da terra. Agitam-se em redor

de nós a riqueza e o talento, a ociosidade e a formosura, a curiosidade e a indifferença, a innocencia e o vicio.

Percorrer o boulevard é sentir as pulsações agitadas da febre parisiense, é ver em ebulição a vivacidade e o movimento, as paixões honestas e os amores mercenarios da capital do mundo.

As casas despedem torrentes de claridade pelos chrystaes transparentes das janellas. Com as scintillações dos lustres das salas alliam-se, engrossando os jorros luminosos, os reflexos dos arabescos de gaz e dos letreiros illuminados, de que estão constelladas as frontarias.

Como que n'um formigueiro resplandecente de pyrilampos palpitam as luzes sem conta, que allumiam os globos fôscos pendentes das umbreiras de marmore. Os vidros coloridos dos candieiros dos cafés e dos estabelecimentos chammejam todos os fulgores do prisma atravez da nevoa humida da noite. Nada-se n'um ambiente de tumulto e de luz, navega-se n'um oceano de tentações e de luxo.

A graça atheniense desponta na fina ironia do sorriso dos jornalistas que se refrescam á porta do Café *Riche* ou do das Variedades, sentados como nababos; a austeridade da sciencia grava-se no aspecto concentrado e olhar profundo do pensador da Sorbonne e do Instituto, passando solitarios atravez da multidão.

As actrizes *coquettes*, as figurantes das *féeries* da

Porta St. Martin, os *ratos* da Opera, o bando das *biches* e *cocottes* apparecem-nos na viva alegria da sua vida extravagante. Ao lado d'estas aventureiras da mocidade, heroinas da Bohemia de Pariz, que desfranzem a bocca n'um sorriso mecanico, perpassam as senhoras de ar distincto e maneiras graves na seria elegancia de *grandes dames*.

Na *Maison-Dorée*, no Café *Foy*, no Café *Riche*, no Café *Anglais* tumultuam jovialmente os dandys, diplomatas, jornalistas e estrangeiros, que veem a Paris matar em distracções a tenia moral do aborrecimento.

Emquanto os sabios e industriaes empallidecem alta noite nas asperas vigilias do pensamento á luz do candieiro d'estudo, despedem golphadas de luz os innumeros restaurantes, templos dourados do prazer.

Nos gabinetes recamados d'espelhos e douraduras doudejam os *petits crevés*, Alcibiades degenerados de Aspasias faceis, cujo amor se cota no mercado, e gyra na circulação como quaesquer acções de companhias ou notas de banco pagas á vista.

É um espectaculo desolador no meio de tantas maravilhas o ver a horda esfaimada das *marcheuses*, que se alimentam do delirio dos sentidos, a precipitar-se ás seis horas da tarde sobre a vasta zona das *passages* e cafés, á cata d'um jantar gratuito.

Mas qual é a civilisação isenta de miserias repugnantes? A propria Inglaterra, a grave, a car-

rancuda, a patria do *improper*, o que nos mostra á noite sob as arcadas de *Regent Street* e ao longo das gradarias de *Hyde-Park?*

Nos cafés sussurra o borborinho dos frequentadores, o asphalto cobre-se de passeantes, e as mezas enchem-se de consummidores.

Diante dos moveis de *Boule* e dos bronzes de Barbedienne apinham-se os *flaneurs*. As senhoras fixam olhos penetrantes nas *vitrines* dos ourives, onde a tentação sorri perfidamente nas chammas dos brilhantes e na transparencia das perolas.

De quanta innocencia desfolhada em botão são tumulos precoces as vidraças dos ourives! Quantas borboletas virginaes crestam as azas candidas no fogo tentador das joias opulentas!

Os theatros abrem as portas á onda invasora do publico. A multidão estremece d'enthusiasmo ao vêr nas *Variedades* M.elle Schneider, a Grã-Duqueza de Gerolstein, piscando o olho ao Fritz-Dupuis, com o mesmo ardor, com que contempla na Porta de *Saint Martin* a esculptura animada das actrizes meio despidas e os explendores da luz electrica das magicas.

Os salões dourados dos *Cercles* financeiros e do *Jockei Club* sorriem para os *boulevards*, illuminados á *giorno* com as luzes de innumeros candelabros.

No asphalto dos passeios, apezar dos muitos theatros, concertos, e clubs, a corrente buliçosa não affrouxa. Por toda a parte alegria; nos cafés, ru-

mor de milhares de vozes, estalido de rolhas que saltam, telintar de copos no marmore das mezas.

A *bohemia* feminina continua a precipitar-se em vagas infinitas desde a Passagem Jouffroy até á Chaussée d'Antin com os olhos engatilhados e o sorriso d'uniforme.

Deitando a luneta, e saccudindo a *badine* giram os *boulevardiers*, que passam a vida no boulevard, como os Chins no porão dos juncos ancorados em Cantão.

A gente seria, as jovens elegantes, as senhoras distinctas, as estrangeiras e parisienses de todas as classes passeam, ora sentando-se ás mezas redondas dos cafés, ora flanando diante das lojas resplandecentes, misturadas na onda impura das *cocottes*, como o bom trigo se mistura com o joio.

O centro do boulevard desapparece sob as moles continuas e movediças de omnibus, de coupés e carruagens, que desde a Bastilha até á Magdalena se cruzam n'um pandemonium infernal.

Na fronteira onde expira o boulevard dos Italianos e começa o boulevard *des Capucines*, ergue-se a nova Opera, Mafra profana consagrada ao canto e á dança. Apesar de só estar concluido para o futuro anno de 1870, poucas semanas antes da minha chegada a Pariz, o imponente edificio rasgou o dominó de tapumes, em que se escondia, mostrando-se ao publico já intrigado com a demora do disfarce.

Coberta de marmores, de bronzes dourados, de medalhões, de bustos onde se perpetua a fama dos principes da musica, povoada de estatuas colossaes representando as artes lyricas, cheia de baixos relevos e de columnas corinthias, a Grande Opera insulta com a opulencia dos materiaes a riqueza dos palacios dos seus visinhos millionarios da Chaussée de Antin. O *hotel* de Rotschild com todas as suas maravilhas de arte é uma cabana ao pé do grandioso templo do canto e da dansa, cuja construcção e accessorios hão de custar ao governo francez, segundo o orçamento do architecto Garnier, vinte e cinco milhões de francos, ou perto de quatro mil e quinhentos contos de reis. Nunca no mundo os *dós* do peito e as piruetas tiveram capitolio mais explendido!

Comtudo, que differença dos edificios graciosos dos architectos italianos da idade media e da renascença! Sob o aspecto da elegancia monumental, atrevo-me a affirmar, que a Grande Opera revela a sensivel decadencia do gosto contemporaneo.

Quando reparei attentamente nos matizes variegados da frontaria a reluzirem n'uma orgia de cores, destacando o onix d'Argel da pedra branca de Carrara, e contrastando o marmore côr de rosa e roxo da columnata com o verde da Suecia, convenci-me de que o theatro teve o capricho de se caracterisar como os actores.

Faceando para ó largo da nova Opera e para o boulevard, ergue-se o edificio do *Grand Hotel*,

cujo vasto *rez de chaussée* é occupado pelo *Café da Paz*.

O *Grand Hotel* é um mundo de luxo e de conforto. O ar livre dos cafés do boulevard expira áquellas portas apparatosas, onde impera a etiqueta.

Nos salões alcatifados de tapetes avelludados de Aubusson, e resplendentes dos crystaes de Baccarat, respira-se uma athmosphera cerimoniosa. É tal o *aplomb* dos moveis e criados, que até as cadeiras nos parece estarem de gravata branca e as paredes de casaca.

D'aqui até á Magdalena, a temperatura do boulevard é menos ardente do que na zona torrida da *Maison d'Or* e do *Café Bignon*, prejudicial á bolsa e á vida.

Felizes dos que viajam em tão devastado deserto de affeições sinceras, sem lhes abrazar a alma o simoon das paixões profundas e invenciveis, que a tantos tem derribado, soprando-lhes a fraqueza, a prodigalidade e a ruina!

Acabados os espectaculos, fechadas as portas dos cafés ao rez do chão, invadem os salões superiores e os *petits cabinets* do *Café Riche*, do *Café Anglais*, da *Maison d'Or*, uma turma doida de actrizes, de dançarinas, de figurantes da Opera, de *biches e lorettes* escoltadas pelos amantes, cavalleiros serventes e possuidores de boa fé.

É o mundo incrivel das mulheres *entretenues*, —

legião vertiginosa que empallidece nas insomnias das ceias.

Revivem então, e esta é a face hedionda de Pariz, os banquetes de Nero, os festins de Trimalcion. O pudor apaga-se nos *boudoirs* forrados de velludo, á meia claridade das lampadas d'alabastro, como se apaga um beijo na fronte onde se imprime, ou a espuma do Champagne na taça transparente.

Ás quatro horas da manhã, quando um ou outro vulto tardio perpassa como phantasma solitario atravez do asphalto, e as estrellas palpitam indecisas no fundo esbranquiçado da nebrina, ainda os espelhos dos *restaurants* reproduzem no vidro impassivel as scenas tumultuosas da orgia, e os lumes dos candelabros allumiam hombros nus, seios arquejantes, e rostos cavados pelas vigilias devastadoras.

Reverso consolador d'esta medalha, á mesma hora em que uma parte de Pariz delira na orgia, o sabio do Instituto profunda os mais arduos problemas; o professor da Universidade e das Escólas medita na prelecção da manhã; o industrial véla nas officinas; o poeta illumina as visões da phantasia á luz vacillante do candeeiro d'estudo; o jornalista, soldado da opinião, aquece com o bafo da polemica e da eloquencia politica, as paginas que a rapidez dos prélos mecanicos multiplica, transformando-as em folhas volantes e arremeçando-as ao mundo inteiro abrazadas no calor do improviso apaixonado.

Á animação tumultuosa dos cafés preside a *fem-*

me de comptoir. Attenta ao movimento dos frequentadores, ás evoluções dos criados, escripturando as contas dos freguezes, expedindo a *addition* com a rapidez d'um banco de emissão de notas, *a dame de comptoir* é a policia suprema e a contabilidade viva do café.

Os estudantes, os empregados commerciaes, e uma certa gente que ha em Pariz e em toda a parte, convencida de que os melhores amores não são os mais caros, cortejam a *dame de comptoir.* No momento em que ella desampara o estabelecimento, dão-lhe o braço, levam-n'a a Versailles e a Saint Cloud, e á noite fazem-lhe presente d'uma entrada nas *Folies Dramatiques*, ou no *Odeon*, acompanhando-a com submissão apaixonada.

E não se julgue, que a intervenção activa da mulher na direcção dos cafés mais sumptuosos e na gerencia de estabelecimentos, que encerram valores incalculaveis em artigos de ornamentação, de phantasia, e de moda, data de ha poucos annos.

Um viajante portuguez de procedencia aristocratica o qual em Paris frequentou a côrte e os salões do bairro de S. Germano, escrevia já em 1746, ha cento e vinte dois annos, as seguintes linhas:

«Nas lojas de todos os mercadores de sêdas, pannos e outros generos, são ordinariamente suas mulheres, ou filhas quem assistem n'ellas e quem guarda os livros e o dinheiro: supposto que tragam bellos vestidos (e tenham em si perolas e diamantes)

não usam de ouro, ou prata n'elles, porque isso só pertence ás senhoras e mulheres dos officiaes de guerra.»

Se o viajante portuguez resuscitasse, como o deslumbraria a miragem dos broches, pulseiras, e *chatelaines*, que resplandecem nas phalanges femininas dos estabelecimentos parisienses!

V

Impossibilidade de descrever exactamente Pariz, em quanto Haussmann fôr Prefeito do Sena. O barão Haussmann, filho do triangulo isosceles e de linha recta. Thomaz de Carvalho desnorteado á sahida do theatro lyrico. Haussmann é o «bota-abaixo» da actualidade. Surprezas e aventuras parisienses, quando chegam de fóra da terra. Haussmann é mais fertil em episodios de demolição, do que Scribe e Victorien Sardou em lances dramaticos. Prazeres de «flanar» em Pariz. As bonnes e o sport das crianças nos Campos Elysios. A grande avenida ás horas de elegancia. As Venus fataes d'este bosque.

Estas paginas escriptas com o desleixo, o *laisser aller* da conversação fallada, não aspiram a descrever Pariz, (o que as confundiria com os mil roteiros e guias de viajante) em todas as minucias do seu vi-

ver complexo, e sob os aspectos multiplos pelos quaes se apresenta aos olhos e á imaginação de quem a visita.

E depois, quem emprehender a descripção architectonica e material da cidade, a qual todos os dias passa pelas mais violentas transformações sob o alvião demolidor do barão Haussmann, o Pombal reedificador das ruinas que semeia, aventura-se ao trabalho de Sisypho rolando eternamente o rochedo.

A descripção exacta de hoje é a mentira involuntaria de amanhã, tão rapidas proseguem na furia exterminadora as legiões do Prefeito do Sena, Atila dos bairros antigos, Herodes das ruas estreitas e tortuosas.

O barão Haussmann nasceu forçosamente dos amores do triangulo isosceles com a linha recta, tal é a aversão profunda que tem ás curvas e sinuosidades das antigas construcções e vias publicas.

Uma noite, que sahiamos do theatro lyrico, eu, Julio Machado, e Thomaz de Carvalho, deferimos a insignia de *cicerone* ao espirituoso doutor. Pertencia-lhe por direito de conquista e de nascimento quasi; Thomaz de Carvalho doutorou-se na Universidade de Pariz, aonde residiu dez annos. Mas o mofino de Haussmann operou tão radicaes mudanças de scena em redor do Chatelet, que Thomaz de Carvalho pedindo inutilmente aos letreiros os nomes das ruas, que haviam desapparecido, e com ellas o fio salvador d'Ariadne, obrigou-nos a um bom quar-

*

to de legua em zig-zags, até atinar com o caminho. Eu e Julio Machado, Telemacos do nosso Mentor *dépaysè*, pagamos em passos inuteis o nosso tributo de forçada admiração aos improvisos municipaes do barão.

Pariz, á força de melhoramentos, de novos boulevards, de linhas enormes, que o crusam d'um a outro extremo, vae adquirindo progressivamente um cunho moderno e uniforme, que lhe apaga os vestigios pittorescos do passado.

Qualquer dia vemos arrancada, como um dente cariado, a torre Saint Jacques, um dos raros monumentos antigos que campea no meio das demolições. Deus sabe, que pezadellos *Notre Dame*, apezar das restaurações confiadas ao gosto de Viole-le-Duc, terá causado ao celebre Prefeito, que aspira a alinhar as ruas e os predios, como o instructor alinha os pelotões na recruta.

Haussmann realisa em grande parte o typo historico e quasi legendario d'um vereador do leal senado de Lisboa, conhecido pela denominação de *bota abaixo.* Dá batalhas quotidianas aos quarteirões irregulares, fal-os cahir como castellos de cartas sob o sôpro de uma creança, e alastra de tijolos e caliça metade de Pariz, a titulo de aformosear o resto.

Uma das aventuras mais triviaes do parisiense de hoje é deixar Pariz na primavera, ir tomar as aguas a Baden, viajar até Milão e Veneza, regressar á capital, e não encontrar nem familia nem casa.

Aquella emigrou para os confins da cidade, esta foi demolida da vespera para o dia seguinte! A sensação é mais forte naturalmente, quando o *tourista* não só não encontra a casa, mas nem sequer depara com a rua e o quarteirão, que desappareceram como n'um terramoto.

Encarado por este lado, Haussmann excede em surpresas imprevistas os mais engenhosos e inesperados lances de Scribe e de Victorien Sardou.

A despeito do epico nivellador e do implacavel *indireita*, que protestou applicar á capital do mundo os apparelhos da *orthopedia*, desaffrontando-a de deformidades e aleijões, uma cousa ha de zombar dos *ukasses* do barão, e manter-se caprichosa, phantastica, incerta, irregular no meio das linhas inflexiveis e do perfil correcto das novas ruas e boulevards: é o *flanar*, o prazer por excellencia do viajante no centro das maravilhas parisienses.

Quem poderá definir satisfatoriamente o gozo de vaguear ao acaso, observando com attenção, detendo-se diante das mulheres que passam, parando deante dos monumentos, analysando as riquezas da arte, os prodigios do luxo accumullados nas *vitrines;* bebendo a longos tragos o ambiente das passagens e *boulevards*, e saturando-se de perfumes inebriantes; identificando-se com Pariz por laços mysteriosos de sympathia; tomando-lhe o pulso e sentindo-lhe a respiração?

Ha flanadores, que desde o meio dia, depois d'al-

moçarem no *Cafe Foy*, ou em qualquer outro dos *boulevards* tomam assento nos passeios, e contemplam a corrente da multidão, como um amador da stereoscopia as vistas interiores atravez das lentes.

A *flanerie* prolonga-se até ás seis horas, em que se janta, para recomeçar depois, atravez das *passages* dos Panoramas, e de Jouffroy brilhantemente illuminadas, da galeria *Vivienne*, das arcadas do *Palais Royal* — um microcosmo de tumulto, de gente, de *restaurants*, de bazares explendidos — e das linhas magicas dos *boulevards*, aonde a vida referve em borbotões, e a alegria susurra em mil murmurios joviaes.

Mas o *flanar* não se circumscreve, é inutil dizel-o, á área das passagens e *boulevards*, pelo contrario, abrange, nos seus dominios o percurso magestoso da rua da Paz, em cujos passeios e lojas deslumbrantes enxameam saltando dos coupés as senhoras da aristrocacia, e as rainhas da *Maison Dorée* e do *Café Bignon*, erguendo-se das fofas almofadas dos trens em que se aninham na morbida indolencia das mulheres do Oriente.

Na rua de Rivoli, sob as arcadas, ou pelo passeio exterior á grade do jardim das Tulherias, agita-se a concorrencia elegante dos *dandys* e do pessoal das embaixadas, que em toda a parte se denuncia pelo desdem diplomatico que lhe faz assomar aos labios um sorriso pregado a alfinetes.

Nos Campos Elysios, ou no jardim das Tulherias o *flaneur* faz peculio abundante de observações e de typos nas *bonnes*, que sorriem para os soldados, e nos encontros solitarios de namorados a buscarem na folhagem das arvores uma apparencia d'idylio para os seus amores.

Aquelles logares e os recintos silenciosos d'alguns *squares*, do parque *Monceaux*, do jardim do Luxemburgo, aonde toca uma banda militar como no das Tulherias, respiram um vago perfume de S. Pedro d'Alcantara e do Passeio, ás horas em que só vivem os amores guerreiros dos guardas municipaes, barbudos lovelaces das amas e criadas de servir.

Respira-se um ar de innocencia nas alamedas dos Campos Elysios, perante a miniatura do *sport* infantil das crianças. É um perpassar incessante de caleches pequeninos tirados a quatro cabras brancas de neve. Um pequeno de oito annos, acompanhado de um *groom* microscopico governa a soltas uma *grande doumont* puxada por jumentos elegantemente arreiados. Um *ecuyer* de seis annos, da altura do cano de uma bota de montar, senta-se triumphante na almofada d'um cabriolet do tamanho de um berço, e toca com o fragil pingalim o carneiro merino que o arrasta.

Das quatro horas por diante, a grande avenida cobre-se de *landaus*, *huit-ressorts*, caleches e coupés, em que a elegancia honesta e o luxo impudente, a sociedade e o *demi monde* se transportam n'uma nuvem

de poeira olympica ás avenidas do bosque de Bolonha com a maior indifferença d'aquelle mundo de crianças gentis, em cujas faces rosadas desabrocham as rosas frescas da saude e da infancia! Pedí a Deus, innocentinhos, que vos faça escoar lentamente da ampulheta os bagos da areia dourada da meninice, consentindo-vos o sofreardes os impetos moderados das cabrinhas e carneiros, generosos corseis das vossas equipagens em miniatura, por essas tranquillas alamedas, longe dos macissos de verdura e das encruzilhadas do bosque!

Felizes de vós, se ignorardes sempre, que o bosque de Bolonha, aonde talvez vossos pais se bateram na mocidade por uma mulher venal, é o bosque de Amathunta das Venus artificiosas que accendem o fogo de amores fataes na seducção premeditada do olhar, nas attitudes languidas, na tristeza fingida da phisionomia, que ora se assombra de nuvens, ora se illumina de relampagos.

VI

Tendencias do auctor para a natureza e para a arte. O bosque de Bolonha. As «buttes» Chaumont. Parque Monceaux e Madame de Gentis. Perigo de descahir em caricatura a ornamentação da moderna jardinagem.

Eu tenho uma tendencia pronunciada para me lançar nos braços seductores da arte, e mergulhar no seio creador e fecundo da natureza. Contemplo com extasis a estatua da Venus de Milo no Louvre e a Joconda de olhar ironico de Leonardo de Vinci; delicio-me perante as solidões agitadas do oceano, atrahem-me as alturas vertiginosas dos Pyreneus, e as gargantas dos abysmos, ou engolpho-me nas florestas de folhagem dos parques de Versailles e nas magnificas avenidas do bosque de Bolonha.

Quando viajo, de preferencia aos espectaculos frivolos, parodia mais, ou menos incolôr das nossas distracções habituaes, procuro os explendores da arte encerrada nos thezouros dos museus e galerias, ou as maravilhas de Deus estampadas na paisagem, nos rios, e nas montanhas.

Cascaes com a nudez escalvada de seus montes tem para mim uma linguagem mysteriosa, que se não revela talvez a alguns banhistas de boa fé, que nunca procurariam aquellas solidões, a não os convidar a limpidez da agua, em que mergulham vestidos de baeta.

O bosque de Bolonha não é nenhuma selva druidica aonde por entre os braços nodosos das arvores seculares, se avistam ainda os restos de *dolmens* solitarios ou os fragmentos de aras gentilicas.

Pelo contrario, é a mais vasta e pittoresca floresta da Europa, preparada e educada, permitta-se-me a expressão, para enlevo dos olhos e regalo de vaidade.

Nas longas avenidas rodam á vontade as dez mil carruagens, em que a *fashion*, o *demi-monde*, parisienses e estrangeiros, se observam, se analysam em gyros vagarosos, ao percorrel-as, ou ao voltear melancolicamente *autour du lac*, segundo a prescripção inflexivel da elegancia.

Alli é a exposição quotidiana das novidades da toilette, das formosuras desejosas de se inscreverem no livro de lodo das *femmes entretenues*, ou nos registros dourados das familias aristocraticas do bairro de Saint Germain, dos argentarios, do bairro de Saint Honoré; alli é o concurso elegante dos diplomatas, dos artistas, dos principes russos que atravessam Pariz com uma tempestade de milhões de rublos, dos lords inglezes que passeiam o *spleen* pelo mun-

do; finalmente, de tudo o que vive e palpita no mundo dos prazeres e distracções parisienses.

Alongando o passeio pelo immenso bosque, por toda a parte encontrareis lagos enquadrados de verdura, e avenidas enormes que parecem expirar no horisonte.

Admira principalmente a arte suprema, com que estão dispostas as perspectivas, e a harmonia de tons que prepondera na paisagem.

Á sombra das alamedas, no interior do bosque, não se suspeita sequer a proximidade ruidosa da cidade.

Os arredores do lago são cheios de poesia, e sente a gente prazer de aspirar solitario o perfume das flôres ao som da cascata, que se desdobra por entre rochas e musgos em toalhas d'agua.

De repente, porém, a magia da solidão desvanece-se como um sonho, e os genios da *reverie* batem as azas brancas, fugindo diante do tropel dos *dog-carts*, *landaus*, caleches e coupés que ás horas consagradas desfilam diante de nós.

O que valem as seducções gastronomicas do pavilhão d'Armenonville, os recreios do *Prè Catelan*, e tantos attractivos semeados pela mão do homem no bosque de Bolonha, ao pé das grandes sombras das avenidas silenciosas a perderem-se no horisonte, e dos lagos cavados nas relvas?

E por isso eu, estrangeiro emancipado das tyrannias da moda, dava ordem ao cocheiro, para per-

correr o bosque, devassando-o ousadamente nos seus recessos, affastando-me ás vezes dos gyros de picadeiro, em que os trens gastam horas, descendo, e subindo as avenidas, e torneando o lago como cavallos de tirar agua á roda d'um engenho.

O bosque de Bolonha, actualmente, é a mais bella floresta da civilisação europea, a que apresenta avenidas mais grandiosas, encerra macissos mais luxuriantes, perspectivas mais silvestres nas mattas e arvoredos, na vegetação exotica, nas cascatas apenas vestidas de penhascos e de musgo, nas lagoas, cuja superficie se esmalta de nenuphares e de plantas aquaticas, que os galeirões e patos bravos roçam com a aza veloz.

Percorri *Hyde Park*, admiração sincera dos leaes habitantes de Londres, e inquestionavelmente um parque soberbo. Mas quanto me pareceu inferior ao bosque de Bolonha nos tons pittorescos, no colorido campestre!

Os jardineiros paisagistas de Pariz inauguraram uma nova escóla, aproximado da qual o jardim inglez — tão livre e natural na disposição das alamedas irregulares e caprichosas, — perde grande parte do encanto e da elegancia consagrados pela tradicção.

Soccorridos de opulentos viveiros, aonde se accumullam as maravilhas peregrinas do mundo vegetal, e inspirados da arte suprema da perspectiva e da optica applicada ás arvores e plantas, os mestres de jardinagem realisam nos parques e jardins os effei-

tos a que attingem os pinceis magicos de Rambois e Cinnatti nos admiraveis pannos de fundo e decorações de S. Carlos.

N'um genero completamente differente do bosque de Bolonha, a ultima novidade da jardinagem decorativa de Pariz são as *buttes Chaumont*, aonde entre as arestas solitarias e elevadas de uma montanha expressamente arrasada, na baze da qual serpêa um lago cheio de naturalidade, se suspende uma ponte pensil a grande altura do lago, reproducção viva da Suissa em miniatura.

Em cabeços tão pedregosos e escarpados, antro de ladrões e malfeitores, como eram as *buttes Chaumont* antes da *feerie* decorativa creada por encanto nos aprazíveis jardins recentemente improvisados, é impossivel phantasiar-se paisagem mais animada e surprehendente de pontes, de cascatas, de grutas, de vegetação rara e delicada.

Como se sente bem a gente dentro d'um coupé a transportar-nos suavemente pelas ruas areiadas, guarnecidas aos lados de relvas macias como velludo, e de flores mimosas, trepando em spiral até ao ponto culminante d'um outeiro d'onde, deixando por instantes o vehiculo, se goza uma scena admiravel!

Pariz, d'alli desdobra-se deante da vista extasiada affogado n'um fundo pardacento, que o sol menos vivo do norte não rasga completamente com palhetas de ouro. Atravez d'um dedalo de telhados, que não acabam, estendem-se a perder de vista as massas da

casaria. As grimpas, zimborios colossaes, torres e chaminés recortam seus perfis no horisonte.

O vento que sopra de Pariz parece trazer-nos aos ouvidos o rumorejar confuso d'aquelle oceano de dois milhões d'almas, cujas vagas revoloteam em perpetua agitação.

Se estivermos em maré de floricultura, podemos entrar de novo no coupé e dar a voz ao cocheiro para seguir até o parque Monceaux. Alli veremos arcadas em ruinas artisticamente dispostas, plantas dos Alpes, cedros do Himalaia, flores raras, perante as quaes se extasiam os admiradores, mas cujos nomes difficeis nunca chegaremos a pronunciar sem repetidas leituras dos manuaes de botanica e jardinagem.

Madame de Genlis, que no seu tempo, dizem os parisienses, frequentava o parque assiduamente, se revivesse, perdia-se hoje no meio dos explendores vegetaes trazidos para alli, das regiões mais longinquas do globo.

Receamos que a arte decorativa dos modernos jardins de Pariz, á força de querer aproximar-se da natureza, a caricature em contrafeições exageradas e violentas. Por exemplo, abusa-se um pouco da côr na agua das lagoas artificiaes, a qual pelo verde negro de charco está a pedir rans e a requerer sesões. As stalactites das grutas e cavernas, em vez de revelarem, como as verdadeiras, a origem humida, parecem aquecidas ao forno, como pães.

Em todo o caso, os olhos recream-se na contemplação de tantos adornos alcançados pela arte e pelo gosto, impotentes todavia para lutarem com os encantos singellos da natureza eternamente bella, quer sorria nas folhas de purpura das rosas, nas esmeraldas reluzentes da folhagem, quer brama carrancuda no fragor das catadupas e no rumorejar das selvas.

VII

Flexibilidade do genio francez. Amor do estudo e das artes. Muzeus do Louvre. A seductora Venus de Milo no meio dos sombrios monumentos da arte egypcia. Os grandes mestres italianos. As bodas de Chanaan. A virgem e Sant'Anna de L. de Vinci. A Assumpção de Murillo. Pintores flamengos. Escóla franceza moderna. As gallerias de Luxemburgo e de Versailles.

Uma das feições mais caracteristicas do genio francez reside na flexibilidade admiravel, com que ás frivolidades da moda, aos delirios da vaidade, á vida airada dos *petits soupers*, á indolencia da *flânerie*, allia os nobres enthusiasmos, os pensamentos sérios, o culto austero da sciencia e da arte.

Se uma parte consideravel de Pariz alimenta uma esteril curiosidade nos *restaurants*, adora *Cora Pearl* e as *lorettes* insignes no desvergonhamento e na dissipação; outra parte, e essa tambem consideravel, mantem accesa, como uma vestal, a chamma pura do estudo, e lavra como incansavel mineira, os veios fecundos do trabalho.

No silencio dos gabinetes d'estudo e das bibliothecas agglomera-se quotidianamente uma mocidade avida de saber.

Por toda a parte se abrem conferencias, a que affluem auditorios attentos e intelligentes. O ardor de instruir-se penetra saudavelmente as camadas sociaes, e infiltra-se nas mais humildes condicções.

A cada canto está aberta e é numerosamente frequentada uma escóla de desenho linear, d'ornato, ou industrial. A generalisação do desenho, além da aptidão natural, e do genio inventivo, é uma das causas da superioridade da França contemporanea nas artes do gosto, e nos productos da phantasia.

Como devem desabrochar as vocações felizes em presença dos thesouros d'arte e modelos dos grandes mestres accumulados nos museus do Louvre!

Penetrando n'aquelle recinto cingido dos diademas sobrepostos de todos os reis da pintura, e vendo entre a onda incessante dos visitantes a attitude concentrada, a phisionomia absorta das jovens artistas, que copiam na téla, posta nos cavaletes, as obras dos grandes mestres, comprehende-se quanto

as puras tradicções da arte animam poderosamente alli os talentos que despontam.

Acompanhado do snr. Fonseca, distincto professor de desenho no Instituto Industrial, e academico de merito na academia das Bellas Artes, percorri algumas vezes as galerias terreas do museu, enriquecidas pelas antiguidades esculpturaes do velho Egypto e das civilisações do Oriente.

Que maravilhas arrancadas do fundo da Asia e da Africa, queimadas pelo sol de longos seculos, e postas ao pé dos primores da Grecia, — a patria da poesia e da pintura, da esculptura e da eloquencia, resplandecentes debaixo do céo azul de Homero e de Pericles!

Cerca-nos um mundo de sphinges, de centauros, de animaes apocalypticos, de mumias encerradas em esquifes recamados de hieroglihicos. Pesam sobre nós os terrores mysteriosos das civilisações extinctas, cujo berço se perde nas idades mais remotas.

Atravessamos renques de sepulchros de granito e de porphydo, e passamos por entre columnas de pedra mutiladas.

Revive diante de nós a religião dos Pharaós nos deuses monstruosos de aspecto immovel, de cabeça de animal e braços humanos unidos ao tronco em toda a sua extensão, como collados por um adhesivo invisivel.

N'aquella necropole das sociedades mortas os tumulos mais recentes datam do reinado de Rhamsés,

e a chronologia dos monumentos só se conta por milhares de annos.

Destaca risonhamente da tristeza egypcia, e chega até a banhal-a de luz a Venus de Milo, cujos braços, diz a tradicção dos naturaes d'esta ilha, estão soterrados não sei em que ruinas. Mutilada como está n'esta parte do corpo de tão graciosa anatomia, a Venus de Milo transporta-nos ao ideal hellenico em toda a sua pureza.

Advinha-se a patria das poeticas sensualidades na cabeça gentil, na bocca voluptuosa, nos brancos seios da Deusa do amor, nua do collo até á cintura.

Perante formas tão seductoras comprehendem-se os ardores dos Satyros, de que a nossa imaginação povoa o silencioso museu, a devorarem em seus olhares lascivos o corpo, em que palpita tão fascinadora formosura atravez da roupagem fluctuante de marmore, que lhe desenha os contornos para baixo dos quadris, cahindo-lhe em dobras sobre o pé, que se descobre adoravel de branca nudez.

Nas galerias superiores, pasma o visitante de se ver cercado de tantas obras primas, illuminadas pelos explendores do genio, resplendentes da aureola immortal da gloria, sagradas pela admiração perenne das gerações.

A escóla franceza classica de David, a hollandeza, a allemã, a hespanhola, a pleiade dos pintores francezes contemporaneos, agrupam-se harmoniosa-

mente nas immensas galerias, que muitas paginas não bastariam para descrever.

No salão quadrado, onde se penetra pela galeria de Apollo — um caminho de maravilhas e primores, esmaltado no centro superior por um esplendido fresco de Delacroix — estão reunidos como n'um concilio ecumenico da arte os pontifices supremos da pintura. Que nomes e que quadros inapreciaveis!

De todos os lados da sala, cuja tapessaria escura se presta a fazer resaltar as télas, pendem quadros admiraveis do Tintureto, d'André del Sarto, de Corregio, de Leonardo de Vinci, o auctor da Joconda, de Van-Dick, de Guerchino, de Ticiano, de Raphael, de Rubens, de Perugino, dos primeiros pintores do mundo.

N'outra sala, cuja designação nos esquece, as batalhas d'Arbelles, e a entrada de Alexandre em Babylonia de Lebrun, mostram-nos o genio audaz d'este Homero dos combates, não menos epico na pintura do que o foi na musa o cantor da Illiada.

Nas *Madonas*, na *Bella Jardineira*, e em tantos outros quadros ostenta-se a graça casta de Raphael.

As *bodas de Chanaan* de Paulo Veroneso deixam impressão indelevel no espirito e na memoria de quem uma vez contempla attentamente o quadro immenso em que à palheta do pintor derramou as joias mais explendidas de vida e de côr.

Tenho-os presentes na reminiscencia, como se

os estivesse vendo, os grupos numerosos d'aquelles personagens movendo-se, sem se confundirem, na vehemencia palpitante da expressão e dos trajes, á roda da immensa mesa disposta em ferradura.

Parece-me contemplar ainda no centro do vistoso banquete as physionomias suaves de Christo e da divina mãe do Redemptor, cercadas d'aureolas. Vejo levantarem-se soberbas as columnatas de marmore e de porphido do palacio magnifico, em que se celebram as bodas, agitar-se a orchestra dos musicos, dois dos quaes affirma a chronica intima da arte serem os retratos do Veroneso e do Tintureto, formigarem os servos do banquete, pendurarem-se dos capiteis das columnas os magotes de curiosos, e rolarem no chão os cães enormes com que o pintor anima habitualmente os seus quadros.

Perante este tumulto collossal, mas harmonioso como os cheios de Rossini na *Semiramis*, defronte d'esta composição vasta e innundada de colorido opulento, assoberba-nos a admiração, e adoramos a memoria do artista.

A *Virgem* e *Santa Anna*, de Leonardo de Vinci, é uma composição suavissima. O pincel do artista molhou-se nas tintas transparentes do céo, para esboçar aquellas phisionomias animadas pela idealidade christã.

Mas que paginas seriam necessarias só para a enumeração laconica de tantos primores, a cada passo firmados pelos nomes de Rubens, de Guido Reni,

de Murillo, entre cujas télas admiraveis resplandece a Assumpção com os fulgores celestiaes da Apotheose! Como ondulam castamente as roupagens da Virgem! Como ella se eleva imponderavel aos céos no ambiente subtil e luminoso!

Rembrandt, o maravilhoso colorista, Ruysdael, cujas paizagens são inexcediveis de verdade hollandeza e de côr local, os retractos de Van Dick, as cosinhas reluzentes, e os pimpões alegres de Teniers pululando n'elles a jovialidade e a bonhomia flamenga, opulentam as vastas galerias, palacio condigno dos soberanos da França e dos principes da pintura.

Os monumentos do genio francez, do grande seculo de Luiz XIV e Luiz XV não esmaltam menos prodigamente o recinto do Louvre, a um tempo palacio historico e templo prestigioso da arte.

No Luxemburgo, porém, outro museu valioso, revivem os grandes nomes contemporaneos de Ingres, de Delacroix e de Horacio Vernet. Em Versailles, no pantheon das pinturas dedicado ás «Glorias da França», além dos grandes feitos militares do passado e dos retratos em tamanho natural dos mais illustres nomes e dos mais gloriosos capitães, n'uma extensa serie de galerias primorosamente restauradas, palpitam na téla, sob os pinceis d'Horacio Vernet e de Ivon, as batalhas dos exercitos da republica, as epopêas guerreiras do consulado e do imperio, as expedições d'Africa, e entre ellas a tomada da Smalah d'Abd-el-Kader, e a batalha d'Isly.

Os episodios das guerras da Crimêa, da Austria e da Italia figuram nas grandes télas d'Ivon, commentadas com ardor patriotico pelos artistas e soldados do segundo imperio.

N'estes e outros explendidos repositorios, apura-se, retempera-se o gosto como que em nascente fecunda, e ao mesmo tempo criam-se asylos seguros, abrigos momentaneos contra os ventos de fogo, que sopram do *Bois*, do boulevard e dos *foyers* dos theatros, e que devastam a saude, a bolsa, e a moral.

VIII

Regresso ao boulevard. População cosmopolita. Novo Genesis de fato e de mobilia. Apparição no boulevard de alguns dandys sertanejos de Pico de Cavalleiros e de Carrazeda de Anciães. Entra o A. no «Café Anglais». Moral suspeita d'este estabelecimento elegante. Meza irreprehensivel, com tradicções tenebrosas. Reflexões melancolicas do A. n'aquelle recinto: cuja frequencia não póde habilitar ninguem para o premio Monthyon. Os Samsões e as Dalilas do «Café Anglais».

E, com tudo, que remedio ha senão voltar ao boulevard dos italianos, logradouro commum dos estrangeiros que, assim como eu, vem descarregar

o peso da hypicondria na contemplação d'este bazar universal, chamado Pariz?

Demais a mais, a exposição attrahiu á grande cidade uma torrente de gregos, turcos, egypcios, persas, arabes, marroquinos e chinas, cujas phisionomias accidentam pittorescamente a monotonia do chapeu redondo e do fraque de portinholas com as çamarras, tunicas, e *bournous*, turbantes e gorros vermelhos do vestuario africano e oriental.

Ora toda esta população da Asia e da Africa, depois de pago o tributo quotidiano de attento exame e sincero pasmo pelas maravilhas do trabalho e pelas curiosidades naturaes do mundo inteiro, transplantadas para o *Campo de Marte*, apparece no *boulevard* com a immobilidade serena e respeitosa gravidade, que a caracterisa.

Quanto a phantasia pode imaginar em vestuarios, em modas, em ornamentações, em moveis de Roux, e de Boule, em bronzes de Paillart, de Barbedienne e de Morin, em christaes de Saint Louis e de Baccarat, em porcellanas de Sêvres, em *faïences* de Deck e Collinot, em luvas Jouvin, em camisas, em *badínes*, em ourivesaria d'Odiot e Rouvenat, e em perfumes, encontra-se nos boulevards e nas ruas que os crusam.

Supponde-vos deante da nudez biblica de Adão no Paraizo, em pleno boulevard, hypothese excessivamente glacial, principalmente quando a neve em dezembro branquêa os telhados, as copas das arvores,

e as grimpas dos kiosques dos jornaes. Dois passos bastam para que os melhores sapateiros de Pariz vos calcem brilhantemente e os alfaiates mais celebres, como Dusotoy—um poeta de giz e thesoura em punho, — vos prodigalise de repente um guarda roupa inteiro, producto da sua *coupe* sem rival.

A mais transparente e fina *lingerie* desdobra-se diante de vós; lenços, luvas Jouvin, ou da Suecia, relogios e cadeias, agua de Colonia, pomada hungara, se daes aos bigodes a curva de um crescente mussulmano; chapeus da rua Richelieu, bengalas e *badines*, *cold-cream* e *brillantine*, se pertenceis á frivola familia dos *gandins;* fato e calçado, tudo se agglomera n'um raio de trinta passos, em depositos luxuosos e inexhauriveis. Cómo o Creador á luz, podeis ordenar ao facto: «faça-se», e o fato fez-se.

A cada instante o boulevard assiste ás transformações de innumeraveis Faustos, que, á força de apparentarem *chic* e de aspirarem a *avoir la ligne*, como se diz no *argot* parisiense, exageram os toques provincianos, de que se querem despir, mas que lhes adherem fatalmente ao corpo como a tunica de Nessus.

Quantos vi radiantes de intima satisfação, de camafeu enorme na farta gravata de setim e luvas côr de canario, ás onze horas da manhã, impertigando-se diante das mulheres elegantes, que passavam desdenhosas, ou entravam ligeiras para a casa das *faiseuses* — denunciando a origem campesina de Pico de Cavalleiros ou de Carrazeda em pleno asphalto, diante

dos espelhos do café *Riche* e das portas do *Café Anglais*.

E, como estamos em maré de *flanar*, permitta o benevolo leitor que eu lhe quebre por uma vez o encanto do *Café Anglais*, estabelecimento que figura inevitavelmente em todos os romances da *fashion* e da alta *bohemia* artistica e litteraria de Paris, devidos á penna dos dois Dumas, Paulo Féval, Arsenio Houssaye, Balzac, e de todos os romancistas francezes de nome.

Entramos no *Café Anglais* na companhia, sempre para nós agradavel, do visconde de Santa Izabel, um antigo amigo, um *gentleman* nas maneiras e nos sentimentos, e um pratico, como raros, dos mares parisienses, cujos escolhos e enseadás conhece perfeitamente. O visconde passou em Pariz alguns annos da melhor mocidade, o que, alliado á sua presença sympathica e trato amavel, explica satisfactoriamente as causas felizes da sua consummada experiencia.

— Has de vir comigo ao *Café Anglais*, disse-me o visconde, depois de nos termos dado *rendez-vous* no Café Napolitano, aonde se tomam primorosos gelados. Janta-se bem, continuou, e tens occasião de estudar um café, de que fallam todos os escriptores, quando descrevem a *grande vida* de Paris.

— Vamos lá, respondi. Tens rasão. Creio que hei de aprender melhor o *Café Anglais* n'uma *soupe d'écrevisses*, regada com um copo de bom *Sauterne* e

outro de legitimo *Chablis*, do que nas paginas dos romancistas.

Entramos, e installamo-nos n'um dos gabinetes polidos de mogno, cercados d'espelhos, onde não reluz uma unica douradura, ao rez do chão. Os criados mostram o aspecto respeitoso de quem não serve caixeiros viajantes, ou barbeiros endomingados.

O serviço é d'um aceio inexcedivel, a cosinha delicadamente aristocratica, os vinhos preciosos. Respiram ar de boa sociedade os frequentadores. Vêem-se alli addidos de embaixada, secretarios, e ministros. A boa educação, flor cujos perfumes, infelizmente, desmaiam ás vezes nos melhores circulos, allegra agradavelmente aquelle recinto.

No andar superior estão os gabinetes e *boudoirs*, aonde se teem consummido milhões em jantares e ceias luxuosas, que arruinam os mais robustos orçamentos. Principes russos, lords, e boyardos, a mocidade do Jockey Club, a geração dos melhores *viveurs*, os mais prodigos *petits crevés*, as mais sumptuosas *lorettes*, as actrizes mais seductoras e afamadas, descontaram alli as tristezas mortaes da vida, em breves horas de agitação ardente e de vertigem louca.

Ao rez do boulevard, o café tão celebre que a imaginação tende a engrandecer e a recamar de espelhos e arabescos de ouro, apresenta-se com extrema simplicidade nos reflexos polidos de ébano e mogno que nos cercam por toda a parte. Ha uma vaga si-

milhança, no seu aspecto, com o dos gabinetes envernisados do extincto Marrare frequentado pelos elegantes do meu tempo.

N'aquellas sallas cheias de confôrto, cujos Deoses são o prazer e a dissipação, doudejaram em banquetes, que lembram os de Nero, as Cora Pearl e as Schneiders ao lado dos nomes mais celebres pela extravagancia e a riqueza.

Respirando bom tom e suprema elegancia, o *Café Anglais* ainda sustenta o sceptro dos melhores jantares de Pariz.

O seu deposito de vinhos passa, na opinião dos entendidos, por um dos mais preciosos d'aquella cidade, em que os caprichos da moda são tão inconstantes e a maledicencia tão activa, que nem sequer ás garrafeiras perdoam. Não obstante, o *Café Anglais* triumpha até hoje das perigosas viscissitudes da opinião frivola, prova irrecusavel de solida superioridade.

Concentrando-nos na solidão do pensamento, apodera-se de nós uma tristeza profunda reflectindo, que d'aquelles templos do luxo e da loucura, acabadas as ceias sumptuosas, apagados os lustres refulgentes, murchas as rosas e desvanecidos os perfumes das divindades do vicio, sahem muitas vezes esquecidos, ignorados para sempre no turbilhão de Pariz, quando não affogados na onda do desprezo publico, arruinados, perdidos, tantos mancebos, cheios de vi-

gor e opulencia, Samsões que adormecem descuidados no regaço de Dalilas impuras e acordam fracos, decrepitos, miseraveis!

IX

Os canarios parisienses descriptos em 1746 por um viajante portuguez. O A. fica desapontado por não encontrar os passarinhos que cantavam minuetes. Feras domesticadas, animaes fallantes e coreographicos. Tracta-se dos ratos da Opera, e de alguns ruminantes e carnivoras da Fauna de Pariz. As Aspasias dos novos athenienses. Falla o A. dos «petits crevés», das mulheres do «demimonde», da carreira aventurosa d'estas heroinas do vicio. Empunha-se por um momento o azurrague da moral e dá-se com elle n'aquella gente perdida. Costureiras e «grisettes». Decadencia progressiva de Mimi Pinson e Bernerette.

Ha pouco fallei de luvas côr de canario, uma cousa feia; tractemos agora do gentil passarinho, a proposito d'um livro antigo.

Pouco antes de sahir de Lisboa tinha lido a viagem e descripção de Pariz, a que já me referi n'um dos capitulos anteriores.

Entre as muitas maravilhas apregoadas pelo via-

jante portuguez, um elegante de 1746, na flor dos annos, creado nos paços reaes, amigo dos duques de Villeroi e de Rochefoucault, commensal intimo de D. Luiz da Cunha, recebido nos circulos das *grandes dames* da corte de Luiz XV, attrahiu-me a attenção um trecho, em que o snr. de Haucourt descreve os canarios parisienses.

«Dos mesmos passarinhos, diz elle, se servem os parisienses por modo diverso, do que nós nos servimos. E' tão commum, como aprazivel vêr os canarios, soltos pela casa vierem comer á mão; ha os de tres castas, brancos, amarellos, e malhados de preto. Até a estes irracionaes parece que se communica o engenho dos mais habitantes do paiz; pois com bem medida consonnancia vi muitos *cantando minuetes*, repetindo segundo os preceitos da solfa duas vezes a primeira parte e outras duas a segunda.»

Eu, chegado a Pariz, curioso d'aves cantantes, não podia esquecer os canarios, que trinavam melodias tão correctamente como alumnos do conservatorio, segundo a descripção animada do nosso compatriota, que o affirmava de os haver visto e ouvido. Depois, a circumstancia dos canarios *bisarem* a primeira e a segunda parte da cantillena, conforme os preceitos da arte do canto, exercia sobre mim uma fascinação irresistivel. Devassei todos os viveiros, gaiolas, e poleiros ao meu alcance, mas achei extincta a geração dos canarios musicaes, que tinham feito o enlevo do meu elegante compatriota.

Como prevenindo um assomo de duvida provavel, continua o snr. de Haucourt, para arreigar no animo dos leitores a convicção dos canarios lyricos: «Quem duvidar d'esta verdade, lembre-se de que em Lisboa vimos um cavallo e um urso dançando, e que na historia achamos leões tão domesticos que antes quizeram morrer, do que apartarem-se do homem. A duqueza de Mazarino tinha um lagarto manso, que D. Luiz da Cunha me affirmou ter visto.»

E' expressiva e até certo ponto concludente a argumentação do viajante, reconheço-o; mas, infelizmente, não suppre a ausencia total dos canarios, cantores de minuetes.

Em Lisboa, nem só nos tempos affastados se viram as raridades coreographicas, narradas pelo illustre cortesão do serenissimo infante de Portugal D. Antonio.

Desde então para cá não faltam cavallos, que dancem, ursos que polkem nas salas, nem leões domesticados com as garras escondidas em luvas do Baron e a crespa juba subjugada pelas pomadas e frisada pelos ferros do Godefroy. O phenomeno dos animaes habilidosos tornou-se trivial, a ponto de que entre nós fallam e discursam mais os *brutos* do que os que o não são.

Em Paris variou muito o engenho dos animaes. A ornithologia parisiense passou por uma crise profunda. O talento peregrino dos canarios emigrou para os *ratos da opera*, cuja sagacidade e espertesa são re-

reconhecidas por todos os Buffons e Cuviers contemporaneos. Vivem nos bastidores, sustentam-se de queijos... d'ouro, trincam costelletas, bebem champagne, perfuram montanhas de notas do banco, e devoram milhões sem o menor embaraço gastrico.

Em vez de se deixarem apanhar, armam ratoeiras onde cahem os caçadores. Que espertos ratinhos!

Conclue-se disto, que em Pariz tudo muda, até a historia natural.

Falta-nos tempo para descrevermos aqui as familias dos *ruminantes* e *carnivoros* parisienses.

Encontram-se a cada passo e por toda a parte. Grande parte de Pariz, como que n'um baile de mascaras, afivela ao rosto a mascara das Lydias. Accumulam-se estas nas habitações confortaveis do quarteirão de Breda. Á tarde rodam em caleches e em coupés elegantes pela grande avenida dos Campos Elysios em direcção ao arco da Estrella. Entram triumphantes no *Bois*, indolentemente sentadas, pela rua central, ou trotam vestidas *d'amazonas* pelas avenidas do bosque. Apparecem nas *premières* dos theatros, occupando *baignoires* em que circula a meia luz favoravel aos mysterios. No Hypodromo de Longhamps, no *steeple-chase* das corridas da Marche e em Vincennes arriscam ás apostas milhares de francos.

São estas as Aspasias dos athenienses de jaquetão curto como um collete e de colleirinhos esgargalados á moda dos puritanos do tempo de Cromwell, gera-

ção dessorada, fatua, e viciosa, aos olhos da qual a humanidade inteira é uma massa indifferente, uma grêda vil.

Como Luiz XIV, a casta dos *petits crevés* pensa, que a França inteira são elles e mais a amante, o abysintho, os cavallos, e os grooms e os accessorios do *sport*. Fóra d'este circulo animal, o resto dos viventes constitue para elles a canalha, a villanagem do seculo XIX. Só elles gosam, só elles reinam nos dominios vertiginosos e dourados do vicio. Qualquer dia insculpem na frontaria do Jockey Club a divisa ambiciosa de palacio do sol, que refulgia no Versailles Luiz de XIV.

Na estação de verão, ou das aguas, o *demi-monde* abre as azas e vôa, aos bandos, até Spa e Bade, para se curar do tedio dos *boudoirs*, que rivalisam em molleza e perfumes com os aposentos intimos das sultanas, e para esquecer o passeio quotidiano do coupé, que gira melancolicamente á volta do lago no bosque de Bolonha.

Que diversão mais poderosa do que a do jogo? Aquellas mulheres atiram-se loucas e frementes á voragem da roleta e do *baccarat*, e lançam punhados de ouro para cima dos pannos verdes das mesas.

Os amantes ricos, os fingidos homens serios de Pariz, os banqueiros, que alem da familia teem a casa succursal da amante, recebem de Spa e de Bade menos cartas do que avisos de saques, transmittidos pelos seus collegas monetarios d'além do Rheno.

E' preciso não generalisar as más impressões, que estes espectaculos gravam no espirito da maioria de todas as classes sociaes, aonde ha tradições sérias e sentimentos elevados.

A verdade é, porém, que as grandes fortunas da classe aristocratica e da alta burguesia, no bairro de Saint-Germain e de Saint-Honoré, cada vez mais se assignalam por loucuras e dissipações com as mulheres do *demi-monde.*

Apontam-se os palacios em que ellas vivem, ennumeram-se os milhares de francos que custaram tantas maravilhas, e pronuncia-se o nome dos felizes, ou infelizes compradores.

De quando em quando faz-se o leilão de brilhantes e joias das divindades aventureiras, que sobem a valores fabulosos.

A Schneider do theatro das Variedades, por exemplo, vive n'um *hotel* seu, tem coupés e carroagens, e ha pouco fez leilão dos seus magnificos brilhantes, cujo valor era avultado.

As mulheres, que a onda da moda arremessa aos fastigios do luxo, d'onde veem? Ás vezes por mais que se procure, ignora-se-lhes a procedencia obscura e mysteriosa.

O vicio desdobra diante d'ellas uma escada que á semelhança da de Jacob vae ao céo da opulencia, pela qual trepam as heroinas affoitas.

Ás vezes, o capricho da moda eleva-as como á celebre Thereza, do pequeno palco d'um café cantante,

ou do Alcazar até ás flacidas carroagens da princesa de Metternich que as assenta a seu lado como se fossem as rainhas do canto.

Quantas não tem passado da coreographia tempestuosa do café *Mabile*, cujas Taglionis de contrabando sapateam *cancans* impudicos, levantando a perna á altura dos olhos, para os *hoteis* mais explendidos, cheias de milhões?

Quantas não luzem hoje nas espheras mais douradas, depois de terem vegetado miseraveis nas glorias equivocas do *Casino* da rua *Cadet*, outra academia de dança violenta?

Estes desregramentos coroados pelo ouro e pelos applausos de certas classes amplamente quinhoadas na loteria da riquesa, lançaram na corrente do vicio innumeras creaturas, cujo destino podia esmaltar–se das flores honestas da virtude e do trabalho. Praga hedionda, mundo detestavel sob as fingidas apparencias do gozo, o *demi–monde* de Pariz accorda-nos no espirito e na lembrança os desvarios das mais brilhantes e devassas sociedades do paganismo, quando a licença e a ausencia da moral soltaram o freio ás mais abjectas paixões da humanidade!

De manhã, quando os estabelecimentos se lavam e despem da poeira da vespora, quando o boulevard boceja de somno mal dormido e os criados ainda atordoados pela insomnia se espreguiçam, atravessa as ruas um enxame activo de mulheres de touca branca,

cabellos penteados e colleirinhos e punhos nitidamente engommados, com o cabaz no braço.

E' o mundo das pequenas costureiras e *grisettes*, que sorri ao ar da manhã, corre ás lidas diarias do *ménage* e aos trabalhos incansaveis da agulha.

Mais modestas nas aspirações, contentam-se, nas horas vagas, e nos domingos, com uma collação que ás vezes consta de uma *friture* e de um copo de carrascão, o acre *vin bleu* das tavernas anonymas.

Apesar das côres de poesia desinteressada e de amor sentimental, que respiram os romances de Paulo de Kok, as *grisettes* tendem a desapparecer como os canarios que cantavam minuetes, sem que a moral tenha de chorar pela decadencia progressiva das Mimi Pinsons e Bernerettes, que certa litteratura pertendeu immortalisar.

X

Breve digressão pelos theatros de Pariz. Requere-se a Pinheiro Chagas que os descreva, quando lá fôr. Comedia franceza. O Hernani de Victor Hugo. Delaunay. Favart e Bressant. A Patti na Somnanbula. A grande Opera. Ainda os ratos da opera e os seus cavalheiros serventes. Ceas das sacerdotisas de Terpsichore no «Café Anglais» e na «Maison d'Or». Magreza dos amantes e gordura parallela das princezas da pirueta. Gymnasio. Porta Saint-Martin. «Ambigu». Odeon. Variedades. Theatro lyrico. O «Romeu e Julieta» de Gounod. Miolan Carvalho. As primeiras representações. Authoridade suprema do areopago que n'ellas se reune. Opinião de Alexandre Dumas, filho, a respeito do publico das primeiras representações. Contraste do «demi-monde» com as senhoras serias.

Pariz não transmitte apenas as modas á Europa inteira, invade-a, assoberba-a com as producções da litteratura em todas as manifestações do espirito e do gosto.

Sob este aspecto não póde chamar-se Pariz a capital da scena europea?

Se os theatros são numerosos, muitos d'elles não podem aspirar á honra de templos da arte inspirada por elevado ideal.

Deixei ha tanto tempo o campo ameno do *folhetim* reservado para a analyse dos theatros, da indole das composições, da graça das bailarinas, e do talento dos actores, que desespero de voltar a percorrel-o, ensaiando a agilidade entorpecida.

Quando Pinheiro Chagas fôr a Pariz, aonde ha de ir infallivelmente, porque é homem de letras e homem de gosto, desde já lhe peço, que estude e descreva os theatros com a sua fina critica, esmaltada por um estylo puro e elevado.

Registo de corrida as impressões a respeito de um, ou de outro theatro como as apontei nas minhas notas de viagem, principiando pela *Comedia Franceza*. Alli mantem-se em toda a pureza o culto das boas tradicções. A declamação é litteraria, irreprehensivel. O jogo e os segredos da scena são estudados com consciencia. Os actores escolhidos d'entre as mais provadas vocações. O repertorio é o dos grandes mestres — dos auctores classicos, — e dos primeiros nomes contemporaneos, laureados pela França inteira.

Conspira este conjuncto de circumstancias para que o theatro da *Comedia Franceza* se conserve na altura de uma escola superior da arte dramatica.

Vi o *Hernani* de Victor Hugo, interpretado por Delaunay (o galan) com enthusiasmo cheio de nobreza e de sentimento.

Que fogo apaixonado o da Favart, a infeliz e amante *Dona Sol*?

Como Bressant attinge a serenidade olympica e a grandeza generosa de Carlos V!

Os actores, á luz do estudo e do talento, avivam as cambiantes mais subtis; a nobreza dos gestos, o estudo dos caracteres, a expressão das paixões, a perfeição nos lances difficeis brilham a par da declamação pura e da pronuncia correcta.

Nem a mais tenue sombra de pallidez e de indecisão escurece o quadro da scena! Os typos, as creações do poeta movem-se n'um circulo luminoso, animados pelo sopro da arte.

No theatro italiano, triumpham habitualmente os reis e as rainhas do canto. Pariz é a sagração suprema das glorias lyricas e das coroas artisticas. D'esta vez reinavam na sala *Ventadour* por direito de nascimento e de conquista a Patti, hoje marqueza de Caux, e Mongini, o tenor predilecto dos *diletanti* de Lisboa.

A Patti, creatura adoravel, belleza soberana na frescura dos annos, deslumbra pelos prestigios da forma e pela opulencia da voz, cheia de sonoridade, de doçura e de vigor.

Que alliança da intrepidez com o sentimento!

Cada nota que soltava na *Somnambula* era uma elegia orvalhada de lagrimas.

A Grande Opera largamente subsidiada pelo governo sustenta os brazões do passado, á sombra dos favores tradiccionaes de que a cobrem a alta litteratura e a elegancia parisiense.

A orchestra é admiravel de certeza e de execução brilhante. O scenario é magnifico, os vestuarios elegantes e ricos. Perante os explendores da Opera não esquecem comtudo os pannos de fundo e as decorações de Rambois e Cinatti. Em que tintas magicas se ensoparam os pinceis dos dois celebres scenographos para esboçar na lona as mais surprehendentes maravilhas de côr e de perspectiva?

O corpo de baile, excellente e numeroso, é o mais seductor e travêsso enxame, que póde imaginar-se. As gentis dançarinas e figurantes parecem fadas de saia curta e pé no ar, fluctuando n'uma atmosphera de gaze transparente.

Phenonemo curioso! não vi uma dançarina feia. Creio que as mulheres horrorosas são expulsas da Opera, como os poetas o eram da republica de Platão.

Os elegantes que vivem na intimidade dos *ratos da opera*, presos pelo encanto dos *ronds de jambe*, apparecem á dança nas *stalles* ou nos camarotes, dão palmas ás amantes, assestam-lhes o oculo sem descanço, e desapparecem, no fim do bailado.

Depois, acompanham-as aos gabinetes do *Café Anglais*, ou da *Maison d' Or*, onde as filhas de Therpsichore ceiam com o appetite devorador de creaturas condemnadas todas as noites a pular duas horas á altura de um metro em piruetas freneticas. Nas dançarinas da opera a actividade do estomago acompanha harmoniosamente a ligeireza das pernas, e a vio-

lencia dos exercicios coreographicos equilibra-se com a energia dos actos gastronomicos.

Emquanto os amantes emmagrecem pela ruina da saude e da algibeira, as princezas da dança, perdendo a fórma vaporosa, engordam á mesa, esgotando rios de *Chambertin* e de Madeira.

O *Ambigu*, o Gymnasio, a Porta Saint Martin — celebre pelas *féeries* (magicas) e pela exposição de escultura viva e meia nua das actrizes—; as Variedades, aonde actualmente a Schneider e Dupuis regalam o publico com a musica jovial e ligeira d'Offenbach; o Odeon onde se estreiaram como poetas dramaticos Casimiro Delavigne, Ponsard, Emilio Augier; o theatro do Palais Royal, cujo palco foi pisado por M.[lle] Mars na frescura da mocidade; e muitos outros theatros, que seria longo citar, attrahem um publico immenso, avido de commoções e de espectaculos.

No Gymnasio e no Vaudeville representam-se quasi todas as producções dos primeiros mestres da scena moderna, Victorien Sardou, os Dumas, Octavio Feuillet, George Sand.

No theatro lyrico, cuja reputação tem crescido progressivamente, e que é um dos melhores de Pariz, ouvi no *Romeu* e *Julieta* de Gounod a celebre Miolan Carvalho, cantora distincta e actriz de peregrino talento.

O theatro é elegante; as peças conscienciosamente ensaiadas e postas em scena com esmero, a orchestra composta de professores de merito.

Apesar do prestigio da novidade da partitura de Gounod e do encanto eternamente poetico da tragedia mais tocada de commoção no amor juvenil, que poetas tem sonhado, pareceu-me que ao *maestro* francez sorrira mais franca a inspiração no *Fausto*.

A indole amorosa, o tom elegiaco de *Romeu e Julieta*, para palpitar em apaixonadas melodias condignas da musa melancolica de Shakspeare, não pediriam antes a musica divinamente suave e triste de Bellini, repassada de paixão e de lagrimas?

A suprema elegancia nos theatros de declamação é assistir á peça nova, a uma *première*, na linguagem parisiense.

Na primeira representação reune-se o congresso explendido das illustrações litterarias e scientificas, dos artistas celebres, das superioridades da moda, do *sport*, dos viajantes distinctos, das senhoras da sociedade, e, forçoso é dizel-o, das mulheres de vida irregular.

Da sentença decisiva do publico das *premières* pende a boa, ou a má sorte da peça nova; d'aqulle areopago emerge, salpicado de lodo ou coroado de gloria, o nome do poeta dramatico, que pela primeira vez arrisca os passos na senda perigosa do theatro.

É tal a importancia do publico n'uma *première*, que Alexandre Dumas, filho, affirma com a auctoridade indisputada de mestre, que é muito melhor para o auctor dramatico o escolher n'aquella noite. suprema bons expectadores, cheios de benevolencia intelli-

gente do que haver escripto admiravelmente a peça nas asperas vigilias do gabinete.

Um auctor experiente e conhecedor do terreno prepara e escolhe o publico das *premières* como Isabel — a celebre ramilheteira — escolhe as flores e camelias dos seus ramos.

Na distribuição dos lugares superintendida pelo auctor, os indifferentes acham assento ao lado dos amigos expansivos, e os frivolos do Jockey Club e dos cafés veem-se rodeados de jornalistas benevolos.

Em virtude d'esta caldeação engenhosa, derretem-se os gelos dos expectadores frios, e os dandys vão repetir authomaticamente nas salas e cafés as apreciações lisongeiras dos litteratos, as quaes tomam ás vezes as proporções da apotheose em imagens ambiciosas e em epithetos assoprados.

O *demi-monde* faz um contraste perfeito na vivacidade dos applausos, com a indifferença distrahida e a polidez gelada das senhoras serias.

Bate as palmas com furor, agita-se nos seus logares ruidosamente, não só por não recear comprometter-se na opinião publica, mas por desejar ser observado, uma das suas preoccupações capitaes.

A reunião, a massa compacta d'estes elementos diversos, que constituem o publico peculiar das *premières*, intitula-se Pariz inteira — *tout Paris* — na expressão consagrada da sociedade e do jornalismo.

Se a phrase não brilha pela excessiva modestia, designa energicamente o ajuntamento caracteristico

de superioridades em todas as espheras da vida parisiense, que nas primeiras representações julgam em instancia suprema o talento dos auctores e decretam a valia das composições dramaticas.

XI

Digressão pelo bairro latino. Visita ao hotel de Cluny. Preciosas antiguidades d'arte. As nove corôas de ouro de Recesvintho. Os cravos e espinhetes de Francisco I. O que elles parecem, comparados com os pianos de Erard. As Thermas romanas em Cluny, e a grande sala dos banhos frios.

Deixemos o recinto apertado dos theatros e vamos *flanar* d'esta vez á margem esquerda do Sena, atravessando o bairro latino, para sentirmos rumorejar as Mimi-Pinson e as Bernerettes de Musset, e de Murger.

O bairro latino, sob as transformações de Haussmann, muda todos os dias as feições typicas. Dentro em pouco, sulcado de novos boulevards arborisados e de ruas espaçosas, será apenas uma recordação.

Ha tanta profusão de novidades na face material de Pariz, que nos seduzem irresistivelmente as curiosidades do passado.

Quando entramos no muzeu archeologico do hotel de Cluny, nas immediações da escóla de medicina, e percorremos o interior do edificio onde habitaram, entre outros personagens historicos, o duque de Guise e o cardeal de Lorena, parece-nos estar bem longe da Pariz de hoje.

Aquella architectura franceza dos fins do seculo XV, moldada em torres ponteagudas, em balaustradas e rendados de pedra, em escadarias d'espiral, em arcadas d'ogiva, lavrada d'ornamentações caprichosas, d'animaes phantasticos, de symbolos piedosos, contrasta sensivelmente com as construcções industriaes, *gares* dos caminhos de ferro, mercados cobertos de vidro, e palacios das exposições aridos e immensos como o deserto.

Pariz, actualmente, com as suas ruas largas, predios monumentaes, e grandes vias de communicação inexoravelmente alinhadas, abusa da linha recta a ponto de nos fazer ter saudades das construcções irregulares, e da desordem bella e pittoresca, incompativel com as cidades traçadas a cordel.

As casas, aliás magnificas, dos novos boulevards vestem uniforme de grande gala, como regimentos de soldados em revista solemne. Por isso os olhos se deleitam nas frontarias caprichosas dos antigos palacios, principalmente quando estes á poesia dos seculos juntam os encantos da arte.

E' impossivel descrever Cluny e as suas preciosidades nas linhas ligeiras e rapidas d'um album de

viagem. E' um mundo de rendilhados, de primores, de grupos, e de estatuas de marfim, como raramente se encontram, que cerca o viajante por todos os lados de phantasticos e delicados lavores.

Figuras hieraticas, symbolo das crenças exaltadas dos tempos affastados, mostram-nos admiraveis exemplares da arte bysantina e da do baixo imperio.

Baixos relevos, fragmentos de esculptura do seculo XIV, estatuas de marmore do seculo XVI, retabulos preciosos, inscripções funebres, tudo nos aviva a phisionomia das epocas mortas nas expressões multiplas da arte e na duração perenne dos monumentos.

Os proprios reis, cuja historia longinqua se perde nas trevas das idades remotas, se ressuscitassem, veriam ainda resplandecer as coroas que lhes cingiram as frontes. Nove coroas de ouro attribuidas ao reinado de Recesvintho, suspensas como por cadeados do mesmo metal, similhantes a pingentes de lustres, e esmaltadas de pedrarias e perolas finas, despertam a lembrança dos tempos visigothicos e de reis quasi legendarios.

Vasos de formas surprehendentes, de differentes epocas, pratos de barro scintillantes de reflexos metallicos, amphoras elegantissimas, jarras recamadas d'arabescos phantasticos mostram-nos a *ceramica* antiga da Italia, da Hespanha e da França.

Mobilias archeologicas, ornamentações religiosas, cinzeladas por mestres inspirados no gosto inimitavel

de Benvenuto Cellini, vidros venezianos, mosaicos florentinos, esmaltes raros, tudo brilha n'aquelle recinto — povoado da opulencia accumulada dos seculos — com a fascinação magica da arte.

Entre tantos explendores do passado, engrandecidos pelo prestigio das recordações historicas, pareceram-me envergonhados da sua structura rudimentar os cravos e espinhetes de Francisco I.

Quando os aproximamos dos pianos colossaes de Erard, verdadeiros mastodontes no agigantado das proporções e na larga dentadura de marfim das teclas, lembram-nos embryões de crianças ao pé de gigantes, ou esqueletos de pianos pequeninos precocemente surprehendidos pela morte.

A Lutecia romana revela-se-nos nas abobadas e cimentos do palacio das Thermas contiguas a Cluny, ás quaes, se faltam as maravilhas do gosto, não escaceia a eloquencia da historia, recordando-nos de que aquelle palacio foi contemporaneo das epocas gallo-romanas, edificado por Constancio Chloro e habitado por Juliano.

Estão um pouco decrepitas aquellas ruinas imponentes; passou sobre ellas apenas o bafo de quinze seculos!

Quando nos achamos no centro da grande sala dos banhos frios, cujas abobadas espessas e elevadas teem resistido com a sua structura impenetravel á furia destruidora do tempo, e vemos a grande piscina do *frigidarium*, e os ductos da agua destinada ás

tinas de pedra, admiramos a civilisação magestosa dos romanos, a solidez indestructivel das suas edificações, e o apuro dos costumes elegantes e voluptuosos d'aquelle povo, cuja memoria se estampa com um cunho inextinguivel na historia, na litteratura, nas leis e nos monumentos das nações mais adiantadas dos tempos modernos.

Virgilio e Cicero, Cezar e Horacio, as Institutas e o Digesto, os grandes escriptores e as leis admiraveis da antiga Roma, hão de viver na lembrança e admiração das gerações mais do que as esphinges do Egypto e do que as pyramides dos Pharáos.

XII

Pergunta-se, se as casas de banho da Pariz de hoje descenderão das thermas da antiga Lutecia. Cita-se o trecho de um viajante portuguez do seculo passado a respeito dos banhos de Pariz. Evoca-se de passagem a sombra da bacia de arame, d'onde procede a tina de banho. A nudez no banho e nas estatuas eram dous escandalos para os snrs. portuguezes d'outro tempo. Degeneração dos netos dos heroes maritimos de Portugal, e cautellas de que nossos avós se escoltavam n'um banho de tina.

Será dos explendidos banhos romanos, que a antiga Lutecia herdou o uso antiquissimo das abluções perfumadas e das casas de banhos confortaveis onde

se respira uma athmosphera tepida, e que convida á languidez dos sentidos?

A proposito de banhos, seja-nos permittida uma breve divagação historica.

É geralmente sabido, que Pariz abunda em estabelecimentos de banhos, uns modestos, outros luxuosos.

O que talvez se não saiba, é que Pariz possue, ha mais de cento e vinte annos, numerosos estabelecimentos d'esta ordem, cujo luxo actual não eclipsa o dos banhos parisienses do seculo passado, segundo os descreve o snr. de Arcourt em 1742.

Diz o viajante portuguez:

«Não individúo muitas circumstancias, porque a falta de uso as faria passar em Portugal por escandalosas; sempre direi, que toda a pessoa que entra a banhar-se, apresenta-se despida em uma casa, em que ha um lindo tanque de primorosas pedras, em que correm duas bicas de agua quente e fria, d'onde com bacias de prata se tira agua que lhe deitam pelo corpo e depois de bem lavada com farinha d'amendoas e outros generos entra em uma tina com cortinas e pavilhão, de bellas chitas, tendo tambem duas bicas com chaves, que correm dentro d'ellas de ambas as sortes para melhor se poder temperar.

Dentro no banho fazem a barba, cortam as unhas, e tudo o mais que conduz para a limpeza e aceio do corpo humano. Ao sahir do banho lhe passam todo

o corpo com uma esponja, que muitas vezes molham em espirito de vinho morno, que tiram de frascos de christal e botam em copas de prata.

Acabado tudo lhe vestem uma camiza até os pés e uma roupa de chambre de sêda, e passa a outro quarto onde acha uma cama armada de damasco com excellentes colchões e admiravel roupa, e ceia o que pede.»

Á parte o accessorio da cama, que transformaria os banhos de hoje em dormitorios, o resto não é a descripção exacta dos banhos voluptuosamente orientaes dos elegantes e *petits crevés* de hoje, cuja espinha dorsal se previne prudentemente contra o amollecimento futuro, com as fricções de vinho morno?

N'um paiz como o nosso, cujas tinas mesmo nas melhores casas eram a classica *bacia d'arame*, não admira, que o viajante especifique a circumstancia de «apresentar-se *despida* a pessoa que vai banhar-se.»

O escriptor portuguez, revelando esta noticia ás leitoras ingenuas do seculo passado, tinha a certeza de lhes descobrir uma novidade ignorada.

A nudez no banho era em Portugal tão temida como a das estatuas, escandalo atroz dos olhos honestos.

Nós, descendentes dos navegadores que devassaram os mares povoados de terrores, chegámos a ter medo da agua a ponto de lavar a ponta do nariz com as pontas dos dedos! O uso das tinas grandes, como hoje se veem, não se generalisou de cer-

to, durante um largo periodo de annos. Quem sabe, se os banhistas mais affoitos se lançavam á agua dentro da tina sem um creado ao pé, ou pelo menos um cão da Terra Nova, como cautella prudente contra o perigo de naufragio?

XIII

Continúa o A. a divagar pelo quarteirão latino. De como o estudante não é já aquelle typo, que nos deixou o lapis de Gavarni. Modificação dos estylos escholasticos. Silencio da Sorbônna. Effluvios intellectuaes da Sorbônna e do Collegio de França. Buffon, Geoffroy de Saint Hilaire, e Lamarck a apparecerem-nos no Jardim das Plantas. Limites extensos do paiz latino. Athenas dentro de Babylonia. As Corinnas e Aspasias do bairro latino. A sciencia a espiritualisar a face sensual de Pariz, dentro dos templos austeros do quarteirão latino.

Se o quarteirão latino passou por profundas transformações materiaes, se a população estranha ás escolas se precipita em ondas ruidosas atravez dos largos boulevards recentemente abertos, as regiões da sciencia pairam ali n'um suave silencio propicio á meditação e ao estudo.

Percorrendo o boulevard de S. Miguel, que conduz ao Luxemburgo e ao Pantheon, guarnecido de cafés brilhantes frequentados pela mocidade das escólas, desvanece-se completamente o ideal do paiz latino, descripto por Murger e Balzac.

O typo do estudante, gravado na nossa memoria pelos traços de Gavarni, modificou-se não menos profundamente do que a phisionomia local d'aquelles lugares, que as extravagancias da vida descuidosa de rapaz, os amores das *grisettes* e o talento dos romancistas douram de poesia e de mocidade.

Um estudante portuguez, com quem acompanhava frequentemente, vestia como os elegantes do *Café Riche*.

Disse-me elle haverem-se alterado os estylos escolasticos n'esta parte, e que os estudantes, deixando-se ir na torrente, se fundem na grande uniformidade parisiense que apaga todos os typos e individualidades caracteristicas.

Para o apuro do vestuario dos estudantes de hoje tão differente do desalinho mais que modesto d'outrora, conspiram as grandes vias de communicação banhadas de luz, os estabelecimentos luxuosos, e os cafés dourados, rivaes dos dos boulevards. Em vez da penumbra mysteriosa dos antigos *estaminets* situados em beccos e ruas estreitas, radia o gaz dos *restaurants* em torrentes deslumbrantes.

Ao lado do boulevard Saint Michel, orlado de predios monumentaes, e atravessado por caravanas

estrepitosas de omnibus e de carruagens, cresce a herva no pateo silencioso da Sorbonna, que d'esta vez ainda ficou de pé, talvez por distracção do Haussmann.

Não obstante as transformações consideraveis do paiz latino tenderem a confundil-o no aspecto com os demais bairros de Pariz, das immediações da Sorbonna, cercada dos maiores nomes da philosophia e das lettras, e illustrada por Guisot, Villemain e Cousin; da Universidade, farol e cidadella da liberdade e da rasão humana; do collegio de França, o antigo rival da Universidade, e brilhante pleiade dos primeiros sabios, litteratos e pensadores da França, como Philarete Chasles, Sainte Beuve, Laboulaye, Berthelot, Elias de Beaumont e tantos outros, exhala-se um delicioso perfume intellectual.

Se olhamos para o Observatorio, quasi inaccessivel aos visitantes, vemos resurgir o vulto de Arago, honra dos astronomos modernos. Se passeamos pelo Jardim das Plantas, apparecem-nos Mr. de Buffon a delinear o desenho dos alegretes e avenidas, de punhos finissimos de renda e espadim ao lado, e Geoffroy de Saint Hilaire, e Lamarck a disporem as collecções botanicas e zoologicas, no meio dos inquilinos terriveis e burlescos da *ménagerie*, dos monos, orangotangos, pantheras e leões, magestosamente prezos em palacios engradados.

O paiz latino abrange o mundo vasto e activo das lucubrações, das descobertas, dos aridos proble-

mas da sciencia. É o foco ardente do pensamento, o laboratorio incansavel dos conhecimentos humanos, a propaganda eloquente da independencia da rasão e da liberdade. Todas as causas nobres e desinteressadas tiveram-no sempre por campeão. Vibra n'elle como que n'uma corda sonora a emancipação dos opprimidos. Inflama-o o attrito ardente das verdades scientificas, politicas ou sociaes, despedindo faiscas que muitas vezes se convertem em labaredas.

N'uma palavra, o territorio parisiense demarcado pelos templos da sciencia e das letras, e habitado pela mocidade das escólas, é a alma de Pariz. O sopro que se lhe exhala da bocca eloquente, é a chamma pura, a cujo calor a grande cidade despe os limos e impurezas das sensualidades grosseiras.

O mundo escholastico dentro de Pariz é Athenas dentro de Babylonia.

Ficará completa a analogia da comparação, recordando-nos, de que, se abundam na Athenas moderna Pericles e Alcibiades, não lhe faltam Corinnas e Aspasias.

Ás quintas feiras, quem as quizer conhecer, vel-as-ha voltearem enlaçadas com os futuros arbitros dos destinos da França, nos giros doudejantes da valsa, ao clarão dos lustres no *Jardin Bullier ou na Closerie des Lilas*.

As glorias d'estas heroinas do amor escholastico são festejadas em memorias avulsas, que se vendem

nas arcadas do Odeon, primicias obscuras da fama litteraria.

A sciencia, a um tempo meiga e austera, fluctuando nas regiões serenas, com a tunica branca a ondear ao vento, sostendo na mão o facho acceso, cuja chamma ás vezes vacillante nunca se extingue, e com os olhos postos no eterno ideal, transfigura, espiritualisando-a, a face sensual da Pariz do *Peters*, *da Maison-Dorèe*, do café *Riche*, do *Mabille*, do *Casino*, que enlouquece nos delirios da orgia e arde na febre dos sentidos.

XIV

Exposição universal. Rapida revista de suas maravilhas. O Parque e Jardim reservado. Galeria das machinas. Pharoes e orgãos. As pequenas industrias em acção. Os canhões Krupp e os instrumentos pacificos. Entra-se no grande vestibulo. Exposição franceza. Superioridade da França nas artes de luxo. Região britannica. Prodigiosa multidão de jornaes, magasines e Revistas. A Inglaterra—arsenal e a Inglaterra—prelo e officina.

Se o paiz latino é Athenas dentro de Babylonia, a exposição universal do Campo de Marte é o mundo inteiro dentro de Pariz.

Aos sabios e aos relatorios officiaes incumbe deduzir em estylo didactico os factos technologicos, os aperfeiçoamentos, os processos novos, e estudar o alcance e a influencia da exposição sobre os mais complexos problemas da industria e do trabalho.

Pela nossa parte, alheios ao menor intuito scientifico, apenas tentaremos avivar as nossas impressões perante aquelle pequeno universo de curiosidades e maravilhas.

Qual dos innumeros viajantes que visitou a exposição, se não lembra do aspecto original do Parque improvisado como um palacio dos contos arabes na immensa área escalvada do Campo de Marte?

Quem não tem gravados na memoria os encantos de vegetação rara, e os primores de jardinagem que bordavam o parque por entre regatos christalinos, atravez de canteiros e de relvas macias como velludo, esmaltadas de chalets e kiosques, de mesquitas e pagodes?

Parece-nos ainda estar percorrendo as alamedas sinuosas do Jardim reservado, oasis delicioso de folhagem e de sombra, e contemplar, atravez das paredes transparentes das estufas, as plantas e arvores exoticas, umas a dourar-se de fructos, outras a bracejar folhas colossaes.

Penetrando na grande galeria das machinas, ouvimos como que o rumor confuso das mil vozes do Oceano.

Que floresta impenetravel de rodas, parafusos,

dentes e engrenagens a agitarem-se n'uma convulsão epileptica!

Ao passo que nos adiantamos, move-se diante de nós um mundo scintillante de pharoes de christal em rotação permanente. Orgãos de dimensões enormes projectam até ás abobadas seus tubos sonoros.

Estes gigantes da harmonia, incommodados com a bulha estridula dos engenhos industriaes, parecem querer trepar acima dos tectos transparentes de chrystal para não ouvirem tão de perto os seus visinhos.

Pelo meio da galeria, n'uma extensão de mil e duzentos metros, corre uma plataforma atravez do vasto circulo que abrange, e é ella quem separa e protege os visitantes do contacto das machinas.

D'alli contemplam ondas de curiosos o labutar frenetico dos agentes inanimados do trabalho. Aos lados da plata forma, no plano inferior da galeria elaboram seus productos immensas industrias, semelhantes a abelhas que enxameam n'um cortiço commum, cujos favos são outras tantas officinas.

É um mundo em miniatura de gravadores, lavrantes, selleiros e sapateiros, cujo apparelho mechanico fabríca mais rapidamente um butim, do que Bocage improvisava uma quadra; e um borboletear de rendeiras gentis d'Alençon e de floristas, dispondo com mãos delicadas as folhas e as flôres artificiaes, destinadas a esmaltarem o louro cendrado e o ne-

gro d'azeviche dos cabellos finos e ondeados das bellas Parisienses.

Canhões monstros parecem querer saltar fóra das carretas, anciosos por misturarem com as melodias dos orgãos e o roncar das machinas, o estrondo horrisono da metralha! Examinando-os de perto, lê-se-lhes no sobrecenho ameaçador que detestam os inventos da civilisação pacifica entre os quaes se sentem deslocados.

Entremos o grande vestibulo, cuja cupula e ornatos são cheios de magestade.

Decoram-n'o á entrada uma estatua da Victoria, coroando as aguias do imperio, ao centro um movel d'ébano de preciosas incrustações, e no fundo erguem-se fronteiras as estatuas do poeta francez Jasmin e do marechal Serrurier.

Como que para suffocar os rugidos imminentes dos leões e pantheras de bronze, os grandes orgãos innundam a nave de harmonias poderosas.

A luz filtra-se por vidros coloridos, velando-se de doce suavidade; ao lònge, atravez do espaçoso vestibulo, os olhos repousam das perspectivas menos poeticas da industria, nas aguas murmurantes e arbustos cheios de frescura do Jardim Central.

Percorramos de fugida o recinto da exposição franceza, dever rigoroso de cortezia para com o paiz hospitaleiro, que nos abre os braços cordialmente, proporcionando-nos o goso de tantos prodigios accummullados.

A impressão que nos domina perante a exposição franceza é o convencimento da superioridade incontestavel da França nas artes de phantasia, e de luxo.

Moveis em que se reproduzem os lavores dos artistas incomparaveis da Renascença, espelhos de Saint-Gobain,— laminas colossaes, que vão desde o chão a uma altura respeitavel, — christaes de Saint Louis e de Baccarat, verdadeiras preciosidades pela elegancia da forma e pela opulencia das proporções; tapeçarias dos Gobelins, imitação maravilhosa pelo tear dos quadros dos primeiros pintores do mundo; porcelanas de Sêvres expostas na variedade multipla de serviços explendidos de mezas reaes, de vasos de côres brilhantes, ou suaves; de jarras sumptuosas; bronzes dourados d'abuminium, aonde se reproduzem as formas puras da arte; tapetes flacidos d'Aubusson, d'admiravel desenho e tecido deslumbrante, nos quaes se afôfam os pés com suave conforto; estofos de Lyon, velludos, rendas magnificas; joias riquissimas pelo valor intrinseco, finuras de esmaltes, e graça do desenho; eis o que a França ostenta prodigamente aos olhos embevecidos na rapida contemplação de tantos primores.

Quem se poderá esquecer dos magnificos specimens da arte typographica, representada em edições de luxo, em gravuras d'artistas celebres, em encadernações recamadas d'arabescos e embutidos,

adornadas de feixos de prata que fazem lembrar os admiraveis missaes da idade media?

Mas a França não se apresenta exclusivamente victoriosa na arena da phantasia e do luxo. Nos productos chimicos, nos trabalhos de forja e de fundição, nos pannos e algodões, nas applicações industriaes ás mil necessidades humanas, evidenciou-se ao mundo inteiro o cunho de progressivo adiantamento, que caracterisa aquella grande nação.

Ascende a um algarismo consideravel o numero de locomoveis, de apparelhos metallurgicos, de engenhos de fabricar papel, de impressão, de tinturaria, *tenders* e locomotivas expostas pela França na galeria das machinas.

Este conjuncto prodigioso de aperfeiçoamentos e de innovações mechanicas não demonstra aos mais incredulos, que a França, pela elasticidade admiravel do seu genio, é igualmente apta para as brilhantes creações do bello, e para as solidas conquistas do util?

Na região britannica, limitrophe da franceza no palacio do Campo de Marte, visinhança que a natureza e a irmandade de propositos civilisadores por todos os titulos justificam, a Inglaterra mostra-se o que realmente é: a batalhadora incansavel das luctas do trabalho.

Conscia do seu poder, desfralda nobremente ao vento dos combates pacificos a bandeira do progresso e da liberdade.

Cidadella inexpugnavel do livre pensamento, a

Inglaterra apresenta-se na exposição com a magestade do paiz classico da leitura facil, barata, e universal, nas salas, e armarios litteralmente atacados de jornaes diarios, de revistas hebdomadarias, de impressos diversissimos destinados aos operarios, aos artistas, aos sabios, aos financeiros, a todas as classes sociaes.

N'aquelle acervo gigantesco de publicações respira-se a emanação viril e saudavel da liberdade.

Todas as communhões, todas as crenças, contam apostolos e defensores em mais de duzentos jornaes religiosos alli exhibidos. Algarismo eloquente, que demonstra quão erradamente apreciam a Inglaterra os que a julgam indifferente aos problemas tremendos do espirito no meio da febre industrial, que a devora. Ha jornaes, *magasines* especiaes dedicados ás mulheres e crianças, involucros do homem; outros combatem a escravidão e a intemperança; e um até, sob o titulo de *Anti-Tabac*, fulmina o uso do suave narcotico, aspirado pelo mundo inteiro em cachimbos, charutos, e cigarros.

Explendor radiante da liberdade do pensamento a pairar soberana sobre tantos milhões de paginas, reflexo expressivo da actividade do espirito e da energia da vontade que as dictaram! Manifestação poderosa do genio britannico, rasgando vôos livres até os confins do globo nas azas portentosas da sua imprensa, que nenhumas algemas jámais ousarão agrilhoar!

Perante este espectaculo associado ao das transformações multiplices da materia e dos assombrosos engenhos e mechanismos, em que a Inglaterra prima na vanguarda das nações, reconhecemos n'ella a iniciadora da imprensa e da industria: uma, a maior alavanca moral, outra, a maior força material dos tempos modernos.

Sob o aspecto exclusivamente industrial, a Inglaterra não obstante adornarem-lhe a fronte as coroas de victorias repetidas, não adormece vaidosa á sombra dos louros colhidos. Lucta, persevera, redobra de ardor.

Nas industrias do aço deslumbra e cega com o luzir das agulhas e reverberos polidos da sua cutellaria de Sheffield.

Despedem relampagos as myriadas espelhantes de navalhas de barba, sob cujo contacto quotidiano a cara britannica floresce no mais delicioso escarlate.

Uma colonia de inglezas, de olhos azues e cabellos louros, altas e esguias como fusos vestidos de *crinolines*, não se cança de observar as riquezas da ourivesaria sua compatriota.

As joias da condessa Dudley, de fama universal, são uma maravilha, que incendeia os corações femininos mais refractarios ao fogo das pedras preciosas.

Diante d'ella é escusado dizer, que estavam formadas em parada d'admiração, senão d'inveja permanente, gentis esquadrões femininos.

Apezar de eminentemente pacifica, a Inglaterra mandou á exposição ranchos de canhões Armstrong, carabinas, sabres, bayonetas, revolvers, carretas, e palamentas d'artilheria com o desassombro de quem manda á feira bandos de perus.

Preferimos á Inglaterra — arsenal —, a Inglaterra — prelo e officina; achamol-a menos perfeita no tempero dos canhões de Woolwich, do que no tecido das meias d'Escossia.

XV

Exposição portugueza. Progresso da nossa industria desde a primeira exposição de 1849 até á exposição internacional do Porto. Razões para não desanimar do nosso futuro industrial. Recordam-se as primeiras tentativas da grande industria nas diversas nações. Recursos de Portugal como nação industrial e aptidão do genio portuguez.

Adora-se tanto a patria mesmo nos objectos insensiveis que nos recordam a imagem d'ella e avivam o doce travo da saudade, que fui em piedosa peregrinação percorrer a exposição portugueza. Avultavam alli, methodicamente classificados, e n'uma ordem agradavel á vista, productos naturaes,

vinhos, azeites e marmores preciosos, em que se desentranham os seios fecundos do solo.

As artes ceramicas do paiz, faianças e porcelanas da Vista Alegre, as louças d'Extremoz, que tão avidamente teem sido procuradas pelos consummidores estrangeiros, reluziam na viveza das côres e na transparencia da substancia; vistosos artefactos das fabricas de Lisboa, do Porto, da Covilhã e de Portalegre; primorosos exemplares da arte typographica; especimens de cereaes e generos agricolas, carruagens luxuosas; mobilias elegantes; chapeus nacionaes; amostras de vestuario e calçado, demonstram na perfeição relativa dos productos, que, se temos arriscado passos pouco ousados e firmes na estrada dos progressos fabris e ruraes e das artes de phantasia, não adormecemos todavia na immobilidade da rotina, não cançamos em distanciar-nos das hesitações do passado pela lida incessante na arena activa do trabalho.

Modesta como não podia deixar de ser a par de tantos povos adiantados — a Exposição portugueza, rasga á fé e esperança no futuro horisontes animadores, quando recuamos pela memoria até á primeira exposição da Sociedade Promotora da Industria Nacional celebrada em 1849!

Nas exposições posteriores da sala do risco ainda se observa durante doze annos o progredir moroso, senão o balbuciar timido da industria. Na exposição internacional do Porto, cidade aonde os

grandes commettimentos se radicam com a tenacidade e arrojo do genio emprehendedor e laborioso dos seus habitantes, vimos ostentar-se, em mais largo theatro e incomparavelmente mais pronunciado, o andamento do trabalho productivo, fructo da liberdade, da paz, e da expansão progressiva do nosso genio industrial.

É innegavel, escusado seria repetil-o, que as nações bem como os individuos, obedecem á lei da divisão do trabalho, a qual a umas distribue o genio artistico indicado pela geographia, a outras o grangeio agricola, áquellas os lavores da industria, aquel'outras a expansão colonisadora.

Todavia, entre as proprias nações que teem attingido o ideal da omnipotencia da industria, esta não surgiu —, fundida de um só jacto e inteiriça—, da escandecencia das forjas, como a Minerva mythologica rompendo armada da cabeça de Jupiter.

Ouve-se diariamente repetir n'uma formula inflexivel, que só podemos ser nação exclusivamente agricola. Os factos, os aperfeiçoamentos nas industrias portuguezas, por não serem assombrosos e decisivos, como seria para desejar, não deixam comtudo de protestar, na sua modesta mas crescente evidencia, contra o dogmatismo imperioso de tal ennunciado.

Muitas das nações propriamente agricolas, que hoje exercem o primado industrial na Europa, confinaram-se por largo tempo nos dominios exclusivos da lavoura.

Umas depois de haverem multiplicado uma certa abundancia de productos naturaes, e outras depois de se haver dado n'ellas, em proporções de vulto, a lei da elevação dos salarios, lançaram-se na corrente das artes fabris.

Não se deu este facto com a soberana da industria contemporanea: a Inglaterra? Não se repetiu posteriormente na Russia, na Suecia e na propria Polonia? O que são n'estes paizès as fabricas senão a continuação da agricultura?

Se é rematada insensatez batalhar a todo o transe contra o clima, a geographia, e a geologia, pretendendo aclimar industrias falsas e artificiaes, que a natureza se recusa a bafejar com o seu halito benefico, tambem é vergonhosa pusilanimidade crusar os braços diante de quaesquer estorvos, e não ensaiar as forças na carreira, só porque não nos adestraram de seculos nos gymnasios do trabalho.

Os germens moraes utilmente fecundados produzem maravilhas. A nacionalidade e o amor da independencia, sentimentos que elevam a alma e a depuram das miserias e das preoccupações ordinarias da vida, não implantaram entre nós a industria no meiado do seculo XVIII?

Á emigração franceza por occasião da revogação do edito de Nantes não se deve o progresso rapido das manufacturas da confederação germanica, cujas fronteiras acolheram os refugiados de França, e os perseguidos da intolerancia religiosa?

Os proprios Estados Unidos,—nação juvenil aonde uma natureza luxuriante e impetuosa é avassalada com mão poderosa pela iniciativa robusta do homem, e pelas forças colossaes da mechanica moderna que alli se dilata até ás solidões longinquas, e ás brenhas habitadas pelas feras e pelos indigenas selvagens — como nasceram para a industria?

Por ventura não noviciaram, haverá pouco mais de sessenta annos, nos rudimentos industriaes e não luctam hoje, se é que não triumpham, com as nações já veteranas ao tempo, em que elles arriscavam os primeiros passos?

Perde-se acaso na noite das idades, pelo contrario, não data de poucos annos a superioridade da Allemanha, cujo aprendizado raiou afinal n'uma das mais luzidas soberanias, de que se vangloria a Europa fabril e artistica?

Não desanimemos, pois, ante o estadio illimitado, que póde dizer-se, que se abre aos esforços do trabalho, á rotação incessante do progresso, lei suprema da humanidade.

Ponhamos fé viva nos nossos recursos e nas admiraveis aptidões do nosso genio.

Se a Providencia cerrou de vez para nós o cyclo quasi legendario hoje da Illiada guerreira, quem affirmará que não ha de abrir-nos ámanhã a alvorada esplendida das glorias da officina e da charrua, dos prodigios da manufactura, dos primores

das artes uteis e agradaveis na sua irradiação deslumbrante?

Paiz ricamente prendado d'aptidão intellectual e de riquezas naturaes, Portugal, para aspirar a um futuro prospero e aos fóros de nação adiantada, ha de invocar o concurso de todas as energias.

As grandes cousas, as transformações audaciosas não se operam simplesmente pela força fria e calculada dos interesses.

São necessarios o calor do enthusiasmo, o arrebatamento da vertigem, digamol-o assim. São elles que impellem um povo inteiro pela senda do seu rejuvenescimento para se aventurar ás emprezas supremas, que meditadas com acerto e resolutamente proseguidas, lhe podem mudar a face e o destino.

Iamos porém descahindo em considerações demasiado graves para um livrinho futil de viagem, como este nosso. Desculpe-nos a leitora amavel o attentado involuntario, inspirado pelo genio mau da economia e da politica.

XVI

Os Estados-Unidos na exposição. Caracter utilitario da sua industria. O calçado americano comparado aos seus monitores blindados. As americanas no campo de Marte. A Prussia, a Russia e a Austria na exposição. Hollanda e Suissa. A pacifica Belgica fabricante de instrumentos de guerra. Galeria historica do trabalho. Grandiosa agglomeração de preciosidades expostas sem methodo nem systema. Collecção numismatica d'el-rei D. Luiz. Retrocesso ás galerias visitadas. Alarido de uma matilha de pianos-fortes. Os brinquedos infantis e os canhões Krupp e Armstrong. Predilecção do publico pelas machinas industriaes. Costumes pittorescos dos differentes povos que se reuniram no campo de Marte. Resultados da exposição universal para a humanidade.

Continuando a percorrer a toda a pressa a exposição, ainda apontaremos o paiz por excellencia, da iniciativa e da audacia — os Estados-Unidos.

Povo recente, preoccupado principalmente da vontade de conquistar uma natureza virgem e todos os recursos e confortos da vida phisica, os Estados Unidos apresentam-se quasi exclusivamente cerca-

dos de innovações no material dos caminhos de ferro, de wagons cheios de commodidades, de cosinhas economicas cujo combustivel custa tanto como o de uma lamparina, de casacos de borracha, de *water-proofs* e *mackintoshs*, affirmando mais uma vez na torrente dos artefactos impermeaveis e n'um diluvio de *gutta percha* a sua consanguinidade britannica.

Fartam-se os olhos de contemplar n'aquella zona montanhas d'algodão e rios de petroleo.

O *bello* não é por ora a feição predominante d'aquelle povo, que se consagra com todo o ardor ao culto supersticioso do util.

Um dos productos americanos, que á força de solidez conseguiu incutir-me terror, foi o calçado.

As botas e sapatos exhibidos nas vidraças são tão largos e revestidos de tão espessos contrafortes, que parecem *monitores* blindados.

O inconveniente d'aquelles colossos de sola e vira não está em se romperem, o que é impossivel, mas em descalçarem as ruas por onde andarem.

Não se desalentem porém os apreciadores exclusivos da formosura.

Productos incomparavelmente mais bellos que os wagons, as cosinhas economicas, os paletots de *gutta percha*, os embolos e *pistons* das machinas d'aço polido, são as jovens filhas da America, de saias extremamente curtas ; deixando vêr o cano recortado das botinhas á *Benoiton ;* chapelinho de homem posto com uma pala inclinada de bonnet sobre a testa ; e uma

nuvem fluctuante de *suívez-moi* a ondear ao vento sobre florestas de cabellos louros.

Como ellas analysam desembaraçadas e arrogantes os apparelhos, os processos novos da industria, as innovações das machinas! São-lhes tão familiares estes assumptos, como se estivessem n'um baile discutindo e commentando as minuciosidades das *toilettes*.

Os papás encaram as exposições dos outros povos com desdem, vaidosos das amostras de petroleo superior da California com que abrilhantam o concurso industrial, e respiram no olhar e no gesto a audacia caracteristica dos *parvenus*.

Immensamente ricos, quando chegam a gosar na America das honras do adjectivo, parecem querer affogar Pariz e a Europa nos seus milhões de dollars.

Mas é-nos impossivel visitar miudamente as galerias das grandes nações que se succedem umas ás outras na exposição. Quem as poderia percorrer mesmo a vôo de passaro no pouco espaço de que dispomos, por mais sobrios que fossemos no inventario de tantas maravilhas?

Deixemos, por isso, a Prussia, errissada de canhões monstruosos, mas em compensação, opulenta de bronzes e de vasos, de primores typographicos e musicaes, de mappas e plantas, de pianos e bonecos de toda a especie; a Russia envolta nos seus velludos do Caucaso, cercada de bellas miniaturas de cobre e

de candelabros de porphydo de um preço prodigioso ; a Austria que reluz nos prismas dos seus copos de Bohemia, nos reflexos metallicos dos instrumentos militares, nos explendores das suas edições celebres, e constellada de cachimbos colossaes deliciosamente cinzelados.

Se nos regularmos pela quantidade fabulosa de cachimbos expostos pela Austria, a Turquia foi apeada da cathegoria de paiz do fumo ! Nenhuma nação apresentou tantos apparelhos de queimar tabaco como a Austria! Se tivesse conseguido formar em batalha numero igual de soldados na ultima guerra com a Prussia, talvez podesse escapar ao desastre de Sadowa.

Deixemos a Hollanda com as suas florestas impenetraveis de charutos de todas as marcas, formas e procedencias e com os seus famosos velludos de Utrecht.

Afastemo-nos da Suissa que nos sorri por entre as suas cassas transparentes e nos alegra com as côres vivas e brilhantes dos tecidos, de que se vestem as aldeãs do seu paiz pittoresco e original.

Contentemo-nos com olhar de longe para a Belgica, que parece renegar os habitos pacificos, a avalial-a pelo afan com que se entrega ao fabrico de milhares d'espingardas das fabricas de Liége.

Não se entristeçam porém os amigos da paz.

Se a Belgica se afervora em fabricar uma enorme quantidade de instrumentos homicidas, não é

para consummo proprio, mas para os vender ás nações que lh'os encommendam.

Exporta a morte além das fronteiras sob a apparencia de canos e fecharias d'espingarda, mas dentro de casa não dispara um tiro.

As armas belgas são como os alumnos estrangeiros de certas faculdades de medicina — só teem licença de funccionar fóra do paiz.

Na galeria da historia do trabalho mergulha a curiosidade do visitante como n'um oceano profundo!

Todas as epochas — antiguidade, idade media, renascença, os seculos XVII e XVIII, a actualidade — estavam representados n'aquelle concilio universal dos monumentos do trabalho humano.

Quem poderá avivar pela reminiscencia — ainda a mais opulentamente dotada — uma parte insignificante sequer dos padrões historicos, producções artisticas, medalhas, armas, esmaltes, vasos, joias, quadros e marmores alli agglomerados?

Seria prudente haver feito um curso antecipado de mnemonica, para reter na lembrança, methodicamente classificadas, a centesima parte de tantas e tão peregrinas preciosidades.

Mas ainda assim, como seria possivel organisar na memoria o que estava completamente desorganisado, embora opulento e deslumbrante aos olhos, nas salas da immensa galeria, em que se misturavam

as epochas e os monumentos, e se atropellavam a chronologia e o methodo?

Não importa: para nós, que não fômos incumbidos de nenhuma missão d'archeologia artistica, valem pouco os inconvenientes da ausencia de systema.

Contentemo-nos de lançar os olhos para as montanhas de maravilhas, que nos cercam de todos os lados, e engolphemo-nos na beatitude da admiração.

Aqui, os monumentos da idade de pedra de Inglaterra, da Dinamarca e da França; alli, os vasos, as amphoras e as bilhas gaulezas e galo-romanas.

Acolá, a idade media com o seu cortejo piedoso e deslumbrante de missaes de explendidas illuminuras; de vestes religiosas, de mitras, de relicarios, de calices, de retabulos e custodias esmaltadas de pedrarias; de mosaicos preciosos, de marfins rendilhados, de thuribulos bordados a filigrana de ouro. Além, as estampas, os quadros, os moveis phantasiosos, as argilas e os alabastros admiraveis da renascença.

Fica-se cançado, vendo as espadas de Damasco, os vidros de Veneza, e os esmaltes dos primeiros artistas do mundo.

A Montespan e Maintenon ressuscitam n'aquelle valle de Josaphat do trabalho, evocadas pelas caixinhas de pós e moscas de seda, leques, donaires e mais accessorios de elegancia associados á memoria das amantes de Luiz XIV.

Alhambras em miniatura, e a espada do Cid Cam-

peador recordam-nos a um tempo o dominio sarraceno na Hespanha e os brios heroicos do heroe castelhano.

Nas laminas d'aço e ferro incrustadas de ouro, e nas sedas magnificas, desespero da imitação europea, refletem-se os prodigios da arte arabe.

A China e o Japão triumpham na perfeição inimitavel de suas louças, cujos segredos de transparencia e colorido se perdem nas trevas dos seculos remotos.

A India com suas joias; a Persia com suas armas e tecidos; a Inglaterra com peças monstruosas de ourivesaria, e mesas de prata lavrada, cujo peso não é excessivamente leve para os hombros de um Atlante; a numismatica de todos os povos, entre a qual occupa logar distinctissimo a collecção d'el-rei o snr. D. Luiz I; a mobilia de todas as idades, as armas da humanidade inteira, desde o sabre polido dos primeiros tartaros até á frecha tosca dos selvagens da Oceania, desde o chuço primitivo até a espingarda d'agulha, desdobram diante dos olhos extasiados a cadeia continuada do trabalho das gerações, cada elo da qual se conta por myriadas de seculos. É preciso descançar os olhos e o espirito. Sobe-nos á cabeça em ondas impetuosas o mundo antigo e o moderno. Esmaga-nos o peso de tantas epochas e civilisações sobrepostas n'uma pyramide assombrosa, junto da qual as do Egypto ficam redu-

zidas á proporção de monticulos de pedras, levantadas pelas mãos pequeninas d'uma creança.

E como não ha de ser assim, se acabamos de contemplar uma parte consideravel do trabalho humano colligido pacientemente entre o espolio de todas as epochas, accumullado e transmittido pelas gerações desde os primeiros tempos até hoje, atravez da longa serie das idades!

Quando atravessamos de novo as galerias anteriormente percorridas, observámos, que os pianos estavam n'uma constante excitação nervosa. A cada momento se ouviam vibrações, pancadas nas teclas, escalas corridas com o impeto do furacão, não tardando em seguida a gemerem harmonias plangentes, a despedirem girandolas de semifusas, ou a desentranharem-se em tons chromaticos sob o pulso d'artistas distinctos.

Quando vejo vinte pianos reunidos em *meeting* a soltarem as vozes, tenho mais medo d'elles, do que de vinte machinas infernaes.

Se descubro os dentes brancos das teclas de uma matilha de pianos-fortes a luzirem arreganhados como mollares de cães de fila, instinctivamente olho em volta de mim como quem procura com que os açaime. Se ladram a *Traviata*, ou o *Trovador*, então accommette-me um susto indifinivel, julgo-os attacados d'hydrophobia, e tenho vontade de lhes atirar á balla.

A humanidade tende a polarisar-se nas latitudes da extrema innocencia, ou dos grandes crimes; e por isso vemos na exposição referverem as vagas de curiosos indifferentes a tantas cousas uteis, ora em redor das *vitrines* e balcões consagrados aos brinquedos e quinquilherias infantis, ora deante dos mastodontes da guerra moderna, — os canhões Krupp.

Apesar de tão differentes no aspecto e nas dimensões, como se aproximam na essencia os brinquedos da infancia dos da ambição! Que é a guerra senão a distracção sanguinolenta dos grandes conquistadores?

O que ficam sendo as victimas cortadas pelo ferro, ou mutiladas pela metralha, senão os bonecos quebrados d'essas crianças sublimes, que se chamam Cesar ou Napoleão?

Apesar dos esforços dos apostolos da propaganda humanitaria, por quantos seculos não continuará a humanidade a ser dessangrada nos matadouros das batalhas não menos cruentos do que os circos romanos dos imperadores aonde os christãos eram atirados ás feras?

Como entrever sequer as perspectivas ridentes da civilisação pacifica por entre as selvas sanguinarias dos sabres-bayonetas, canhões Krupp e Armstrong, metralhadoras, revolvers e monitores, couraças de bronze, espingardas d'agulha e Chassepots, que entulharam o palacio da Exposição!

Um symptoma eloquente do caracter industrial

do nosso tempo denunciava-se no desdem com que geralmente a turma dos visitantes contemplava nas salas das bellas artes os primores da pintura e da esculptura para se apinhar permanentemente deante das machinas e engenhos de producção, que roncavam e bramiam possuidos na sua tarefa febricitante d'uma actividade vertiginosa e como que animados de uma vida sinistra.

Este caracter industrial não se revela só na tendencia do publico, reside effectivamente na phisionomia da Exposição, onde as graças da phantasia artistica, póde dizer-se, que esvoaçam n'uma penumbra acanhada e pallida, emquanto os vultos das machinas e locomoveis radiam n'um plano vasto e luminoso.

A numerosa população do Oriente acampada em Pariz esmaltava de vestuarios brilhantes a monotonia do chapeu alto e do frac de portinholas.

A cada instante roçavamos pelos paizes do sol nos caftans e turbantes dos turcos, nas jaquetas recamadas de bordaduras douradas dos palikares, nos albernozes dos arabes de Tunes, e nas çamarras dos judeus de Marrocos, que nem mesmo no parque da Exposição se divorciaram das contas de vidro e das tamaras!

Ao lado das botinhas fabricadas na Chaussée d'Antin moldurando os pés *cambrés* das parisienses, appareciam-nos os sapatos revirados dos japonezes, á maneira de gondolas de Veneza.

Os Parses opulentos da India ingleza passeam

involtos nas tunicas de seda ao lado dos mujicks russos, por detraz dos quaes a imaginação está a descobrir a sombra do Knout, os veados dos trenós, e os gelos da Siberia.

Perpassava diante de nós, activa, buliçosa, estrellada de fulgores, e despedindo chammas, a guarda roupa das regiões da aurora, que reproduz no brilho de suas douraduras e arabescos as torrentes de luz do sol do Oriente.

Na multipla variedade de trajes e côres, de que se esmaltavam tantos povos, parecia que nos haviam transportado aos pittorescos bazares de Brussa e de Smyrna, ou aos mercados d'Inspruck e de Pekim.

Á grandeza dos esforços e despezas consummidos n'esta festa sem rival, assombro dos reis e dos povos, corresponderá igual opulencia nos resultados praticos? A Exposição significaria apenas os explendores estereis de uma parada espectaculosa das legiões trabalhadoras do mundo inteiro, ou apressará, como fermento energico, a solução dos mais importantes problemas economicos e industriaes do nosso tempo?

Interrogação grave, a que darão resposta as lucubrações dos economistas, os inqueritos da estatistica, a auctoridade decisiva dos factos e da experiencia.

Abstrahindo do exame de questões que seria imprudente desflorar por uma apreciação precipitada,

a verdade é, que, vendo-nos enleados nas malhas da rede universal dos povos, e confundidos no Campo de Marte com os representantes de todas as raças, sentimos vibrar no coração um ecco poderoso e sympathico de confraternidade.

Na arena da arte e da industria, não se aproximam pelos intuitos e pelas aspirações communs, povos reciprocamente desconhecidos e affastados e não se apertam com mais força entre elles os laços frouxos e vacillantes?

Ante as perspectivas serenas da sciencia e da arte universal, não se desenvolvem os sentimentos bons, os ensinos uteis, as attracções mutuas, os germens pacificos? Não se apagam gradualmente, sob o influxo da aproximação e da estima, as fronteiras moraes das rivalidades e dos odios, bem mais inaccessiveis, do que as levantadas pela natureza como raias divisorias entre as agglomerações diversas da grande familia humana?

Se a lei suprema da natureza e do progresso é a unidade na variedade, não contribuiria esta romagem solemne dos povos ao templo do trabalho universal, para lhes recordar eloquentemente, que, se diversificam nas crenças, na historia, nas civilisações, e no genio, são todavia solidarios na communidade da sua origem e do seu destino?

Quem respirou a athmosphera do Campo de Marte, transformado em Exposição Universal, mergulhou no ambiente da humanidade desaffogado e livre como

ella, e sentiu-se inclinado a abraçal-a n'um ardente amplexo d'amor. N'aquella variedade immensa de nações, nenhuma, por mais civilisada e poderosa, significava aos olhos do observador, mais do que um pequeno regato confluindo para a grande corrente da solidariedade humana, que arrasta todos os povos.

Na presença de espectaculo tão magestoso apuram-se as faculdades do sentimento e da intelligencia; elevamo-nos aos nossos proprios olhos acima do nivel das preoccupações vulgares; e identificamonos pela elevação das ideas e expansão dos affectos, com este nobre vulto da humanidade, em que se estampa o cunho de Deus.

LONDRES

Adeus a Pariz. Preparativos de viagem. Amiens. Boulogne sur mer. Visita á praia dos banhos. Embarque e chegada a Folkstone. Celeridade vertiginosa dos caminhos de ferro inglezes. Aproximação da cidade colosso. Estação de Charing-Cross. O cab. Phisionomia de Londres. Regent's Street. O West-end e a City. Comfort inglez. Trafalgar square. Estatuas de Lord Wellington. Policemen. Hyde Park. O Tunnel. Caminho de ferro subterraneo. O cottage. Palacio de Sydnham. Theatros, Clubs. O domingo em Londres. O Campo. Outra vez em Pariz. Bordeus. Biarritz. Os Pyreneus. Votos do autor ao terminar o livro.

Momento solemne! É preciso cerrar os ouvidos ao bulicio jovial, fechar os olhos ao sorriso de festa e alegria, que os boulevards, cafés, e theatros despedem até nós em collares resplandecentes de luz, n'uma palavra, é preciso deixar Pariz.

E cream que se não deixa aquella tentadora sem saudade profunda.

Ver Pariz é adoral-a. Na phrase d'Eugenio Pelletan, quem não passou uma noite em Pariz, nunca viveu.

É impossivel dizer-lhe adeus, sem nos ficar gravada para sempre no coração e na memoria a ima-

gem querida, que nenhuma outra cidade, por mais bella que seja, póde apagar.

Mas o que é o viajante, senão um beduino vagabundo, cuja tenda se crava hoje em Madrid, ámanhã em Pariz, no dia seguinte em Londres, e no outro sabe Deus aonde?

Tomemos no boulevard dos Italianos um bilhete para o expresso, que hade transportar-nos a Londres por Folkstone.

Accommette-nos a vertigem da Inglaterra. Já tarda o momento de nos escondermos no veu negro do fumo das chaminés de Londres, e embrulharmo-nos como um phantasma na mortalha alvacenta e humida dos nevoeiros do Tamisa.

Vamos n'um pulo á *Chaussée d'Antin* emmalar a bagagem e despedir-nos do bom *Hyacinthe*, um criado unico, fabricado de dormideiras, que nunca me fallou senão a dormir em pé, mas que com os olhos fechados manobra ás minhas ordens com a gravidade authomatica d'um soldado prussiano.

Jantemos á préssa no *Diner de Paris*, accommodemo-nos a nós e á malla n'um *coupé*, e entreguemo-nos ao cocheiro, que nos leva pela rua Laffitte, uma rua interminavel, até á *gare* do Norte, cujas portas entramos impacientes de curiosidade.

Felizmente para o leitor, poupo-o, d'esta vez, á descripção da paizagem. Viajamos de noite. Cercanos um veu espesso de trevas e de inglezes ainda mais carregados de sombras. Discutem com ardor

os productos da Exposição; fallam de machinas, d'algodão, e do projecto das applicações do petroleo, como combustivel, aos caminhos de ferro, substituindo o vapor.

A conversa esmorece, a final dormem, e eu não tardo a imital-os.

Acordamos em Amiens, aos gritos dos guardas abrindo as carruagens, e cahimos todos como abutres esfaimados sobre a mesa abundantemente guarnecida do *restaurante* da estação.

Poucos dias antes, n'aquelles logares, havia o Imperador pronunciado o celebre discurso dos *pontos negros*. Eu não via senão pontos luminosos nos candeeiros de globo, que illuminavam a mesa a que abancamos com a voracidade dos heroes de Lesage.

Chegámos ás dez horas da noite a *Boulogne sur mer*. Lancemo-nos morbidamente nos braços de Morpheu. Ámanhã percorreremos a povoação, se tivermos tempo.

Era uma cama virginal aquella em que passei a noite em Boulogne. O Hotel francez, em que pernoutei, reluzia com toda a frescura de uma recente inauguração de tres dias.

Acordo deliciosamente e almoço. O vapor larga ao meio dia, e tenho diante de mim a perspectiva de quatro horas, que é preciso entreter. Vamos até á praia dos banhos tão frequentada da sociedade elegante, em que passeam ranchos de senhoras e de *young ladies*, finas como agulhas de Leeds, com as suas

tranças de ouro desatadas ao vento, e um pequeno chapeu *marin* quasi sobre os olhos.

São apenas dez horas da manhã, e já se vêem livros e albuns nas mãos primorosamente enluvadas das filhas d'Albion.

Na praia, pouco distante do mar, ha um Casino de bella e vasta apparencia. É o centro habitual da boa sociedade e dos banhistas.

As senhoras não vivem no isolamento arabe a que parecem condemnadas na maior parte das nossas praias, similhantes na tristeza e no silencio a prisões penitenciarias. Reunem-se no Casino, lêem, conversam, passeam pelos terrassos e pelo jardim contiguo, ou deixam-se ficar esquecidas na contemplação do mar. O quadro maritimo é a miudo animado pela frequencia de vapores carregados de passageiros entre Boulogne e Folkstone.

Ha uma colonia permanente de familias inglezas em Boulogne. Concorre para isto a animação do sitio em que ha uns theatros de declamação e quasi sempre, n'uma parte do anno, companhia lyrica.

As barracas de tomar banhos, puxadas a cavallos normandos, entram pelo mar dentro a uma certa altura; o cavallo fica com a cabeça para a terra, e a porta da barraca abre-se do lado do Oceano, em cujo seio mergulham aquellas mulheres tecidas de neve e de rosas.

Do outro lado do canal, a alegria como é sabido, participa das qualidades de planta exotica, e por isso

os inglezes de bom gosto e com meios sufficientes, em vez de habitarem Folkstone ou as villas proximas, emigram para Boulogne, fugindo ao espectro do *spleen*.

As lojas são elegantes e abundam em casas de modas e cabelleireiros. O cabelleireiro francez, corre pela França inteira, e em toda a parte ostenta o explendor das suas pomadas e penteados.

A *fashion* britannica e a elegancia franceza é de rigor mostrarem-se no caes, ou nos talha-mares, em alas compactas, á hora da chegada ou da partida dos vapores.

É tempo d'embarcarmos. Agitam-se mil lenços brancos do caes para a tolda do vapor, atravez de um furacão de *shake hands* e de olhares sentimentaes. Cruzam o tombadilho vestidos á *Benoiton* e *polonaises* de todas as côres. Os canudos em saccarolhas e as cuias de cabello louro douram-se de palhetas reluzentes; o vento brinca com os veus verdes das senhoras.

Por toda a parte se erguem pyramides de saccos-mallas, e de estojos de viagem. Apenas o vapor fende as primeiras vagas, as senhoras apressam-se a resguardar-se da brisa excessivamente fresca com suas capas ligeiras e impermeaveis.

Os inglezes, esses, ou fumam callados, ou para se desenfadarem da curta viagem de hora e meia, descem á camara para esgotar alguns copos de *pale ale* ou de *rhum*.

Apezar de familiarisadas com as scenas e impressões maritimas cantadas por Byron, as senhoras, pela maior parte, pagam ao mar o tributo do enjoo.

Com o olhar embaciado, a bocca contrahida, pallidas de uma pallidez sepulchral, os cabellos ondados como os pintava Ticiano, pareciam-me as muzas do enjoo.

Quando se chega a Folkstone, cae-se, póde dizer-se, do convez do vapor nas almofadas dos wagons.

Ninguem aprecia o valor do tempo, como os inglezes, o que explica a celeridade frenetica dos seus caminhos de ferro.

Nada mais vertiginoso do que um trem expresso em Inglaterra. Fogem á vista os campos, os montes e as paizagens.

É tão rapida a marcha do comboyo, que não podemos sequer distinguir as tres, ou quatro cores da manta de setim do inglez sentado defronte de nós. Percebemos apenas que cinge o pescoço com um prisma deslumbrante.

Desdobram-se d'ambos os lados do caminho vastas pastagens de trevo e luzerna. A espaços uma villa, ou aldea escondida nas arvores. O paiz denota cultura adiantada e abundancia. Em compensação o céo é pobre de claridade de sol.

Estamos no outomno. O avermelhado da folhagem do arvoredo accidenta de vaga melancolia a prespectiva campestre.

Aqui e alem rebanhos d'ovelhas e carneiros animam de vida animal o silencio das campinas.

De vez em quando, manadas de vaccas, umas ajoelhadas na herva, outras a espreitarem-nos por entre as arvores, dão ao quadro a apparencia do idylio. Entretanto a locomotiva não affrouxa o impeto dos seus vôos de fogo. O relogio avisa-nos da proximidade de Londres pelos *cottages*, jardins, e depositos de material dos caminhos de ferro.

Mais alguns minutos, e desata-se diante de nós, até onde a vista alcança, a vegetação confusa de casas, chaminés, torres e campanarios da cidade-Colosso, como que affogada n'um oceano de nevoa esbranquiçada e humida, da qual apenas emergem os telhados e curucheus.

Londres não se descreve nas poucas paginas que nos faltam para a conclusão d'este livro.

Renunciamos pois a quaesquer minuciosidades de côr local, que exigiriam amplo desenvolvimento, para esboçarmos de corrida as impressões, que nos deixou no espirito o aspecto da grande cidade, aonde se estampa a grandeza original do genio britannico.

Percebe-se, que nos aproximamos do principal e mais vasto fóco da actividade e movimento da Europa na espantosa frequencia de comboyos, que de toda a parte da Inglaterra convergem para Londres, cercando-a de uma rede inextricavel de vias ferreas.

Navega-se alli como no mar alto. Ha torres de signaes, e pharoes com lanternas de todas as côres le-

vantados nos entroncamentos e estações, indicando a uns trens que parem, a outros que accelerem a marcha. Os comboios perpassam uns pelos outros com o impeto do furacão.

Na estação de Charing-Cross, tão vasta como as maiores cathedraes, os comboyos entram e sahem com intervallo de cinco minutos.

Na presença d'aquelle movimento que impressiona a quem acaba de deixar Pariz, aprende-se praticamente a saber que o tempo é para os inglezes um capital inapreciavel. Como soará bem aos ouvidos britannicos a nossa expressão predilecta «vamos fazer horas», cuja traducção verdadeira é vamos perder tempo!

Quando me metti dentro de um *cab* governado a soltas, como é geralmente sabido, por um cocheiro que se senta por detraz da caixa do vehiculo, convenci-me de que a Grã-Bretanha é essencialmente maritima mesmo em terra.

Não se acha no *cab* intima analogia com um escaler governado á pôpa pelo marinheiro com uma mão no leme e a outra na escôta da véla?

Quando queremos dar alguma ordem, batemos com força no tecto do *cab*, abre-se um postigo, e apparece-nos a cara larga do cocheiro, que ouvida apenas a nossa indicação, nos atira de cima com um *Yes*, fechando-nos o postigo sobre a cabeça e proseguindo na carreira.

Ao passo que nos embrenhamos na cidade, o

unico sentimento que nos domina é o assombro. Não temos senão esta palavra para exprimir a impressão, que experimentamos na presença das grandes ruas, dos edificios colossaes, das columnatas gigantescas que se impõem magestosamente severas aos olhos attonitos do viajante.

Vendo Londres, conhecemos as proporções assombrosas do gigante britannico, que se firma orgulhosamente n'um throno de rochedos açoitados do oceano, e que abarca com os braços titanicos da industria os mais longinquos confins do globo.

Observando com attenção a phisionomia geral dos habitantes e o movimento da grande corrente, não se lhe percebe certa ondulação indecisa e caprichosa, cujas vagas fluem e refluem ao sabor da curiosidade, ou do *flanar* indolente como em Pariz, ou Madrid.

O inglez determina antecipadamente aonde pertende ir, e nenhuma distracção o desvia da linha traçada.

O encanto particular de Londres reside para mim no aspecto livre, na soberania municipal, digamol-o assim, da capital da Inglaterra.

Vinte Haussmanns não teriam força de transformar por mero arbitrio a phisionomia secular de Londres. Não o consentiriam os energicos habitantes, cheios de independencia viril, e cercados de fortes immunidades.

A cada passo monumentos soberbos, vastos hos-

pitaes e escólas mostram nos disticos das frontarias a força vigorosa da iniciativa particular, que os edifica e sustenta, admiravel espectaculo, affirmação eloquente da robustez e energia fecunda, que pullulam em seiva impetuosa nas veias da raça Anglo-Saxonia!

Regent's-Street é uma rua muito larga e extensa, que podia conter dentro de si umas poucas de ruas da Paz, de Paris, bordada de incalculaveis milhões esterlinos em edificios sumptuosos e lojas opulentas.

A certas horas do dia só se vêem equipagens brilhantes de senhoras e *dandys* explendidamente vestidos. Á noite a concorrencia é grande, e os passeios, são invadidos por ondas de mulheres, que não são de certo sacerdotisas da castidade. O *can* britannico é provavel, que se afflija intimamente, mas não se revolta comtudo contra um espectaculo a que está de ha muito habituado.

O coração da cidade é o Burgo, *the Borough*, cujos limites vão desde London-Bridge até a torre de Londres.

Habitam aquella região os ciganos da mercancia.

As duas grandes zonas de Londres sob o aspecto social são o West-End e a *cidade* (City).

Os bairros elegantes do West-End são a residencia impreterivel de quanto ha distincto pelo nascimento, pela posição politica, pelo talento, e pela riqueza.

É preciso viver n'quelles bairros bafejados pela

moda, sob pena de baixar dos explendores da elegancia aos limbos obscuros da infima burguezia, e renunciar a ser procurado pelas pessoas do *high life.*

Pelos elementos que o compõem o *West-End* é o agrupamento material dos bairros de Saint-Germain, Saint Honoré, e Chaussée d'Antin, n'um mosaico brilhante de familias aristocraticas, de distincções intellectuaes, de proprietarios, e de capitalistas abastados.

Mas apesar de reunidas n'uma zona commum, que distancias, e divisorias não separam entre si as diversas camadas sociaes, de que se compõe o West-End! A Inglaterra liberal, que todos admiramos, não é a patria por antonomasia do *cant*, das distincções, das jerarchias?

A classe aristrocatica affasta-se das outras, como muitas cosinhas e adegas das casas inglezas estão separadas da rua por um fosso profundo.

Além de S. Paulo, cathedral magnificamente revestida de columnas e estatuas de santos, coroada d'uma cupula colossal no estylo de S. Pedro em Roma —enreda-se a gente n'um dedalo de ruas estreitas, orladas de casas de tijolo, aonde parece não haver folego vivo, tão impenetravelmente fechadas estão. Em cada porta d'entrada vê-se um ferrolho e uma chapa de metal, aonde está escripto o nome do dono da casa. Alli se encontram innumeraveis escriptorios de banqueiros, cuja riqueza rivalisa com a dos mais opulentos rajahs da India.

Depois das cinco horas da tarde, reina n'aquelle bairro até alli tão animado de vida, o silencio triste de Sião, ou de Palmyra. Os potentados da letra de cambio, que podiam afogar meio Londres n'um mar de notas de banco e de milhões esterlinos, emigram áquella hora para as luxuosas habitações de *Grosvenor Street*, ou *Portland place*, ou vão repousar do tumulto da cidade nos *cottages*, de que se esmaltam os suburbios de Londres.

As casas inglezas teem o mesmo typo, assim como os inglezes possuem uma só individualidade. No interior d'ellas, como em nenhumas outras habitações do mundo, desenha-se o culto das commodidades intimas, o *home*, *o comfort*, religião domestica do inglez não menos ardente, que a da Biblia nos dominios immateriaes do espirito.

Ao passarmos pelas ruas silenciosas, parece-nos que das casas hermeticamente fechadas se derrama até nós o suave calor do fogão, sentimos o mecher dos ferros brunidos do *fender*, ouvimos o rodar das poltronas, o desdobrar do *Times*, ou do *Morning Chronicle* ao pé do lume, e invadem-nos o olfato uns affastados aromas de chá preto.

Um povo com habitos tão inalteraveis e intimos de conchego é necessariamente inimigo dos motins da rua e dos disturbios revolucionarios ao ar livre.

A industria das barricadas ha-de custar muito a aclimar no solo britannico. Oppõe-se-lhe o conforto do fogão, o chiar da agua quente na chaleira

e a longa operação do chá, que o inglez, nos intervallos do Porto e Madeira, toma com a regalada suavidade de um china a beber opio.

Uma das feições das ruas de Londres é passarem, a certas horas, d'uma agitação estrepitosa ao silencio dos cemiterios.

Trespassa-nos de tristeza o aspecto da cidade transformada em immensa necropole. Experimentamos irresistivelmente a nostalgia das noites de Cadix e Sevilha e dos boulevards tão cheias de luz e de alegria, e convertemo-nos n'uma massa ambulante de *spleen*.

Trafalgar square é a praça architectonica por excellencia de Londres. Povoa-a uma floresta de heroes de bronze, sympathicos ao patriotismo britannico, mas que não me pareceram estar á larga em recinto demasiadamente apertado para tão grandes vultos.

Que differença na elegancia dos ornatos das fontes e na phantasia dos arabescos — aliás magnificos, como riqueza, — da perspectiva a um tempo magestosa e risonha da Praça da Concordia?

Por toda a parte pullulam os bustos e estatuas de Wellington, cujo palacio se avista, junto da gradaria de Hyde-Park.

A gloria do heroe não merecia os desacatos de marmore e bronze com que nos ardores do patriotismo britannico foi alvarmente injuriada pelo cin-

zel de alguns artistas, antipodas de Canova e Miguel Angelo.

Uma vegetação não menos luxuriante de principes Albertos ameaça rebentar pelos largos e parques de Londres. Oxalá que d'esta vez fiquem simultaneamente honradas a memoria do principe e a plastica nacional.

Nos dias que estive em Londres foi maior ainda o eclipse de fardas e uniformes, do que o do proprio sol, que raramente se descobre, não sei se por envergonhado d'allumiar alguns dos detestaveis monumentos do duque de Wellington.

Vi por amostra militar os *horségards*, e uma ou outra farda a esmaltar de vermelho o fundo negro dos paletots e mackintoshs de panno de Manchester e Liverpool.

O serviço policial da cidade é feito admiravelmente pelos *policemen*, que o governo britannico, tão anti-militar, recentemente vestiu de uniforme, e coroou de capacetes a acabarem em agulhas de para-raios, modêlo Bismark!

Como a Inglàterra revela a consciencia da sua força tranquilla na ausencia completa do militarismo, que assoberba a maior parte das capitaes europeas!

A mão da auctoridade parece haver-se retirado, ao contrario do que vemos em Pariz e Madrid, de sobre a capital onde vivem tres milhões de homens, postando os *policemen* desarmados como balisas protectoras atravez do oceano da população.

Em Piccadilly, no Strand, e na encruzilhada de *Regent Street* a circulação, o movimento da cidade dão-lhe o aspecto de um *pandemonium* excepcional de pessoas a pé, omnibus, e carroagens que não acabam de passar.

Mas que gravidade imperturbavel paira sobre esta corrente immensa, da qual é impossivel fazer idêa aproximada, sem a ver derivar serena pelo vasto leito por onde se espraia!

A poeira, que por vezes se levantava debaixo das ferraduras dos cavallos e das rodas dos trens, cegando-me por instantes, despertou-me a lembrança das ruas da nossa Lisboa, que no verão se transformam em fabricas activas d'ophtalmias.

Hyde-Park ás duas horas da tarde é o ponto de reunião de innumeraveis cavalleiros e amazonas, mundo brilhante do *sport* e do *turf*.

Das quatro até ás sete affluem e giram pelas alamedas as carroagens da *fashion* aristocratica.

Que peregrinas formosuras as de tantas *ladies* e *misses* d'olhos azues do limpido anil do nosso céo em noite d'outomno, a cutis vaporosamente transparente, brancas como lirios, flexiveis como cannas, os cabellos finos e louros, como uma chuva d'ouro, esparzidos, ou annellados sobre o pescoço d'alabastro, os beiços animados d'um sorriso melancolico como se os roçasse um sonho d'amor!

A circumstancia de apparecerem em carroagem não é indifferente ao prestigio da sua belleza, mos-

trando-nos os rostos divinos, e occultando-nos os pés raramente ideaes.

É inutil dizer, que as magnificencias de Hyde-Park e a opulencia aristocratica dos seus frequentadores teem um expectador permanente e impassivel: outra estatua de lord Wellington. Desculpemos esta exuberancia de patriotismo, mais respeitavel pela sua sinceridade do que pela expressão artistica.

Os inglezes conservavam outr'ora no typo masculino a mesma immutabilidade uniforme, que se observa nos chinas e japonezes.

Vêr um inglez era vêr todos os seus compatriotas, tão completa era a similhança. Era mais do que uma familia, era uma edição estereotypada de gente. A cara britannica escanhoada todas as manhãs e apenas guarnecida até abaixo das orelhas por um segmento de suissas louras, ou ruivas que se estendiam para os lados como barbatanas de peixe, alterou-se profundamente. Agora, a cada passo se veem caras invadidas por florestas de barba e bigodes, que na força da vegetação impenetravel lembram as selvas americanas. Se esta monomania de barbas silvestres progredir nas faces inglezas, não admirará que façam parede os cutilleiros de Shefield, cujas navalhas estão ameaçadas de perpetua ociosidade.

D'antes a maravilha de Londres era o famoso *tunnel*, cuja arcaria todas as crianças da Europa estão condemnadas a contemplar, desde os cinco annos, n'uns cosmoramas economicos de papel pintado.

Hoje o *tunnel* não passa de um bazar frio e humido com a apparencia de hypogeu, cujas abobadas alagadiças reveem agua esverdeada.

Entre os pilares dos arcos ha lojas servidas por jovens caixeiras, parecidas com qualquer phisionomia feminina de vinheta de *Keepsake*. N'aquellas lojas vendem-se quinquilharias, vistas de Londres, e mil outras bugiarias, mostram-se *marionnettes*, e tocam-se *accordeons*. Mas de que serve? Cerca-nos uma athmosphera tam desconsolada e differente da que se respira na passagem Geoffroy e na galeria Vivienne!

A maravilha da actualidade, que destronou o *tunnel*, e que por ora não tem rival nas mais opulentas cidades do mundo, é o caminho de ferro subterraneo, por onde se circula atravez de Londres, mediante não me lembra que insignificante quantia, uns poucos metros abaixo do nivel do solo e dos alicerces das casas.

Como o sol em Londres é d'uma pallidez tal, que eu o confundia quasi sempre com a lua, ainda me pareceu mais risonho o aspecto do caminho de ferro allumiado por muitas luzes de gaz, onde se póde lêr perfeitamente, do que as ruas ao ar livre, nas quaes por occasião dos grandes nevoeiros o nariz da gente precisa d'um pharol pendurado n'elle, para não abalroar com o nariz do proximo, desarvorando-se reciprocamente.

É tal a claridade interior dos wagons, que, por

tres vezes, escapei a tempo ser pisado pelo meu visinho, cujas botas fataes eram capazes não só de me magoar, mas de me amputar os pés.

As estações assemelham-se nas entradas e sahidas á antiga de Santa Apolonia com os dois lanços d'escada, pela qual se descia até o pavimento onde estanceavam os trens de passageiros e mercadorias. Cubri de uma abobada de tijolo o espaço que percorreis; bordae de luzes de gaz, de letreiros e annuncios as paredes das estações e galerias; supponde-vos cercados d'inglezes silenciosos, que fazem a excursão subterranea ao vosso lado debruçados avidamente sobre o jornal, de que não despregam os olhos, e tereis corrido por um caminho de ferro debaixo do tumulto e do movimento prodigioso da grande cidade, sem que vos retardem um momento na vossa jornada as carroagens dos lords orgulhosos, diante das quaes o vosso *cab* de viajante corre muitas vezes o perigo de parar nas ruas magestosas, que passam por cima da vossa cabeça!

Perante estas emprezas arrojadas, que superam difficuldades invenciveis á força de perseverança e de milhões, quem poderá contestar a energia inimitavel da bella raça anglo-saxonia?

Se a Africa é designada pelos antigos como a patria dos monstros da natureza, á Inglaterra não cabe o titulo de paiz dos prodigios da civilisação? Inclinemo-nos diante d'ella, do seu admiravel senso pratico, da sua perseverança indomavel, da sua fé ro-

busta na liberdade, que os regulamentos meticulosos e as compressões da centralisação atrophiam nos outros povos, mas que alli respira desaffogada.

A iniciativa particular emprehendeu a viação subterranea de Londres, levou-a a cabo, e já medita rasgar novo caminho de ferro, que em alguns pontos terá de cruzar por baixo do actual! E a todos estes trabalhos o governo inglez foi e é completamente estranho pela ausencia de quaesquer privilegios, ou subsidios! Paiz unico no mundo, onde o governo não é a andadeira obrigada d'uma criança em perpetua minoridade que emphaticamente se chama nação, mas que se julga irremediavelmente perdida, quando não sente as caricias ou os desabrimentos do poder central, a um tempo tutor e carcereiro.

O palacio de Sydenham é outra prova eloquente da audacia da iniciativa britannica. O caminho de ferro, que de Londres conduz ao palacio de crystal conhecido de todos, mesmo dos que o não visitaram, tão descripto tem sido, não tem mãos a medir, como costumamos dizer.

Os comboyos são frequentes e partem litteralmente cheios. Á sahida de Londres, por entre o ruido infernal das locomotivas que parece quererem exterminar-se n'uma lucta furiosa, perpassando umas pelas outras com a rapidez de relampagos e soltando silvos estridentes, os olhos repousam agradavel-

mente nos *cottages*, que bordam os suburbios da cidade.

O *cottage* é o silencio, o recolhimento do inglez depois das fadigas do trabalho, ou das agitações da vida politica, no meio do descanço tranquillo dos carinhos da esposa e das filhas, cujos olhos cheios de casta suavidade se espelham nos seus, acompanhado d'uma Biblia e da impreterivel chavena de chá preto.

Não se julgue que exageramos a austeridade religiosa do inglez, quando lhe pomos a Biblia na estante do *cottage* ao lado da chicara de chá, companheira da qual elle sabe que nunca ha-de divorciar-se em nenhum transe da vida, o que não póde affirmar com igual segurança a respeito da sua propria mulher.

Um viajante allemão leu ha annos no frontespicio d'uma casa bancaria o seguinte rotulo: «Senhor, dirigi as nossas operações. A fortuna para mim, a honra para Deus.»

Como se associam tocantemente a aspiração para o Senhor, Deus do universo, e a religião do lucro, Deus da Inglaterra!

Como não ha-de respirar com voluptuosidade n'aquelles ninhos de verdura o inglez, sentindo-se distante das melancolicas perspectivas da casaria de Londres, denegrida pelo fumo do carvão de pedra, e perfilada ao longo das ruas sepulchraes?

Ora, em vez do espectaculo carrancudo das casas

negras e das chaminés cyclopicas de Londres, o inglez só vê no *cottage*, em redor de si, flores vecejantes, e carregadas de aromas a esmaltarem-lhe os canteiros do jardim, tapetes verdes de relva onde estremecem gotas de orvalho, faces rosadas, sorrisos infantis, n'uma palavra, a alegria na natureza e nos corações.

Sydenham é um dos logares que necessariamente attrahem a attenção do viajante pelos seus muzeus differentes, pela variedade multipla do estylo dos aposentos e pela salla enorme de concerto, na grande nave, onde, aos sons de um orgão colossal, se desprendem milhares de vozes em coros e melodias de um effeito poderoso e tocante.

Sydenham tem para mim um encanto particular na amenidade pittoresca do parque e nas perspectivas deliciosas da paisagem que descobre. Os olhos prendem-se-nos com suave enleio a uma ilha d'aspecto phantastico, coberta de vegetação e de folhagem, situada na extremidade do parque, cujas veredas sinuosas se bordam de flores e de arbustos e se ensombram de arvores frondentes.

Habita o parque, se o não guarda com os seus estranhos vultos, uma familia numerosa d'animaes antediluvianos, assustando o passeante solitario quando lhe apparecem de repente por entre as encrusilhadas e álamedas sombrias á hora do crepusculo.

O susto desvanece-se fitando-as, e reflectindo,

que seriam realmente terriveis, se não fossem de pedra.

No interior do palacio a gastronomia foi devidamente considerada em bellos estabelecimentos, aonde com o triplo passeio pelo caminho de ferro, pelo parque e pelas grandes naves, o apetite assume proporções tão vastas como os monstros de pedra, de que fallei. Felizmente as mezas estão amplamente providas e não receiam a invasão de mil Ugolinos devorados de fome.

Quando se compara o palacio da Industria dos Campos Elysios com o de Sydenham, vê-se a grande distancia, que separa os dois paizes pelo arrojo da iniciativa e pela audacia dos grandes commettimentos.

O palacio da Industria, desgracioso, insufficiente como é, para satisfazer ás condições inherentes a um edificio da sua natureza, foi levantado pelo governo. O de Sydenham, grandioso, monumental, cheio de variedade de estylos architectonicos, com um parque que respira magnificencia, é propriedade de uma companhia particular.

Se algumas difficuldades o tem combatido, nem por isso deixa de luctar corajosamente, sem mendigar os favores officiaes.

Aclimou-se devéras em Londres tudo quanto é colossal, e esta é a sua predilecção caracteristica, actualmente.

Não contente com as maravilhas do palacio de crystal, a iniciativa dos cidadãos, pouco antes da

minha chegada a Londres, acabava de lançar os fundamentos d'um edificio monstruoso, que se ha-de chamar o muzeu de South-Kensington.

A construcção do novo colosso está orçada approximadamente em dois mil e quinhentos contos de reis, quantia que oito dias bastaram para realisar entre os subscriptores!

É uma especie de camaleão o immenso edificio pelos fins multiplos a que ha-de ser dedicado. Um dia ha-de dizer-se: «vou ao theatro de South-Kensington»; dir-se-ha outro dia: «vou vêr o muzeu das artes e sciencias»; ainda outro se poderá dizer: «vou visitar o muzeu do Principe Alberto».

Effectivamente o enorme monumento ha-de servir simultaneamente, e se preciso fôr, ao mesmo tempo, de salla de concerto, de theatro, de muzeu, de exposição, e de amphitheatro para jogos e conferencias.

Em todas as galerias interiores, hão de caber quarenta mil espectadores, e no centro ha-de abrir-se uma arena para jogos equestres, que poderá accommodar mil pessoas pelo menos.

Pelo arrojo das suas proporções, o novo edificio britannico ameaça rivalisar em grandeza com os colyseus da antiguidade romana.

Dos theatros de Londres, já descriptos á sociedade por todos os viajantes, e de que não me occuparei, destaca pela feição peculiar o Alhambra, cujo frontispicio e ornamentações interiores reflectem as arcarias e rendilhados da architectura arabe.

Em redor da sala d'espectaculo corre, ao nivel da plateia, uma galeria rasgada em arcos ogivaes, esmaltados de côres e de douraduras, d'onde se goza o palco, como se se estivesse no recinto central.

Sobre as arcadas correm os camarotes e galerias. O espaço da plateia, que em todos os theatros fica occupado por bancos dispostos em fileira, não tem nenhuns. Cobrem-n'o litteralmente numerosas cadeiras, em redor de mesas circulares, servidas por criados, abancando-se a ellas os espectadores, que dividem a attenção entre as peripecias da scena e os refrescos ou excitantes que estão tomando sem descanço.

É a perspectiva dos passeios dos boulevards diante dos cafés encerrada nas paredes deslumbrantes d'um theatro.

Representam-se alli scenas comicas, e os celebres palhaços, mostram as suas habilidades, os concertistas de talento, nacionaes e estrangeiros, tocam acompanhados da orchestra que é excellente. Quando menos se espera, gargantea-se uma canção nacional ou o hymno inglez; e, sem convite previo nem premeditação de nenhuma especie, achamo-nos todos a acompanhar as vozes dos cantores inglezes, e do publico inteiro, que deixando por instantes as libações silenciosas, se associa ás notas dos cantores e aos sons da orchestra, n'um coro unisono e enthusiasta. Não se denuncia n'estes habitos a virilidade forte d'um povo, que, respeitando até á superstição as

conveniencias regradas e pautadas como uma pagina de musica, se commove nobremente quando lhe vibram a corda sensivel da patria e da liberdade?

Então fundem-se as neves do *improper*, o *cant* foge por instantes, e atravez da cinza da fleugma britannica crepita vivida a chamma do enthusiasmo.

Acabados os coros patrioticos, as phisionomias inglezas retomam a impassibilidade anterior, animando-se apenas com as facecias grotescas dos *clowns* e as repetidas libações de *pale ale* ou de *bock*.

O Alhambra é frequentado principalmente pelo *demi-monde* britannico e pelos estrangeiros, que aproveitam todas as distracções. As senhoras de distincção, quando o visitam, cedendo ao estimulo da curiosidade, procuram de preferencia as galerias, superiores reservadas, separando-se da agitação da platea.

No theatro Alhambra, como em Cremorn e em todos os sitios de reunião, veem-se muitas mulheres inglezas de cabellos pretos e abundantes e com a pelle dourada pelo sol ardente das regiões do sul.

Estes cambiantes que destacam dos collos e hombros d'alabastro das antigas filhas d'Albion, surprehende, pelo contraste inesperado, aos que se não lembram, de que a Inglaterra de hoje é o paiz da livre troca.

Se esta, applicada ao commercio, supprime as fronteiras e as alfandegas, applicada ao amor apaga

as divisorias das raças, baralhando-as n'uma confusão completa e universal.

Os inglezes frequentam muito pouco os cafés, e por isso ha poucos d'estes estabelecimentos em Londres.

Abundam porém os clubs, onde, segundo a posição social de cada um, os homens se reunem, para ler, jogar, conversar e distrahir-se. Muitos frequentadores lancham e jantam no club, cujos serviços de copa e de mesa são excellentes.

Os clubs aristocraticos ostentam grande luxo e conforto.

Á tristeza habitual do céo inglez accresce todas as semanas a melancolia dos domingos, em que cada uma das ruas de Londres parece uma avenida cercada de sepulchros, e os inglezes solitarios e esguios que as atravessam, uns cyprestes ambulantes de cemiterio.

O domingo em Londres é o mais formidavel engenho de semsaboria, que tem sahido da mão dos homens. Como se enchem de silencio e de pavor as ruas interminaveis da grande capital! Uma doze violenta e repetida de domingos londrinos, se não mata com a rapidez do acido prussico, mina surdamente, até as destruir de todo, as mais fortes organisações meridionaes, á maneira dos venenos lentos dos Borgias.

Os inglezes de hoje começam a fatigar-se de consummir a maior parte do domingo em ler a Biblia,

e emigram para os sitios amenos do campo, que em Inglaterra se esmalta de encantos pittorescos.

N'um domingo de setembro, o sol britannico, acceso em brios, rompeu a mortalha de nuvens alvacentas, dourando as agulhas do Parlamento e a cupola de S. Paulo. Os fulgores que derramava, eram tão explendidos, que na rua, a distancia de trinta passos, ás onze horas da manhã em *Glasshouse-Street*, resplandecia a meus olhos a phisionomia do meu antigo amigo Arantes, banhada n'uma luz brilhante como a dos quadros de Paulo Veronezo.

O apparecimento do sol, se não é festejado pelos habitantes de Londres com o fanatismo dos indios, é pelo menos um acontecimento. Para nós ambos era a presença querida d'um amigo, que no céo abençoado da patria, á hora em que levantamos a Deus a oração da manhã, nos sorri e anima.

Era impossivel, que dois portuguezes resistissem a saudar no horisonte desaffogado dos campos a reapparição do astro, que tão meridionalmente se despira da apparencia equivoca de lua de madreperola em terceira mão, como a da Norma em S. Carlos. Despedimo-nos ambos decedidos a procurar nos suburbios de Londres sombras amenas, tapetes arrelvados, e horisontes campestres.

Pouco depois achava-me na companhia de um meu amigo e patricio, excellente pratico de Londres, e o caminho de ferro transportava-nos a Richmond, bordada de *villas* elegantes, de *cottages* seductores,

de parques magnificos, em que os olhos e a alma se perdem nas vagas regiões do sonho.

Depois de percorrermos o parque real, voltamos aos terraços do jardim do hotel (em cuja escadaria se vê um quadro perpetuando a memoria da visita da rainha Victoria ao luxuoso estabelecimento), para contemplarmos os abysmos de verdura e as suaves perspectivas d'uma paizagem encantadora, cujos tons verdes são temperados pelas aguas limpidas d'uma ribeira que despraia pelas margens da varzea, sobre a qual se debruçam as arvores com os seus troncos entrelaçados de hera e os cimos vestidos de folhagem.

Experimenta-se a embriaguez innocente do idylio diante d'aquella scena deliciosa, e accodem-nos involuntariamente á memoria os nomes de Coleridge e Wordsworth, de Byron e Thomas Moore, cujas musas cantaram tão patheticamente a solidão, e a magia dos campos.

A' tarde, enchem-se de gente as salas em que nos servem um jantar fino, que nos reconcilia com a cosinha ingleza, e o estomago satisfeito associa-se em coro festivo aos extases da alma.

Poucas horas depois, quebra-se o encanto, quando nos achamos de noite, no meio de *Regent-Street*, vagueando em redor dos passeios silenciosos e quasi desertos, como sombras melancolicas á volta da lagôa Stygia.

Impossibilitado, por transtorno imprevisto, de as-

sistir a uma corrida de cavallos em Epsom, retomei á pressa o caminho diariamente percorrido de Charing Cross, regressando a Pariz, antes de se me esgotar de todo o deposito d'alegria com que me prevenira, para affrontar o peso incomparavel dos *plum-puddings* e dos nevoeiros de Londres.

Respirando de novo a athmosphera dos boulevards e do bosque de Bolonha, percebi, pela viveza do confronto, que deixára o paiz da industria perseverante, da energia indomavel, das emprezas colossaes, aonde a alma do cidadão se retempéra no ambiente da liberdade e do trabalho, como o ferro no calor incandescente das forjas.

Segredava-me, porém, o instincto de viajante, que Pariz será sempre para mim, o que é para quasi todos, a cidade amavel, risonha, espirituosa, que apaga todas as fronteiras e a todos acolhe por concidadãos, a patria da fina ironia e da jovialidade brilhante, a capital da sciencia austera e das elegancias frivolas, um mundo embriagante de enthusiasmo, de luxo, de arte, de loucuras e de pensamentos serios, aonde por vezes as scintillações do ideal impallideceu n'uma penumbra espêssa, para brilharem depois mais vividas e palpitantes.

Se n'aquella athmosphera abrazada esvoaçam miasmas deleterios, acaso não os suffocam a opulencia dos effluvios perfumados de sciencia, de arte e de civilisação, com que a Athenas moderna nos innunda a intelligencia, o sentimento, e o gosto?

Ah! Pariz, Pariz, tu és demasiadamente generosa, na soberana magestade da tua belleza, para perdoares aos que não reconhecem a seducção imperiosa dos teus encantos.

Astro-rei, imitam-te nos costumes, e nas modas, traduzem-te na litteratura e na sciencia, e allumiamse aos clarões, do teu genio, as mais polidas e adiantadas capitaes, cortejo humilde de satellites, que giram submissos á volta da tua orbita luminosa.

Se sacodes, ás vezes, o facho do incendio e semeias de ruinas e de cadaveres as tuas ruas e praças, que rumorejam com as canções alegres da vida, não é para resgatares os opprimidos e emancipares os escravos, derramando, como Jesus, o teu sangue pela redempção da humanidade?

Rodemos para o caes d'Austerlitz e tomemos o expresso de Bordeus. Além de Bordeus, começa a desvanecer-se o typo da França e a despontar a Hespanha nas charnecas aridas, e nos pinheiros cheios de melancolia que choram lagrimas de resina, alternando-se com as asinheiras e sobreiros, cujo aspecto aviva a lembrança das planicies alemtejanas.

Esfuma-se indecisa nos céos a cordilheira dos Pyreneus, e pouco depois desenha-se no horisonte a linha azul do oceano.

Passamos perto de Bayonna, cujas casas se debruçam sobre as aguas do porto aonde fluctuam ancorados alguns barcos francezes e hespanhoes.

A costa continua a ondular em zig-zag, mostran-

do-nos de vez em quando o mar franjado d'espuma a rolar na praia. Chegamos á estação de Biarritz. Saltam do comboyo duas actrizes do theatro de Bordeus e algumas familias que vão a banhos. Passamos S. João da Luz. Estamos já em Irun. A poucos passos de distancia estão-se contemplando d'um para o outro lado da fronteira os soldados francezes e os carabineiros hespanhoes. Pizamos finalmente terra da Hespanha. Eu te saudo, berço de Pelayo, e tumulo do Cid!

Não tardamos a fender nas azas da locomotiva as gargantas dos Pyreneus. Estes montes, contra a minha expectativa, nas visinhanças do oceano não se envolvem n'uma mortalha de gelos eternos, nem rasgam as nuvens com suas cristas inacessiveis. Pelo contrario, a natureza, alli, enfeita-se de matizes risonhos. A espaços, os flancos das serras vestem-se de rhododendros e de arbustos frondosos, e esmaltam-se de culturas. Nas pastagens pingues, que cobrem os valles e pendores das montanhas, ruminam os bois e as cabras, pastoreados pelos pegureiros vasconços. Á beira do caminho ou ás portas dos casebres rusticos, caiados e cobertos de telhas encarnadas apparecem raparigas de cintura fransina e olhos pretos e rasgados, despedindo olhares de fogo e desapparecendo, como os antigos Parthos vibravam as settas, fugindo.

O aspecto e a proximidade das provincias vascongadas acordam no nosso espirito a lembrança e o

nome de dous grandes poetas, que alli viram a luz, Antonio de Trueba e Bulhão Pato, o auctor dos *Cantares* e o poeta da *Paquita*, — poema que ha de ser a gloria eterna do poeta no futuro, como é no presente o desespero dos seus emulos.

É tempo de concluir a viagem e o livro. O auctor faz votos sinceros, para que no decurso d'estas paginas não adejem sobre a fronte do leitor benevolo as azas do somno, carregadas de papoulas, mas para que o embalem as Horas dos antigos poeticamente coroadas de rozas.

FIM.

ERROS MAIS NOTAVEIS

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
16	17	semilhante	circumstante
25	24	entremeadas	entremeados
52	22	fumos	Junos
90	9	desvendar	desvendar-vos
109	24	despenderem	desprenderem
112	11	desencatador	desencantador
150	6	*Corredores*	*Arredores*
151	18	d'aquella	d'aquelle
171	20	*doumont*	*daumont*
187	1	hypicondria	hypocondria
192	10	carnivoras	carnivoros
222	16	*abuminium*	*aluminium*
225	27	formadas	formados
269	25	sociedade	saciedade

LIVRARIA DA VIUVA MORÉ — EDITORA

Camillo Castello Branco

AGULHA EM PALHEIRO, 2.ª edição, revista pelo author, 1 vol. 500
AMOR DE PERDIÇÃO, 2.ª ed., revista pelo autor, 1 vol. 500
AMOR DE SALVAÇÃO . 500
ANNOS DE PROSA, romance — 1 vol. 8.º 500
DIVINDADE DE JESUS. 600
DOZE CASAMENTOS FELIZES, 2.ª ed. rev.—1 vol. . . 500
ESTRELLAS FUNESTAS 500
ESTRELLAS PROPICIAS 400
MEMORIAS DO CARCERE, 2.ª ed. rev.—2 vol. . . . 800
AS TRES IRMÃS, 2.ª ed. 500
ROMANCE D'UM HOMEM RICO, 2.ª ed. com um prefacio— 1 vol. 500
NO BOM JESUS DO MONTE, 1 vol. 500
ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS . . . 500
A SEREIA, 1 vol. . . . 500
UM LIVRO, 3.ª ed., com um prologo por Thomaz Ribeiro 500
O JUDEU, romance historico, 2 vol. . . . . 1$000
VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES 200

Luiz Augusto Rebello da Silva

A MOCIDADE DE D. JOÃO V, 2.ª edição, revista pelo autor—3 vol. . . . . 1$500

João de Andrade Corvo

UM ANNO NA CORTE, romance; nova ed. rev. 3 vol. . 1$500

Theophilo Braga

TEMPESTADES SONORAS, 1 vol. 500
POESIA DO DIREITO, 1 v. 500

Thomaz Ribeiro

SONS QUE PASSAM, 1 v. 1$00
D. JAYME, 3.ª ed., rev. 1 v. 60

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio

O BUSSACO E A SERRA D LOUZAN, 1 vol. . . . 50

Arnaldo Gama

O FILHO DO BALDAIA, vol. 60

Manoel Pinheiro Chagas

ENSAIOS CRITICOS, 1 v. 50
NOVOS ENSAIOS CRITICO 1 vol. 50
A MORGADINHA DE VAI FLOR (no prelo).
NOVELLAS HISTORICAS (n prelo) 50

Almeida Garrett (visconde)

PORTUGAL NA BALANÇA D EUROPA, 2.ª ed. 1 vol. . 60
DA EDUCAÇÃO, 2.ª ediçã, vol. 60
RETRATO DE VENUS e Historia da poesia e lingua portug za, 1 vol. . . . . . .

Ricardo Guimarães

IMPRESSÕES DE VIAGEM, vol. 5

Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão

DICCIONARIO GEOGRAPH CO de Portugal e suas possessõe Nova edição, 1 vol. in-8.º 50

Joseph Gregorio Lope da Camara Sinval

SERMÕES, com uma introducç por C. C. Branco, 1 vol. 1$0